ESPELHO POLIÉDRICO — POR JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS (NA PÁGINA CENTRAL)

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1970 N.º 17 177 ANO 50.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

EM CONSEQUÊNCIA DA «CRISE DOS RAPTOS»

Estado de emergência no Canadá

OTTAWA, 16 — (A. N. I. e F. P.) — O informador do Gabinete do primeiro-ministro do Canadá, Pierre Elliot Trudeau, anunciou hoje de manhã numa conferência de Imprensa realizada no Parlamento, a proclamação do estado de emergência em conformidade com a lei de 1952 acerca das medidas de guerra. Esta lei entrou em vigor às 4 da manhã locais (9 horas em Lisboa). Foram suspensas todas as liberdades civis no país e dados à Polícia poderes extraordinários de detenção, em face da deterioração da «crise dos raptos».

Os jornalistas foram convocados ainda de noite para uma conferência de Imprensa que devia realizar-se ás 4 da manhã (9 horas em Lisboa) mas que foi adiada depois para as 5 e 20 (10 e 20 em Lisboa).

EM PERIGO O REGIME DEMOCRÁTICO

QUEBEC, 16 — (F. P.) — O caso dos raptos de Cross

(Continua na ultima página)

Acusada de «flagrante ofensa da lei» a Direcção de Urbanização e Obras da Câmara Municipal de Lisboa

O presidente da Camara Municipal de Lisboa, eng.º Santos e Castro, ordenou a abertura de um inquérito á Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras, por verificar que a autorização para aumentar o numero de andares no prédio n.º 12 da Avenida de Roma foi dada «com flagrante ofensa da lei.»

O despacho do presidente do Município lisboeta, tornado publico no «Diário Municipal», determina, ainda, que *«seja anulado, por incompetência material do seu signatárino, o despacho do vice-presidente de 27 de Maio de 1969, que, por tal vício, não é susceptível de constituição de direitos, sendo certo que sómente em virtude de informações erradas dos serviços, ele foi possivel e que «seja imediatamente embargada a obra em curso.»*

Ao justificar o interesse publico destas decisões, o eng.º Santos e Castro diz, a certa altura no seu despacho:

«Não pode aceitar-se que a zona da importante artéria em causa venha a ser objecto — como fatalmente virá a ser se se não obstar á ampliação em curso — de um grave aumento do índice de ocupação estudado, dado que a Camara não poderia então negar a outros, como tem feito, aquilo que, sem qualquer estudo e sem qualquar aprovação superior, autorizou ao requerente.»

O director já fora transferido há meses

À frente da Direcção de Urbanização e Obras da Camara

(Continua na ultima página)

OS COSTUREIROS LONDRINOS continuam a insistir nos modelos metálicos. Desta vez, foi um regresso ao «duas-peças» em placas de aço. Será já no próximo Verão que as elegantes das praias vão vestir estas ligeiras armaduras?

BRASIL: RELATÓRIO SOBRE PRISÕES DE SACERDOTES

RIO DE JANEIRO, 16 — (R.) — A comissão da conferência nacional do episcopado brasileiro iniciou ontem uma reunião de dois dias para discutir o agravamento das relações entre a Igreja e o Estado e elaborar um relatório destinado ao presidente Emílio Garrastazu Médici, sobre as prisões de sacerdotes.

HÁ ONZE ANOS OS MÉDICOS LUTAVAM PELA SUA VIDA. Hoje, Berith Lindkvist, aos 22 anos, é mãe de uma menina saudável. O extraordinário deste caso reside no facto de Berith ter sido vitima de poliomielite, continuar em tratamento e estar 60 por cento paralisada. A força de vontade, no entanto, permitiu-lhe aprender a guiar um automóvel especial, e coser e a escrever a máquina. Eis a família Lindkvist

ÚLTIMAS NOTICIAS

(Ler na pág. 2)

HOJE 32 PAGS. VISADO PELA CENSURA

JOSEPHINE BAKER QUER UMA ILHA PARA OS SEUS «FILHOS»

ROMA, 16 — (F. P.) — Josephine Baker, desapossada há dois anos do seu castelo de Milandes, em que vivia com os seus numerosos filhos adoptivos, projecta comprar uma ilha ao largo de Ischia. A ilha é a de Ventotene, pertencente ao Estado, e Josephine Baker, que dava uma conferência de Imprensa antes do seu recital, pediu aos jornalistas o apoio para esta ideia. Se conseguir obter a ilha, fundará nela uma comunidade de 400 petizes, vindos de todas as partes do mundo.

Para realizar o seu novo sonho, Josephine decidiu, aos 64 anos, continuar a cantar. «Há muito que decidi dizer adeus ao palco», declarou, «mas continuarei a cantar enquanto tiver energias. Não creio que as minhas forças me traiam, pois quem ama, como eu, é sempre moça».

O CERTAME DE PINTURA «MOTIVOS DA COSTA DO SOL»

Conforme já foi anunciado e à semelhança do que tem acontecido em anos anteriores, a Sociedade Estoril-Sol promove, no próximo mês de Novembro, um certame internacional de pintura subordinado ao tema «Motivos da Costa do Sol». Os artistas (nacionais e estrangeiros) interessados em concorrer deverão enviar os seus trabalhos, acompanhados do respectivo boletim de inscrição, ao Casino Estoril (Secção Cultural) até ao próximo dia 31.

Recorda-se que para este certame a Estoril-Sol instituiu três prémios — de 10 mil, cinco mil e dois mil escudos — que serão atribuídos por um júri de que fazem parte representantes da entidade promotora, da Escola Superior de Belas-Artes e dos próprios artistas concorrentes.

VAI AO PORTO A EXPOSIÇÃO «O HOMEM E A MÁQUINA»

Por iniciativa da delegação do Porto da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e da Companhia IBM Portuguesa, estará patente ao publico de 20 a 28 deste mês, no salão de exposições da União dos Grémios dos Comerciantes do Porto, na Avenida Rodrigues de Freitas, 200, uma exposição fotográfica de Henri Cartier Bresson, subordinada ao tema «O Homem e a Máquina». A sua inauguração efectuar-se-á ás 18 horas do dia 20.

A exposição já esteve patente em várias cidades da Europa e dos Estados Unidos, onde alcançou extraordinário êxito, não só graças á alta qualidade das fotografias exibidas, mas sobretudo pelo valor humano que representam, obrigando o visitante a meditar nas relações entre a Ciência e a Técnica.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

SEGUNDO O «PRAVDA»

«A atitude de Washington imobilizou a Conferência de Paris»

MOSCOVO, 16 — (R.) — A «Pravda» afirma, hoje, que um dos objectivos do Plano de Paz para a Indochina apresentado pelo presidente Nixon é o de acalmar durante o período pré-eleitoral a oposição cada vez maior que, nos Estados Unidos, existe á Política de intervenção americana na Indochina.

Segundo a «Pravda» trata-se de uma tentativa, ainda que temporária, de dar a impressão que Washington deseja a paz e a coberto dessa manobra de propaganda pretende-se fortalecer a posição militar e reforçar os regimes vassalos.

Analisando ponto por ponto as propostas de Nixon, o comentador político Ivan Shchedrov diz que a aceitação do cessar-fogo significaria que as forças populares do Vietname, do Cambodja e do Laos deixariam de resistir em troca de vagas promessas americanas de negociações.

«Se isto não é um ultimato dirigido aos povos da Indochina para que deixem de lutar, então o que é?»

Comentando a proposta de Nixon sobre a realização de uma conferência internacional para resolver os problemas da Indochina, Shchedrov pergunta se existe alguma ris sobre o Vietname se encontra imobilizada».

O comentador da «Pravda» acusa ainda os Estados Unidos de estarem a tentar torpedear as conversações entre os chefes das várias facções laocianas.

vantagem nisso «uma vez que, devido á atitude de Washington, a conferência de Pa-

Noutro ponto salienta-se que Hanoi e o Vietcong rejeitam a proposta americana da retirada simultânea das tropas dos dois lados dizendo que, com essa proposta, os americanos procuram «colocar no mesmo pé o agressor e o povo vietnamita que é o agredido».

OS LUANDENSES PROCURAM GARRAFAS

LUANDA, 16 — (A. N. I.) — Os frequentadores das praias de Luanda têm olhado nestes últimos dias o mar, atentamente, em busca de garrafas que surjam a boiar, contendo no interior mensagens.

Não se trata, porém, de mensagens lançadas por algum naufrago perdido, pedindo socorro, mas sim do sistema utilizado pelos serviços de Marinha de Angola, que pretendem recolher elementos concretos sobre a poluição das águas e movimento das correntes, no litoral angolano.

Segundo os serviços avisaram a população, quem encontrar uma dessas garrafas deve anotar cuidadosamente o dia, a hora e o local da descoberta, para se conjugarem assim dados preciosos para o estudo que está a ser feito.

VOLTOU A LISBOA O SECRETÁRIO DA INDÚSTRIA

Ao aeroporto de Lisboa, vindo de Inglaterra, que visitou oficialmente, a convite do ministro inglês da Tecnologia, chegou, hoje o secretário de Estado da Indústria. A aguardá-lo, encontravam-se, além do Embaixador da Grã-Bretanha em Lisboa, representantes do Governo e da secretaria da Indústria.

Numa breve alocução, o eng.º Rogério Martins referiu á importância dos contactos havidos com entidades e industriais ingleses, com largo reflexo no futuro e posteriores negociações a nível europeu entre os dois países.

Deterioram-se em Coimbra algumas peças raras da iconografia de Sto. António

COIMBRA, 16 — Na última reunião da Câmara Municipal o vereador eng.º Azevedo Sobral chamou a atenção para o estado de deterioração em que se encontra a sacristia da igreja de Santo António dos Olivais, sugerindo que se solicitasse à Direcção do Ensino Superior e das Belas-Artes, pelo menos, auxílio técnico para reparação dos motivos ornamentais.

O antigo e velho convento de Santo António dos Olivais foi destruído por um violentíssimo incêndio que ocorreu em 1851, na noite de 10 para 11 de Novembro, vai fazer 119 anos. Desse incêndio salvaram-se apenas a igreja e a sacristia que ainda hoje existem.

Quanto áquela, diz o dr. Simões de Castri: «É lindíssima a pequena sacristia. Tem vistosas pinturas a fresco e é guarnecida de quadros que representam várias passagens da vida e milagres de Santo António. Há ali, também, uma pintura que se indica como o verdadeiro retrato do santo, tirado em Pádua, pouco antes da sua morte. Num retábulo que está na parte principal, com um vistoso altar, vê-se um quadro figurando o acto em que o santo tomou o hábito. É de Pascoal Parente.»

Segundo afirma o eng.º Azevedo Sobral, é tudo isto que está em riscos de se perder se não lhe for dada a protecção devida e que deve ser imediata.

Ocupa o lugar de inspector superior das Belas-Artes o sr. dr. Bairrão Oleiro que muito bem conhece aquela sacristia da igreja de Santo António dos Olivais e que, certamente, não deixará de empregar todos os seus esforços para que ela seja salva.

TERTÚLIA «FESTA BRAVA»

Efectua-se amanhã, pelas 13 horas, na sede da Tertulia «Festa Brava», um almoço, organizado pelo sócio sr. Vítor Matos, seguindo-se uma sessão de fados e guitarradas.

Realizam-se em Tomar as II Jornadas do Ensino de Anestesiologia

Promovidas pela Sociedade Portuguesa de Anestesiologia (secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa), vão realizar-se em Tomar, no Hotel dos Templários, nos dias 24 e 25, as II Jornadas do Ensino de Anestesiologia, destinadas a estagiários e internos de Anestesia (com exclusão dos que já sejam detentores do título de especialistas).

As Jornadas, no decorrer das quais haverá uma pequena exibição de firmas seleccionadas ligadas à Anestesiologia, iniciam-se no dia 24, às 16 e 30, com a projecção comentada de um filme científico sobre «Anestesia Dissociativa» pela Ketamina, seguida de uma revisão de conjunto sobre «Neuroleptoanalgesia», tema de que será introdutor o prof. Pinto Correia, do Hospital Escolar de Santa Maria, e em que serão intervenientes os drs. Alfredina Tamalho (Hospital de S. João); Irene M. da Silva (H. C. L.); Rui de Oliveira (Hospital de S. João); e Santos Marques (H. C. L.).

No mesmo dia, às 21 e 30, haverá uma sessão dedicada a técnicas anestésicas, na qual falam os drs. Lopes Soares, director de Serviço dos H. C. L., e Ramon de La Féria, director de Serviço do Sanatório D. Carlos I.

No domingo, a manhã será ocupada por uma mesa-redonda sobre «Problemas do Pós-operatório», em que servirá de moderador o dr. Luís Llamas, do Hospital de S. João, e em que intervêm os drs. Maria Antónia Braga (Hospital Geral de Santo António), Filipe da Cunha (H. C. L.), Alice Cid (Hospital de S. João), A. Neves da Costa (Centro Mat. Inf. dr. Bissaia Barreto), e Mariana Centieiro (H. C. L.).

As Jornadas encerram-se com um almoço de confraternização.

Arte fotográfica na «Voz do Operário»

Com trabalhos sobre «A criança e a escola» e de tema livre, abre amanhã ao público a exposição das fotografias premiadas no «I Salão Nacional de Arte Fotográfica de A Voz do Operário».

Artes plásticas

Noemi Fonts no Casino Estoril

Da artista Noemi Fonts inaugura-se, amanhã, ás 17 horas, no Casino Estoril, uma exposição que estará patente ao público até ao dia 25.

João Manuel Prates no Palácio Foz

Numa das salas do Palácio Foz, foi ontem inaugurada uma exposição de pintura do artista angolano João Manuel Prates.

Exposição de Gustavo Adolfo Sendis

Foi esta tarde inaugurada, no Palácio Foz, uma exposição de pintura do artista mexicano Gustavo Adolfo Sendis.

Maria Brigida no Centro do Livro Brasileiro

Amanhã, ás 18 horas, na galeria do Centro do Livro Brasileiro, na Rua Rodrigues Sampaio, é inaugurada uma exposição de quadros a óleo da pintora Maria Brígida.

Ema Brandão nas Belas-Artes

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes foi inaugurada uma exposição de arte em madeira de Ema Brandão, a qual está patente ao publico até ao dia 22 das 14 ás 20 horas.

Maria Luisa da Costa Gomes expõe no Palácio Foz

Está patente ao publico, numa das salas do Palácio Foz, uma exposição de pintura da artista Maria Luísa da Costa Gomes.

Artur Bual na Galeria Alvarez

PORTO, 16 — É inaugurada amanhã, ás 21 e 30, na Galeria Alvarez, uma exposição de desenhos e pinturas de Artur Bual, um dos mais representativos artistas da moderna pintura portuguesa.

Uma exposição na Póvoa de Varzim

PÓVOA DE VARZIM, 16 — É inauurada amanhã, no casino desta praia uma exposição de pintura do artista Claro Fangio, que apresentará pintura em relevo sobre tela, trabalho artístico ainda inédito entre nós.

Na mesma exposição estarão patentes obras de Paulo Vilas Boas.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

TELEVISORES
DAS MELHORES MARCAS
DESDE
51 CMS. COM UHF ... ... 3.500$00
61 CMS. COM UHF ... ... 4.000$00
OFERTA DE ANTENA PARA OS 2 PROGRAMAS
GARANTIA DE 2 ANOS
...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS
JOVICA
LISBOA (Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
(Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

Publicado na Inglaterra o projecto que regulamenta o direito de greve

LONDRES — O Sr. Robert Carr, ministro britânico da Produtividade e Emprego, tornou recentemente público o projecto de reforma das relações industriais, a ser submetido ao Parlamento, antes do fim deste ano. Este longo documento foi transmitido para opiniões e comentários às organizações patronais e sindicais, mas o Governo deu já claramente a entender que o projecto só poderia sofrer alterações de pormenor. O Governo espera que o projecto seja definitivamente adoptado no fim da sessão parlamentar de 1971, embora já se saiba que vai ser combatido pela oposição parlamentar trabalhista e pelos sindicatos.

POR HENRI PIERRE

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

Várias propostas feitas, nestes ultimos anos, pelos conservadores e já denunciadas pelos sindicatos e pelos trabalhistas, figuram no projecto governamental. O sr. Carr sublinhou nas suas declarações á Imprensa, que a reforma tinha por objecto a definição de novas estruturas e instituições e a especificação dos direitos e obrigações das entidades patronais e dos sindicatos. Em resumo: a reforma pretende criar um quadro legislativo «equitativo», adentro do qual as partes possam proceder á negociação livre e voluntária das suas convenções colectivas. Por outros termos e diferentemente dos seus antecessores, os conservadores, fiéis á sua filosofia politica, não são de entender que o Governo intervenha directamente nos conflitos de trabalho, a não ser nos casos em que esteja em perigo a integridade ou a própria vida da nação.

Estabelecimento de um registo

O projecto articula-se em torna de um tribunal, o Tribunal Nacional de Relações Industriais (N. I. R. C.) instancia suprema, que supervisa vários tribunais regionais e locais aos quais são submetidos os conflitos do trabalho. Outro elemento do mecanismo de conciliação é a Comissão das Relações Industriais (C. I. R.), já existente mas cujos poderes serão reforçados. Continuará a ser um organismo consultivo, mas poderá ser chamada a resolver os conflitos de competência entre os sindicatos, a elaborar sistemas de regulamento dos conflitos de trabalho, que, uma vez ratificados pelo (N. I. R. C.) terão força legal.

Outro elemento fundamental do novo projecto é o estabelecimento de um registo, no qual ficarão consignados os estatutos e organizações administrativas dos sindicatos. Todo o sindicato que consentisse que os seus membros ignorassem ou contrariassem os seus estatutos poderia ser eliminado do Registo. Assim o projecto propõe-se reforçar a autoridade dos «leaders» sindicalistas sobre as suas próprias hostes, no caso de estas desencadearem uma greve «não oficial». Com efeito, um sindicato riscado do Registo perderia um certo numero de privilégios e benefícios, respeitantes, nomeadamente, «ao direito de fixar as condições de admissão no sindicato dos trabalhadores da empresa sendo entendido que a *Clause Shop* (adesão obrigatória) é excluída, salvo se a maioria decidir diferentemente, á protecção dos operários despedidos, ao direito que o sindicato tem de ser regularmente informado acerca da marcha da empresa. «Finalmente, e, no caso de greve, um sindicato que não figure no Registo, deixará de estar protegido contra uma acção judicial que, lhe seja movida «por ter incitado os seus membros a desrespeitarem o contrato de trabalho.

Um período de reflexão

O projecto estabelece uma espécie de código de bom comportamento que as entidades patronais e os sindicatos deverão observar, sob pena de serem processados por «acções industriais desleais (enumeradas no projecto). Assim se especificam os direitos e obrigações das entidades patronais, mas também dos sindicalizados. O projecto visa, sobretudo, eliminar ao máximo as greves de simpatia e, bem entendido, as greves ditas «selvagens». Nos casos de conflitos não oficiais, as entidades patronais poderão pedir ao tribunal local indemnizações por perdas e danos contra os *leaders* do movimento de greve.

A N. I. C. poderá impor multas e, no caso de estas não serem pagas ou de as ordens do tribunal não serem cumpridas, os contraventores poderão teóricamente ser presos. No caso de greve de importancia nacional, fixa-se um período de reflexão (60 dias) por outro lado, no caso de não se manifestar claramente uma maioria favorável á greve, os trabalhadores pronunciar-se-ão por voto secreto.

O projecto do Governo britanico parece inspirar-se na legislação em vigor nos

(Continua na 18.ª página)

NOTA do dia

MAL DO TEMPO

NÃO VAMOS TENTAR mais um capítulo de comentário ao último discurso do Prof. Marcello Caetano, pois vamos, ao invés, tentar utilizá-lo como comentário às realidades ambientes, as que crescem em torno de nós, mesmo quando nós não damos por eles ou fazemos o possível por isso: «um clima mundial de contestação que por todo o lado pôs em causa sobretudo a juventude». O problema é esse. Não basta, porém, contestar simplesmente a contestação. Quando os sintomas são os mesmos, pouco mais ou menos, na América e na Europa, entre os nórdicos e entre os latinos, nos países de economia capitalista e nos de estrutura comunista, no mesmo país entre os ricos e entre os pobres, bom, isso então quer dizer qualquer coisa.

O que é que isto quer dizer, como fenómeno do tempo, talvez até nem seja difícil de entender. No fundo, trata-se de sinais de que o mundo, tal como está, isto é, a sociedade, tal como funciona, deixou de corresponder, não se dirá, ao que dela se espera, mas ao que ela própria exige de si mesma. E quando o Presidente do Conselho, no seu último discurso, ao abordar os chamados movimentos de juventude, se referiu às «pessoas de certa idade», dizendo ser moda elas «fazerem mea culpa perante os jovens», aí pôs o problema de ser a responsabilidade da crise atribuível a um sector certo ou identificável o seu trânsito por um canal certo, nesse caso o da família. E aí, estando muito, está longe de estar tudo.

A crise é outra, mais profunda e generalizada, assinalando-se lhe os sintomas, naturalmente, nos órgãos mais sensíveis. Claro que, no que diz respeito à juventude, esses sectores de hipersensibilização hão-de ser a escola e a família, que são os dois cadinhos onde se procura moldar a maneira de ser das camadas em formação. Mas a verdade é que, de um momento para o outro, todos os conceitos em que fomos formados nós, os da geração que atingiu os postos de domínio ou de controle, tudo isso, esses próprios conceitos e o que eles significam é o que está posto em causa. Como a família e a escola são os pontos onde mais abertamente se nota o exercício desse controle, por ser onde mais se faz o contacto, aí se verifica também com evidência maior a colisão.

O episódio dos vagões arrumados no desvio do Estádio e que uns «meninos» entre 16 e 18 anos (identificados pùblicamente segundo uma ética cujos bons fundamentos não vemos) desengatavam para assistir ao espectáculo de os ver deslizar e, se calhasse, vê-los também descarrilar, talvez não seja, porém, de relacionar directamente com o significado desse movimento generalizado, a que o Presidente do Conselho chamou, como toda a gente chama, de contestação. Mas evidentemente é-lhe consequente, por serem as raízes de um instinto de delinquência mergulhadas no banho de desagregação geral onde vão encontrar a seiva que os estimula.

A juventude reclama, por esse mundo fora, o direito a novos direitos. Muita gente não os entende e isso não admira, mas o natural é que eles venham a ser sucessivamente reconhecidos, como de facto aqui e ali o estão a ser: ensaia-se baixar a altura da maioridade civil, ensaia se baixar a altura de alcançar direitos políticos. Neste momento, parece-nos que isso é já um pendor irreversível. Mas é preciso sermos todos lúcidos, todos nós os cidadãos deste mundo, onde quer que estejamos, nós os que detemos hoje os pontos de direcção e nós também os que pretendemos aceder a eles mais cedo. Vamos todos embarcados na mesma barca. E aí é preciso dizer e entender: mais direitos? sim, senhores, mas também mis obrigações e maior responsabilidade. Uma coisa é o preço da outra. E então talvez todos sejamos capazes de entender o que é a fronteira entre aspirações ou mesmo reivindicações e delinquência. É a palavra.

RECTANGULOS da VIDA

JANTAR NA PRAIA

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Era um grupo a jantar no barracão azul erguido sobre a pequena praia deserta àquela hora. Um grupo e mais ninguém, a não ser o proprietário e a mulher deste, que cozinhara a refeição, ambos sentados lá para o fundo, a ouvir. Já se estava na sobremesa, e eles, o proprietário e a mulher, descansavam um pouco, e escutavam. Estavam decerto fatigados e aquela era uma maneira como qualquer outra de passar o tempo. O mundo vinha ter com eles, ali, durante alguns meses do ano, mas não se davam talvez conta disso. E àquela hora costumavam estar sós. Hoje era uma variante, por isso mesmo o «transistor» estava silencioso. Mulher e marido escutavam, portanto.

— Sim — dizia alguém. — O povo das aldeias mais recuadas sabe, hoje, o que se passa. Há a televisão, há a rádio.

— Será assim? — duvidava outro alguém. — Será assim, amigo? Ouvirão eles mais do que aquilo que desejam ouvir? Os cançonetistas que colaboram com o seu mau gosto, perdão, com o seu gosto não trabalhado, não ensinado, e as rubricas desportivas? Receberão o resto? Aceitarão o resto? Não lhes resvalará pela pele tudo o mais? Darão mesmo porque há mais coisas neste mundo de Cristo?

— Há bons programas, na rádio.

— Há. Mas ao mesmo tempo há programas maus. Basta dar a volta ao botão. Depois há o desporto em doses excessivas. Eu não sou contra o desporto, quando era novo joguei mesmo um pouco de futebol...

Aí, o dono da barraca aproximou-se, sorridente.

— Em que clube jogou o senhor?

O senhor em quesião ficou momentâneamente perturbado, depois disse o nome do clube. O dono da barraca lembrava-se de que no ano tal o referido clube ganhara determinado jogo. O senhor em questão assistira mesmo ao desafio e podia dizer que...

E daí por um instante estavam todos a falar de futebol. O dono da barraca ofereceu então uma aguardente de abrunho que foi muitíssimo apreciada.

MÓVEIS
Nórdicos e todos os estilos. Estofos — Colchões — Maples-cama
FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA
MOFEL
MÓVEIS FERLIM, LDA.
Rua de S. Bento, 243
Telef. 67 62 69

DOM PEPE
encerra
às 2.ªs-feiras

Em AGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência Oliveira Salazar, 54.

PRÉDIO
BENFICA
Construção moderna, de cimento armado, composto por 5 pisos, hab. 4 div. soalhadas, cozinha, 2 casas de banho, despensa, marquise, hall, rendas baixas, alugado.
RENDIMENTO — 199.200$00 PREÇO — 2.850 contos
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefs. 36 93 84/5/6 - 32 82 32/3 - 36 17 56

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

JEAN PAUL CARA

— MAIS UM DEGRAU DO ÊXITO NO «SHOW» DO CASINO ESTORIL

A cançoneta francesa — a eterna e sempre desejada cançoneta francesa — volta ao Casino Estoril. Vem pela voz de Jean Paul Cara, um jovem que começa agora a subir a escada do êxito, transpondo mais um degrau com esta sua apresentação entre nos. A sua presença e o sortilégio da canção francesa são um dos grandes trunfos «jogados» pelo Casino neste seu novo espectáculo. Outras cartas valiosas, num naipe homogeneo, são Lídia Ribeiro (artista portuguesa de méritos firmados) e The Kims (originais e fantasistas). Mas o «ás», quanto a nós, corresponde ao trepidante conjunto coreográfico Violette's American Show, constituído por dúzia e meia de esculturais bailarinas, todas elas dominando perfeitamente a técnica do moderno bailado ligeiro.

A par deste «show», a todos os títulos excelente, o Casino oferece ainda, todas as noites, aos seus frequentadores, a presença constante da música de Jirina's Combo, da Filarmónica Fraude e da orquestra de Ferrer Trindade. E, quem for ao «Wonder-Bar», tem também a possibilidade de admirar a exibição de Gilda Pearl, uma verdadeira estátua de carne.

ABC CINE-CLUBE

No cinema Lis amanhã, pelas 18 e 10, o ABC Cine-Clube promove a exibição do filme «Frankenstein criou a mulher» realizado por Terence Fischer e interpretado por Peter Cushing.

VIDA MUSICAL

Ópera na Covilhã para as comemorações do centenário da cidade

COVILHÃ, 16 — O Chefe do Estado deverá assistir nesta cidade ao espectáculo de ópera que a F. N. A. T. aqui organiza na próxima terça-feira, data do encerramento das comemorações do primeiro centenário de Covilhã cidade.

Será levada á cena a ópera «*Fausto*», de Gounod, representada e cantada pela Companhia Portuguesa de Ópera do Teatro da Trindade, com um elenco de que fazem parte Zuleica Saque, Carlos Jorge, Álvaro Malta, Hugo Casais, Susette Dias, João Veloso e Helena Cláudio, e que tem como maestro-director Silva Pereira e encenador Álvaro Benamor.

Colaboram a Orquestra Sinfónica do Porto, o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos e o Grupo de Bailados de Ana Máscolo.

Maquetas e cenários de Hugo Casero e José Manuel, e guarda-roupa de Peris Hermanos.

Concerto na Estufa Fria

O próximo concerto da Orquestra Sinfónica de Lisboa, marcado para a noite de segunda-feira, na Estufa Fria, é o último deste conjunto musical na temporada da iniciativa cultural do Município. A audição sob a regência do maestro Fernando Cabral e com a participação do solista de violoncelo Mario Camerini, compreende o seguinte programa: «El duca de Foix», de Marcos Portugal; «Concerto em si bemol maior», de Boccherini (para violoncelo e orquestra); «Uma noite no Monte Calvo», poema sinfónico de Mussorgsky; «Pequena suite», de Debussy; e «Os mestres cantores de Nuremberga», de Wagner.

Leonid Kogan no Porto

PORTO, 16 — No Teatro Rivoli, há esta noite, pelas 21 e 30, o primeiro concerto da temporada do Círculo de Cultura Musical, em que serão solistas o violinista Leonid Kogan e o pianista Naum Walter. Serão executadas sonatas de Prokofiev, Brahms e Tartini-Kreisler.

INICIAÇÃO TEATRAL NO INSTITUTO ITALIANO

Está aberta a inscrição para o 1.º ano do Curso de Iniciação Teatral do Instituto Italiano de Cultura, que se inicia em Novembro e consta de relaxação muscular, movimentação teatral, respiração e colocação da voz, mimodrama e improvisação.

O 2.º ano para os alunos que frequentaram o 1.º ano passado, já se iniciou e inclui, além das aulas de teatro, aulas de ginástica e «ballet» clássico.

Os cursos são dirigidos por Carmen Gonzalez e realizam-se na sede do Instituto Italiano (Rua do Salitre, 146, em Lisboa).

José de Medeiros, prof. do I. N. E. F. dá as aulas de ginástica e Manuela Rama orienta as aulas de «ballet».

Todas as informações são dadas pelo telefone 51667 (das 14 ás 15 horas).

ADULTOS

TEATRO ABC

Tel. 366745

TODAS AS NOITES, 2 SESSÕES: ÀS 20.55 E ÀS 23 HORAS
DOMINGOS: «MATINÉES» ÀS 16 HORAS
A FABULOSA SUPER-REVISTA

ALTO LÁ COM ELAS!

O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO
produção de JOSÉ MIGUEL
a voz de ouro de
TONY DE MATOS

Com os popularissimos actores
CAMILO e IVONE
a plástica sensacional de
IO APOLONI
LINDA SILVA
Maria Tavares — CONJUNTO SEM NOME — Nina Flores
● Marília Gama ● Lina Morgado ● Maria do Céu
ORLANDO FERNANDES — VITOR ESPADINHA (no compère)

30 MULHERES EXTRAORDINÁRIAS!
DESCANSO ÀS 4.as-FEIRAS

SANTARÉM

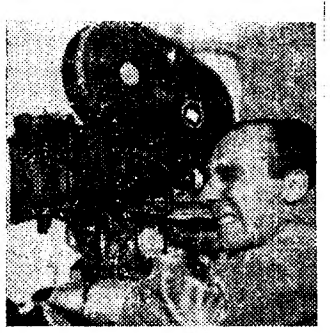
Pensamento de PICASSO sobre CHIBANGA

«... Ricardo Chibanga, ainda que dentro da norma classica que imprime ao seu labor, interessa-me muito e aborrecem-me os que não têm inspiração».

É este toureiro de personalidade original e serena valentia que em SANTARÉM, no dia 18, vai competir com o novilheiro n.º 1 de Espanha — Galloso, um fenómeno de 17 anos que este ano já lidou mais de 120 touros, cortou 136 orelhas, 25 rabos e saiu 37 vezes aos ombros.

Alternativa sempre actual, entre
J. MESTRE BATISTA e L. MIGUEL DA VEIGA
Confraternização entre Antigos e Actuais FORCADOS AMADORES DE SANTAREM
8 TOIROS DE M. ASSUNÇÃO COIMBRA
Um cartaz à altura do prestígio da Monumental de Santarém
PREÇOS BARATOS —
Desde: Sol 30$00 — Sombra-Sol 45$00 — Sombra 90$00

DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS NA SEMANA INTERNACIONAL DO CINEMA COLORIDO DE BARCELONA



O documentário «LISBOA É SEMPRE LISBOA», do realizador Francisco Saalfeld representa PORTUGAL naquele certame de 24 de Outubro a 1 de Novembro.

Este realizador já representou o nosso país nos Festivais Internacionais de BERLIM em 1967 e de BARCELONA em 1968, com o filme «OUTONO EM LISBOA», 1969 em SAN SEBASTIAN com o filme «COLECÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN» e, por outro lado, continua desenvolvendo grande labor, realizando e preparando outras películas, «PULVERIZAÇÃO AÉREA» e «NOVA TERRA» documentários coloridos.

CONCURSO DE TEATRO AMADOR ORGANIZADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO COM A COLABORAÇÃO DA F. N. A. T. E DA F. P. C. C. R.

TEATRO MONUMENTAL
Às 21.45 horas

Dia 17 — «ARMADILHA PARA UM HOMEM Só», pelo Grupo Desportivo da Sociedade Central de Cervejas de Coimbra
Dia 18 — «O AVANÇADO CENTRO MORREU AO AMANHECER», pelo Grupo Mérito Dramático Avintense de Avintes — Gaia
Dia 19 — «JUSTIÇA», pelo Grupo Recreativo de Tercena
Dia 20 — «O FILHO SÒZINHO», pelo Grupo Cénico da Casa do Povo de Arcos — Estremoz
Dia 21 — «AS MÃOS DE ABRAÃO ZACUT», pelo Associação Recreativa «Os Plebeus Avintenses» de Avintes — Gaia
Dia 22 — «A FORJA», pela Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense, de Montemor-o-Novo
Dia 23 — «O LUGRE», pelo Grupo Dramático Musical JNP de Chamusca

Bilhetes à venda aos preços de 12$00, 10$00, 5$00 e 2$50

MARIA VITÓRIA

ADULTOS

● TODAS AS NOITES, ÀS 20,45 e 23 H.
GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM
A REVISTA TRIUNFANTE!
•PIMENTA NA LÍNGUA!...

JOSÉ VIANA

AIDA BAPTISTA

Um grande e sensacional elenco, com:
● JOSÉ VIANA ● AIDA BAPTISTA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
NICOLAU BREYNER
● ANITA GUERREIRO
(Prémio Estêvão Amarante — 1970)
● RONY VALY
Atracção brasileira
No «compère»
● OCTÁVIO DE MATOS
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!
● DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

VILA FRANCA DE XIRA

DOMINGO, 18 DE OUTUBRO, ÀS 17 H. M/ 6 ANOS
Grandioso Festival Tauromáquico
EM BENEFÍCIO DO BANDARILHEIRO JOAQUIM CLARO
com a colaboração de GRANDES FIGURAS DO TOUREIO
8 PRECIOSOS NOVILHOS DE CASTA
BILHETES: AGENCIA ABEP — RESTAURADORES
E EM VILA FRANCA NOS LOCAIS DO COSTUME

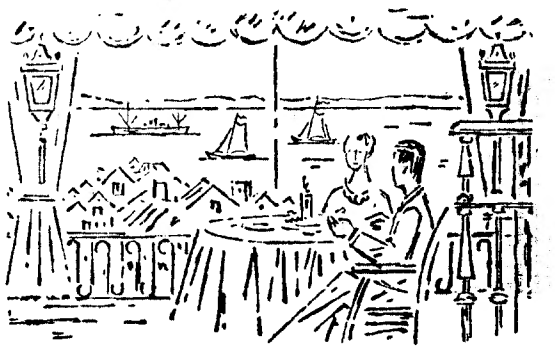
ÚLTIMO ESPECTÁCULO • HOJE: ÀS 21,45 H.
HARKNESS BALLET DE NOVA YORK

● ATENÇÃO ●
A Fundação «HARKNESS BALLET» representada pelo Ex.mo Sr. Dr. Constantino Varela Cid e Vasco Morgado oferecem a receita do espectáculo de hoje a favor da Liga Portuguesa contra o Cancro e Obra Particular a favor dos Doentes do Centro de Cirurgia-Cardíaca e Serviço de Propedêutica Cirúrgica do Hospital de Santa Maria.

NO TEATRO
MONUMENTAL
(M/ 12 anos) T. 555133

PROGRAMA
I — Pas de fiance
II — Percussion for 6
III — Abyss
IV — Bartok Concerto

Varanda do Chanceler



RESERVADO
AMANHÃ
AO ALMOÇO

PARA A AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO
"Atlântica"

LATINA

Tanto espaço para estudar!

O futuro constrói-se com trabalho. E também com inteligência.
Ao esforço de construir Santo António dos Cavaleiros
junta-se a vontade do seu filho se instruir.
Mas, para o ajudar, Santo António dos Cavaleiros oferece-lhe
o ambiente onde pode tirar todo o rendimento dos seus estudos.
A paz, a quietude, e o ar livre. Tão longe dos ruídos da cidade.
Tão longe do que o perturba e distrai.
Leve-o à sua futura casa em Santo António dos Cavaleiros.
Onde há espaço para estudar. Espaço para correr.
Espaço para ser feliz.
Espera-o ali uma equipa de técnicos, apta a encontrar
soluções para as suas conveniências.

SANTO ANTÔNIO DOS CAVALEIROS
uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA – Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL.
Av. da Liberdade, 9 – Lisboa 2/Telef.: 326314 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros – Estrada de Loures – Telef.: 2530865
Visitas todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.as feiras.

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

THE KIMS
ORIGINAIS FANTASISTAS

LÍDIA RIBEIRO
com RAUL SILVA e ANTÓNIO LUÍS GOMES

VIOLETTE'S
AMERICAN SHOW

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

GILDA PEARL
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.
MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR Á 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

NO CINEMA, ÀS 17 E ÀS 21.30 (M. 12 anos)
O TESOURO INACESSÍVEL

O ÚLTIMO PROGRAMA DO HARKNESS BALLET

Com o 3.º programa chegou ao fim a exibição do «Harkness Ballet» no Monumental. As impressões formadas ao longo desta curta série, a respeito da orientação e do interesse da Companhia, coincide, aliás, com aquelas que colhemos nos espectáculos iniciais. O elenco foi radicalmente modificado em relação ao que actuara há seis meses em São Carlos, desta vez não vieram estrelas propriamente ditas; mas o nível técnico dos bailarinos mantém-se, em geral, cuidado e elevado. Por outro lado, é o eclectismo que constitui a linha estética que prevalece nas realizações do agrupamento. Esse eclectismo nunca se atreve a posições extremistas, situa-se num meio-termo comedido e prudente, talvez demasiado prudente, com largo apoio num fundo de tradições clássicas.

Precisamente o interesse pela dança académico-clássica e a boa preparação dos elementos do «Harkness Ballet» em tal sentido transpareceu nitidamente no bailado que abriu a sessão de ontem: *Pas de Fiancées*, a cargo de seis bailarinas, das quais importa destacar Jane Niller e Susan Loehr. Apenas achámos demasiada sobrecarga nos atavios da indumentária...

O bailado seguinte, bastante descosido formalmente e aproveitando — ou assim nos pareceu — sugestões muito diversas derivadas inclusive de danças orientais, africanas e americanas, impôs-se no entanto, tanto pelo que implica da valorização da dança masculina, como pela notável realização que teve da parte dos seis bailarinos (com destaque para Zane Wilson). *Percussão para 6* (tal é o seu título) fica como uma das manifestações mais curiosas e interessantes desta pequena temporada do *Harkness Ballet*, e o público manifestou eloquentemente a sua adesão.

Já conhecíamos o bailado que preencheu a segunda parte do programa: *Abismo*, desde o tempo em que Shibine era director artístico do «Harkness Ballet». Envelheceu um tanto e alonga-se excessivamente, mas não deixa de se ver com agrado. Sugere-nos o drama de um par que é perturbado no seu amor pelos instintos brutais dos homens. Mas o sentimento que une os dois jovens acaba por triunfar da violência que os separara durante algum tempo. Este dado genérico é glosado através de um estilo em que se combinam dança académico-clássica e expressionismo. Jane Niller e Gary Wahl afirmaram-se intérpretes excelentes, sabendo criar uma admirável atmosfera de lirismo.

O espectáculo terminou com *Concerto de Bartok*, do qual é justo salientar o belo «pas-de-deux» do andamento central.

NUNO BARREIROS

A RELÍQUIA
de EÇA DE QUEIROZ
ESTA EM MADRID
no
TEATRO MARIA GUERRERO
onde representa o teatro português no
I Festival Internacional de Madrid
mas volta quarta-feira, dia 21, data do
1.º ANIVERSÁRIO do
Teatro Maria Matos TELEF. 717017
para duas semanas de despedida antes da estreia de
O INOCENTE, de Calvo Sotelo
a denúncia satírica onde a brincar se dizem coisas muito sérias (M. 17 anos)

COLISEU
HOJE, ÀS 21.30
(Maiores de 12 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
As maiores atracções
Números de sensação
ÚLTIMOS DIAS
SÓ ATÉ DOMINGO
AMANHÃ
À TARDE, ás 16 h., entrada gratuita ás crianças dos 6 aos 10 anos
À NOITE, ás 21.30, podem assistir crianças a partir dos 6 anos

NO CUME DA SUA IMPRESSIONANTE BELEZA PRODUZ O SEU ÚLTIMO TRABALHO AO LADO DE INTÉRPRETES FAMOSOS!

12+1 doze mais uma
VITTORIO GASSMAN • ORSON WELLS • VITTORIO DE SICA
TERRY THOMAS • MYLENE DEMONGEOT

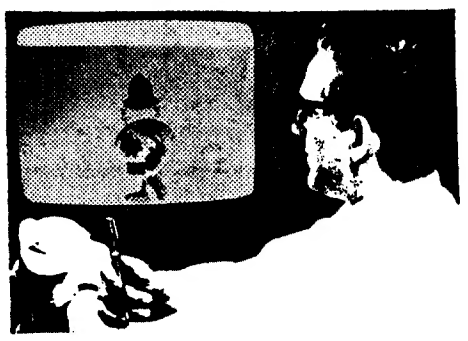
ESTREIA-HOJE
CONDES E ROMA
ÀS 21.30 ÀS 21.45
FILMES OCIDENTE — TECHNICOLOR
ADULTOS

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO ADULTOS

O VISON VOADOR
TEATRO CAPITÓLIO 327493
HOJE, às 21.45 h.
Sábado, às 21 horas
e às 23 horas
QUASE UM ANO
COM RAUL SOLNADO
MARIA PAULA • FERNANDA BORSATTI • YOLA
MARIA LAURENT • GEORGINA CORDEIRO • MARIA
ARTUR SEMEDO • VASCO DE LIMA COUTO
DAVID SILVA • ROLANDO ALVES
UMA COMÉDIA SEXACIONAL

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

O CRIADO
MAIORES 17 ANOS
a obra fundamental de JOSEPH LOSEY
4.ª SEMANA
UM ÊXITO EM
SÃO LUIZ ALVALADE
um excl. RIVUS



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

TUDO CONTRA A INÊS: ATÉ O FUTEBOL

Inês de Castro não morreu apenas uma vez às mãos dos enviados de Pêro Coelho e seus pares: morreu em muitas outras ocasiões às mãos de dramaturgos inábeis, exploradores das fáceis emoções. Ninguém levou em Portugal tantas punhaladas como a Inês coitadinha ao longo destes séculos todos. De cada vez que a ressuscitavam, era para a matarem logo a seguir. Há destinos assim.

Quanto à emissão de ontem, o nome de Luís-Francisco Rebello dava-me alguma tranquilidade, embora nunca fiando. Essa tranquilidade nem sequer esmoreceu ao ouvi-lo falar da obra, na linguagem cerradamente literária, inimiga número um da televisão, que é a sua quando defronte das câmaras. Lamente-se, contudo, que Luís-Francisco Rebello não haja entendido ainda a necessidade de falar para as pessoas menos batidas no negócio. Lamente-se que não haja ainda compreendido como são vãs, pueris, desajustadas e ridículas *ali* expressões como *dimensão mítica, encenação de tipo expressionista, furor dionisíaco, sonho premonitório*, e muitas outras, próprias de menino do liceu com a ideia de deslumbrar amigos, amigas e pessoas de família. A cultura entende-se como sendo a capacidade de entendermos, na sua essência, as relações entre os homens, aquilo que o momento histórico exige de cada um de nós numa perspectiva do futuro. Acto cultural contém sempre uma intenção desalienadora, libertadora, espantadora de fantasmas e mentiras. Acreditará Luís-Francisco Rebello que, usando-se como se usa nas habituais apresentações, estará a fazer obra cultural na amplitude que o meio da televisão lho permitiria?

Aquele tom imperial já não se suporta

Pois dizia eu que não esmoreceu aí minha tranquilidade, e alguma razão tive para isso: muito haveria a esperar do conhecimento e da experiência de Rebello. E afinal?

Afinal, sim, senhores, é inegável: os olhos comeram que se fartaram, os olhos

Caveiras perfeitamente hediondas

ontem apanharam uma indigestão. Creio que em nenhum teatro da RTP houve, como ontem, mais gente por metro quadrado. Luxo asiático de bailes, mímica, coros, rodas e tropelias, turbilhão de Feira Popular, cabeçudos e gigantones da Senhora da Agonia de Medos e Pavores da pobre Inês, transida no sonho premonitório, caveiras perfeitamente hediondas, rancho de ceifeiros, movimentos òrríveis dos crueis matadores, com seus machados aguçados na luz calada de Brás Ruivo, meninos no medalhão, meninos na brincadeira, óóóóóóóóóóóóóóóóóó (como diria Manuela Machado) pura inocência!, máscaras papalvas em macroplanos (que medo, ò Zeus!).

Ora, apesar de tanta gente em tamanha confusão, a história, não há dúvida, apanhou-se toda pelos olhos. Quem estivesse um pouquinho no segredo do conto, seguia tudo sem dificuldade só pela imagem. Quer dizer: o que na «Castro» é de superficial, de historieta-malagueta contada ao serão, apareceu nas imagens. A visão pode lavar daí as telemãos: missão cumprida. Mas o resto?

O resto, ou seja, a arte literária, o verso quase insuperável de António Ferreiro, as razões que dão à tragédia uma justificação (porque, não o esqueçamos, estamos em presença de uma tragédia com justificação no real, como bem ensinou Luís-Francisco Rebello a quem soube entendê-lo), o equilíbrio, a contenção, o valor de cada palavra, a beleza, o jogo, digamos: a estética, isso que, na realidade, representa a grande força da arte como elemento educativo, purificador e libertador do homem — isso, infelizmente, quase tudo se perdeu.

E perdeu-se, suponho, porque se tentou salvá-lo. As máscaras não estavam ali apenas para dar cor local grega: era também um processo de pôr os actores em disponibilidade para a boa execução do texto. O que sucedeu foi contraproducente: mutiladas dos lábios, as palavras ficaram longe, ausentes, incorpóreas. As vozes estavam «*off*», não estavam «*in*». Estavam *in* as imagens e por isso o público acedia a elas com maior facilidade. O texto funcionava ali como um comentário á acção. António Ferreira, ontem, substituiu Alves dos Santos. Houve, por vezes a sensação de que os actores podiam calar-se, sem qualquer desvantagem, o que já não acontece no relato desportivo, pois é sempre indispensável referenciar os atletas, explicar certas situações, etc. Por vezes, os actores podiam não apenas calar-se: *deviam* calar-se.

Foi, pois, toda a acção do espectador canalizada para a imagem, ao contrário do que sucede no teatro de palco. Resta-nos a esperança de que a representação chame a atenção do publico para o livro, para o texto e então, através da leitura, faça a colheita dos frutos de ouro que António Ferreira lhe oferece.

O que se tem dito visa, especialmente, a participação de Herlander Peyroteo no levantamento da obra. É certo que frequentemente se aturdiu com a avalancha humana e de materiais; é certo que determinadas repetições se tornaram monótonas e sem razão, é certo que o mau gosto (por exemplo, os meninos no medalhão) chegou a espreitar pelo buraco da fechadura. A verdade também é que assistimos a uma movimentação de camaras como raramente tem acontecido; a verdade é que algumas vezes Herlander Peyroteo fugiu *aparentemente* ao texto, servindo-lhe

(Continua na 13.ª página)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Grupo Coral «Os Ceifeiros de Cuba, 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pousa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 40: Portugal nos Trópicos, por Mário Príncipe; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por Orquestras; 20 40: 11.º Episódio do Folhetim «A Cidade e as Serras»; 21: Noticiário — Aqui Rodésia, programa cedido pela Emissora Oficial da Rodésia; 21 e 20: Solos de órgão; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção d. Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, por António João Bispo; 22 e 30: Fados, por Benvindo Cruz e Manuel Dias; 22 e 50: Musica, só musica; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Folclore do Mundo — Musica da China — Musica da Indonésia; 16 e 25: Curiosidades musicais — Concertos «Eco» do século XVIII; 17 e 05: Musica de câmara; 19: O Canto e os seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 19 e 45: Musica de Arco; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica de piano — Nocturno n.º 6 (Fauré), por Evelyne Crochet; 20 e 30: Musica de câmara; 21: Musica sinfónica; 22: Teatro do Século XIX: «O Genro do Senhor Poirier», de E. Angier e J. Sandeau, pelo dr. Eurico Lisboa. 22 e 40: Concerto em dó maior, para trompete e orquestra (Tomasi). Trompete, Maurice André; Orquestra Sinfónica da Rádio de Luxemburgo, sob a direcção de Louis de Froment; 22 e 58: Fecho.

Programa — MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 23: 1.º e 2.º Actos da ópera «D. Carlos» (Verdi); 0 e 35: Sonata n.º 3, em ré maior op. 24 (Enesco). Piano, Dinu Lipatti; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Presença-Jazz; 19 e 30: Fados; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 16: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Dois ritmos; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 08: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Fecho.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02. Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

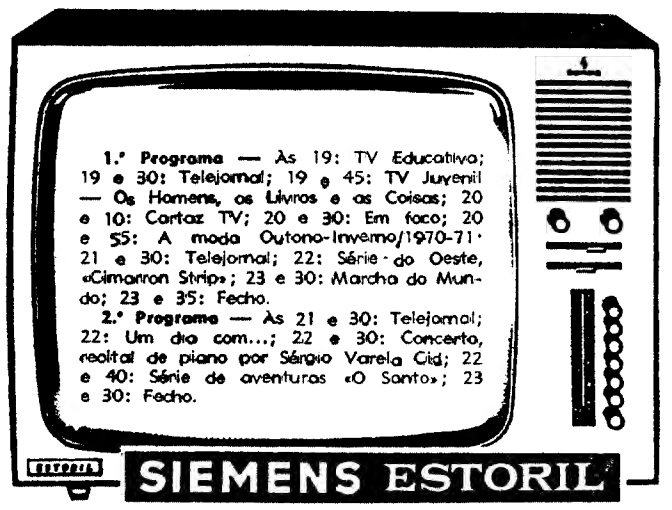
Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia o dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 238,2 mc/s — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Mahranata; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Transmissão da extracção da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Filme de série «Os Meus Sobrinhos», com Brian Keith, Sebastian Cabot; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Directamente de... A Água não Conhece Fronteiras, 15 e 10: TV Educativa — Educação Musical — crianças; 15 e 35: Série juvenil «Daktari»; 16 e 30: TV infantil; 17: Desenhos animados «Kimba»; 17 e 30: Progama feminino; 18: Estúdio sem marcação; 18 e 30: Teledesporto; 19: Homens e aviões; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Série juvenil «Skyppy»; 20 e 15: ...E a vida continua...; 20 e 30: Mesa-redonda; 21: e 30: Telejornal, 3.ª edição, e Boletim Meteorológico; 22: Dia Mundial das Missões; 22 e 5: Folhetim os «Os Cavaleiros do Céu»; 22 e 35: Variedades: Dova, conjunto musical «Os Músicos», «Ballet» Esmeralda y Pepe Lara e Vicente da Câmara; 23 e 30: Marcha do Mundo, e 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de cinema «Os Três Mosqueteiros», com Georges Marchal, Bourvil e Gino Cervi, e 23 e 45: Fecho.

AS CERVEJAS NOS «BARES» DOS CINEMAS

Qual a percentagem de lucro autorizada para a venda de cervejas e refrescos nos «bares» dos cinemas, dos teatros, dos campos de futebol e das praças de toiros? Estarão esses «bares» sujeitos a alguma legislação especial que os autorize a vender as garrafas normais de cerveja a 7$00 (e mais), auferindo assim um lucro que ultrapassa largamente os 100 %? Ou trata-se, simplesmente, de especulação?

Nos ultimos tempos, a I. G. A. E., prosseguindo na sua louvável tarefa de combater os abusos nos preços de venda de produtos ao publico, tem autuado inumeros comerciantes e industriais de hotelaria. Estamos a lembrar-nos, por exemplo, do caso do restaurante de Loulé que vendia cervejas com um lucro — se não estamos em erro — de 127 %.

Ora, a percentagem abusiva cobrada pelo restaurante louletano não é superior (antes pelo contrário) á que estão a auferir os «bares» dos cinemas e teatros de Lisboa. Com efeito, segundo julgamos saber, uma cerveja custa ao retalhista 2$80.

Mas... admitamos que há uma legislação especial que favorece os «bares». Porquê? É que a incomodidade desses bares (as bebidas são tomadas de pé, ao balcão) seria, isso sim, motivo para redução nos preços. A I. G. A. E. que esclareça.

T. da L.

«A VOZ DO OPERÁRIO» TEM MAIS UMA ESCOLA

Na sua incessante campanha para a dignificação do Homem através da cultura, a Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», fundada em 11 de Outubro de 1879, vai dispor, a partir de amanhã, de mais uma escola, a Privativa n.º 7, na Travessa das Amoreiras, 1, a Arroios.

Destinada ao ensino infantil, a nova escola que tem o nome do prof. Manuel Diogo da Silva, encontra-se instalada num imóvel doado á instituição pelos seus associados dr. Mário Garcia da Silva e sua esposa, D. Maria Palmira Diogo da Silva Garcia da Silva. Este casal de beneméritos, anteriormente, fizera uma doação que foi perpetuar, numa das salas da sede de «A Voz do Operário», o nome do artista plástico Henrique Pimenta Diogo da Silva, que, integrado no Corpo Expedicionário Português, com o posto de alferes miliciano, faleceu, mutilado e prisioneiro dos alemães, na batalha de La Lis, em 9 de Abril de 1918.

A doação do imóvel onde vai funcionar a escola n.º 7, a inaugurar amanhã, verificou-se em Abril de 1969. Como dissemos, o estabelecimento de ensino tem a designação de «Escola Prof. Doutor Manuel Diogo da Silva», homenagem á memória de um ilustre professor da Escola de Medicina Veterinária, nascido em Freixedas, concelho de Pinhel, a 12 de Junho de 1859.

O Circo de Moscovo faz a sua apresentação num «cocktail» no Ritz

Os elementos artísticos que constituem a companhia oficial do Circo do Estado Soviético da U. R. S. S. (Circo de Moscovo) serão apresentados aos órgãos de Informação durante um «cocktail» que decorrerá no Hotel Ritz, na próxima terça-feira, ás 18 e 30.

O famoso agrupamento circense, com êxitos conquistados em todo o mundo, actuará em Lisboa durante quinze dias, a partir de 23 deste mês, na sala do Coliseu dos Recreios.

É, aliás, a empresa Ricardo Covões, Herdeiros, que promove o «cocktail» de apresentação.

COMEÇA HOJE UM SEMINÁRIO SOBRE PORCELANA CHINESA

Integrado nas iniciativas de extensão cultural do Museu Calouste Gulbenkian, inicia-se esta tarde, ás 18 e 15, o Seminário sobre Porcelana Chinesa, orientado por madame Daisy Lion Goldschmidt, «chargés de mission» no Museu Guimet, de Paris, conferencista dos museus nacionais de França, personalidade altamente competente no estudo e conversação de colecções de arte da China e do Japão, autora de vasta obra especializada no estudo das cerâmicas antigas, que desde há alguns anos vem prestando colaboração á Fundação Gulbenkian para o estudo e divulgação das suas colecções de arte chinesa.

O curso tem o seguinte programa: hoje, ás 18 e 15, «Caracteristicas gerais da porcelana chinesa. A sua importancia na China. A sua influência no Mundo»; dia 19, á mesma hora, «Pesquisas e progresso desde as origens ao século XIII»; dias 21 e 23, também ás 18 e 15, «A Porcelana nas epocas Yuan e Ming. O «azul e branco» e «As porcelanas esmaltadas»; dia 26, «A porcelana na época Ts'ing. Família verde. Biscoitos», e, no dia 28, encerramento do curso, com o tema «Família Rosa». Porcelanas Imperiais e porcelanas de exportação. As grandes colecções no Ocidente.»

O seminário realiza-se na sala de conferências do edifício do Museu Calouste Gulbenkian.

MUSEU GULBENKIAN

Um grupo de 35 membros da «Contemporary Art Society», de Londres, visitou o Museu Calouste Gulbenkian, acompanhado de «miss» Hamawn. Os componentes daquela sociedade britanica foram recebidos no átrio do Museu pela sr.ª dr.ª D. Maria Teresa Gomes Ferreira, conservadora-chefe, que lhes fez uma breve exposição sobre o que é o Museu Calouste Gulbenkian e a sua preciosa colecção, seguindo-se a visita orientada por uma guia especializada.

Os membros da «Contemporary Art Society» percorreram demorada e atentamente as salas do Museu, ouvindo com o maior interesse os esclarecimentos que lhes eram prestados.

A fachada da nova escola da Voz do Operário. O edifício fica situado na Travessa das Amoreiras, a Arroios

Assalto a duas firmas da cidade

A firma Econabe, sita na Praça D. Luís, foi assaltada por meio de arrombamento, tendo os larápios levado três mil escudos em dinheiro, uma máquina fotográfica Kodak, canetas esferográficas, etc.

— Também o escritório da firma Telépsia, na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, recebeu a visita (sempre inesperada...) de gatunos. Colheita efectuada: uma máquina de escrever no valor de 10 mil escudos, um cofre portátil, um gira-discos e um fato de homem.

O brigadeiro Luís Nascimento novo director do Colégio Militar

No próximo dia 21, ás 11 e 30, em cerimónia a realizar no Colégio Militar, toma posse do cargo de director deste estabelecimento de ensino o brigadeiro Luís Mário do Nascimento.

Este oficial-general foi até há dias governador militar da Madeira, funções de que se despediu no passado sábado.

18.ª Conferência dos Estados-Maiores Peninsulares

Com sessões privadas prosseguiram hoje, os trabalhos da 18.ª Conferência dos Estados-Maiores Peninsulares que decorrem no Quartel-General do Governo Militar de Lisboa, e em que participam missões dos vários ramos das Forças Armadas de Portugal e da Espanha. As sessões terminam na próxima terça-feira, com a sessão de encerramento ás 15 horas.

Fados e guitarradas nos «Peixinhos»

O Grupo de Instrução e Desporto «Os Peixinhos», da Quinta dos Peixinhos, J.P.V., promove, todos os sábados, a partir de amanhã, ás 22 horas, sessões de fados e guitarradas com alguns dos nossos melhores artistas. Aos domingos, também á noite, há baile.

ESCOLA FRANCISCO ARRUDA

Amanhã, com início ás 9 horas, na Escola Francisco Arruda, efectua-se mais uma das habituais sessões culturais, integradas nas actividades circum-escolares daquele estabelecimento de ensino.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

22.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 16 de Outubro de 1970

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
Av Praia da Vitória, 50-E
Telef 536080
AMANHÃ
FEIJOADA A PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE FRANGO À VALENCIANA
Diàriamente SARRABULHO
Aberto aos Domingos

NO RESTAURANTE
NO SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef 228244
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHA

JANTE NA TARANTELA
EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS

O mais típico restaurante do Algarve é
A Toca do Caracol
em ALCANTARILHA
(a 2 km de Armação de Pêra)
— Cozinha regional —

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 5 anos)
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

OH LACERDA!
UM CONVITE PERMANENTE
R Dr Silva Teles, 18-A

ESTE É O CONJUNTO ESPERANÇA

Em Loureiro de Baixo, lugarejo da freguesia de Grijó, concelho de Gaia, sete jovens estão empenhados na música regional. Constituíram o Conjunto Típico Esperança. Esperança na música claro. E nas possibilidades de cada um devidamente conjugadas. Tocam e cantam para o povo. São editados pela Orfeu a partir do disco que está em fabrico e se intitula «Gostas de mim ou não». As outras composições «Regressa ao lar», «Meu amor é ciumento» e «Três modas». O conjunto é constituído por: Manuel do Couto Almeida (acordeão e autor de todas as canções do agrupamento), José Fernandes dos Santos (acordeão), António Neves da Silva (violão), António Oliveira Neves (violão), José Pinto da Silva, Joaquim Pinto e Joaquim Mendes (vocalistas). O grupo é formado por dois carpinteiros, um pintor, um empreiteiro, um industrial, um tipógrafo e um serralheiro-mecânico. Actuaram em Viseu, Vila Real, Póvoa de Varzim, Braga, Vila do Conde, Leiria, Espinho, Miranda, no Porto entre muitas outras localidades. Compraram um automóvel e vão a qualquer ponto do país. Preparam para breve a sua apresentação em Lisboa.

* aceite o nosso CONVITE *

Amplia-se, dia a dia, entre os leitores do «Diário de Lisboa» o interesse por «Aceite o nosso convite», iniciativa que proporciona — sem o menor dispêndio — ensejo de ouvir cantar o fado, dançar ou presenciar belos «shows» nos melhores restaurantes típicos e «boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

Algumas horas no ambiente acolhedor de restaurantes típicos e «boites», horas muito agradáveis são oferecidas a várias dezenas de concorrentes.

Com efeito, semanalmente, realizamos um sorteio entre todos os concorrentes (e são milhares de participantes) onde se designam os premiados. Estes, com um acompanhante (parente ou amigo) terão ao seu dispor uma noite verdadeiramente inesquecível em qualquer dos seguintes estabelecitos:

Addagio, Adega Machado, Arabita de Alfama, Archote Club, Baiúca, Bonapart Bar, Casino Estoril, Folclore, Forte Velho, Galeria Real, Hippopótamo, Kaverna, Lar Português, Maxime, Marcia Condessa, Mil e Um, O Forcado, Parreirinha de Alfama, Pop-Fado, Solar da Madragoa, Snob, Tágide, Taverna do Embuçado, Timpanas, Terraço das Estrelas, Fragata Real, Severa, Guitarra da Madragoa, Solar do Minho, Sanzala, Luso e Guitarra de Alfama.

ARTUR DUARTE
FAZ AMANHÃ 75 ANOS

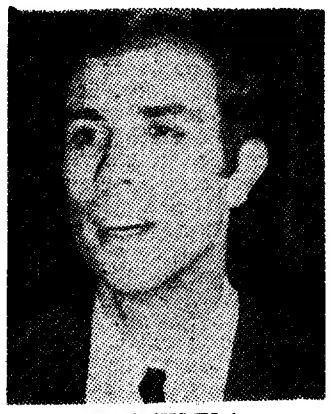
Artur Duarte tem sido, sem dúvida, um dos nossos mais operosos homens de cinema, responsável por algumas das comédias de maior êxito apresentadas na tela («O Costa do Castelo», «O Leão da Estrela» e «Dois dias no Paraíso», entre outras), além de realizações de outro nível («A Garça e a Serpente» e «Encontro com a morte», este ainda inédito entre nós).

Pois Artur Duarte completa amanhã precisamente 75 anos. Mas a idade não conta para este homem de extraordinária actividade. A festa de homenagem e comemoração dos seus 50 anos de actividade, assinalados com um espectáculo realizado em 1967 no São Luís, não foi o ponto final numa vida inteira de trabalho em palcos, estúdios e «plateaux» de diversos países da Europa e da América. Parece ter marcado o início de um novo ciclo na carreira de Artur Duarte que tem prevista a planificação do «Sinal n.º 100», filme que confia venha a ser subsidiado e narrará a epopeia do comandante Carvalho Araújo na primeira Grande Guerra, e trabalha presentemente na adaptação cinenina Feia», de Manuel Frederico Pressler.

O veterano realizador confia que a nova lei de Cinema venha a oferecer mais amplas possibilidades aos profissionais, e confia com optimismo. Em resumo: Artur Duarte não envelhece — mesmo fazendo amanhã 75 anos.

FILIPE DUARTE NOVO «LP»

Filipe Duarte, agora no elenco da «Baleeira» vai gravar um novo «LP» (a editar pela «Marfer»), e na quase totalidade preenchido com reportório de que é autor Artur Ribeiro.



JOSÉ VILELA

JOSÉ VILELA
UMA VOZ NO «MACHADO»

Muito jovem ainda pertenceu a vários agrupamentos vocais antes de se decidir a cantar a solo. Em Lisboa, revelou-se no restaurante de António dos Santos, em Alfama, acompanhando-se à viola em baladas e canções. Mas ele pretendia cantar o fado. Por isso, logo que surgiu a oportunidade, ingressou no elenco da Adega Machado, onde, agora com Jorge Fontes e Américo Silva apresenta, num estilo pessoal, interpretações de fados tradicionais. Gravou já um disco (para a «Movieplay») e prepara-se para outro para que tem já seleccionados poemas inéditos.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Fiora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos ✲ **Consumo mínimo 50$00 ✲ Beco do Espírito Santo, 1 ✲ Telef. 868200.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 19 ✲ Telef. 860816.**

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Noroerto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Cândida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ✲ **P. da Alegria, 58 ✲ Telef. 367093 ✲ Encerra à segunda-feira.**

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Lizete Maria, José Teixeira, Maria José Ramos e Francisco Martinho. Tocam: António Parreira e José Inácio. Aberto todos os dias ✲ **Rua da Esperança, 174 ✲ Telef. 661915 ✲ Cons. mín. 50$00.**

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduarda Maria, Natália dos Anjos e Artur dos Santos. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses ✲ **Rua do Vigário, 60 ✲ Telef. 866811.**

FOLCLORE

elenco: Armindo Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues. Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 9 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves ✲ **Cons. mín. 120$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telef. 35007-323486 ✲ Encerra ao domingo.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Tôrquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones 676655-67341.**

A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Paz da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57 ✲ Telef. 34006 ✲ Encerra à quinta-feira.**

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Lourinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto ✲ **Cons. mín.40$00 ✲ Travessa da Espera, 8 ✲ Telefone 35464 ✲ Encerra às 5 da madrugada.**

LUSO

Elenco: Maria da Fé, Tristão da Silva, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em todos de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Tels. 362889-328503.**

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues e Fernando Maurício. Tocam: João Alberto e Manuel Martins ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Travessa de S. Miguel, 22 ✲ Alfama ✲ Telefone 868552.**

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ R. das Taipas, 14 ✲ Tel. 327256.**

A KAVERNA

cantam: Celeste Mota, Tina Santos, Renato Mota. Tocam: Armandinho Maia e José Maria Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus, 37 ✲ Telef. 35593.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Armando Miranda. Folclore pelo Conj. Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa, Fernando Reis ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ R. de Borroca, 139 ✲ Telefs. 36960 e 30532 ✲ Encerra às terças-feiras**

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ **Cons. mín. 80$00 ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 669857 ✲ Encerra ao domingo.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeraldo Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva ✲ **Conc. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs 30095-328713 ✲ Encerra à segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossana Lima, João Cabra. Tocam: Eggard Nogueira (guitarra) e Armindo Gonçalves (viola) ✲ **Encerra aos domingos ✲ Rua da Adiça, 9 ✲ Telef. 86345.**

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua do Rosa. 219 ✲ Telef. 368579.**

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Encerra ao domingo ✲ Cons. mín. 35$00. Largo do Pereireire, 7 (Alfama) ✲ Telf. 868505**

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva ✲ **Encerra às 2.ª-feiras ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) ✲ Telef. 213259.**

RESTAURANTES, BARES, «BOITES» E «DANCINGS»

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A Telef. 48334 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28 ✲ Telef. 370889 ✲ Passia com Correia da Silva ✲ Encerra às 3 e 30

POP-FADO

E. Ferreira Lopes, 38-D-C.T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

ARCHOTE-CLUB

Discos ✲ Rua D. Filipa de Vilhena

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 75 ✲ Telef. 539171

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 ✲ Campo Grande ✲ Telef. 790172 ✲ Encerra às 3,30.

BAIUCA

R. da Barroca, 86 ✲ Telef. 34700

LORD

Rua Victor Cordon 14-A ✲ Telef. ✲ 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro ✲ SINTRA ✲ Telef. 981461 Encerra à meia-noite

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. ✲ R. de S. Miguel, 70 (Alfama) ✲ Tel. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Rua de Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra às 3 horas.

TÁGIDE

Variedades internacionais ✲ **Largo da Biblioteca, 18-22 ✲ Aberto ao domingo.**

SNOB

Rua do «O Século», 178 ✲ Telef. 33723.

TAMILA

Marão e s/ Conjunto, **Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo reportório ✲ Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Rua Carlos Bale 51-A ✲ Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 - 264526 264596 - 264621 - 264946**

FORTE VELHO

Pego ✲ S. João do Estoril ✲ Telef. 261337.

O ESPELHO POLIÉDRICO

José Rodrigues Miguéis

Sim. Já de longa data muito boa gente embirrava comigo: ou porque eu era risonho, irónico, imaginoso, histriónico — coisas condenadas entre génios mazombos, mais propensos à letra, ao dogma, à cartilha, do que à invenção, ao humor ou à criação pessoal; ou porque, do lado «sério» agora, ao mesmo tempo idealista, racionalista e realista, sempre *do contra*, mas crente e comprometido, renunciante e até agressivo, eu falava disto e daquilo, fazia discursos e escrevia artigos com finalidade. Nem eles nem eu podíamos então compreender as razões disso, a que logo voltarei.

Convenci-me de que não poderia agradar aos plásticos (como aos estetas e aos modernistas em geral), a quem porventura inquietava ou perturbava: questão de incompatibilidade visceral e anímica entre o sensorial-intuitivo ou instintivo, de que os artistas se julgam portadores, e o racional e crítico, que eles me supunham ser exclusivamente. Mas não há categorias absolutas, e o autêntico artista é tudo isso ao mesmo tempo, um ser completo. As nossas relações raro passavam do «Olá!» casual da rua ou do café, se a tanto chegavam. Amador *pompier*, consciente disso e sem ilusões (por isso cedo desisti de o ser), ficava aselha, intimidado, inferior, na presença deles. Por outro lado, constrangia-me o seu «profissionalismo»: relações mundanas, encomendas, neutralismo, um espírito prático, enfim, que, sob o exterior boémio e rebelde, os levava a agradar ao cliente sem olhar a considerações outras, e até a beijar a mão que dá o pão e o castigo. Não sacrificávamos aos mesmos deuses, ou ídolos, muito embora os meus não fossem só nem sempre «políticos». Pobre do escritor de ideias, com princípios e responsabilidades, que, na sua suposta rectidão, não tinha outras compensações que as da consciência! Não via eu que o artista (afora os casos de génio) é de facto um profissional, sujeito por isso às regras do comercialismo; enquanto que o escritor era, ao tempo, um mero enfeite ou acessório intelectual, dispensável. Tudo mudou muito desde então, e o escritor pode hoje, sem que a consciência o morda, pôr o seu talento criador ao serviço do banqueiro ou do salsicheiro, como, dantes, ao serviço duma causa.

Nada disso me impediu porém de fazer entre eles, embora sempre com um sentimento das distâncias, algumas sólidas, compensadoras e duradouras amizades, que nunca explorei, como é corrente, para lhes extrair ofertas gratuitas das suas obras. Por exemplo, o escultor Bettencourt, que morava perto de mim, a Sete-Rios, num palácio-pardieiro, onde o vi fazer por suas mãos o berço da filhinha Leonor, que mais tarde seria escultora também, perguntou-me um dia quanto me pagavam por um artigo ou história que me custava três dias de suores: «Cinquenta escudos», respondi. «Que vergonha! Eu faço o busto dum açambarcador em hora e meia, e ganho um conto e quinhentos!» (Mas ambos éramos mal pagos...)

O José Tagarro, outro dos números talentos precocemente desaparecidos, sem ter podido dar-nos os frutos da maturidade, pouca sorte a nossa, procurava-me, discutia comigo os seus trabalhos, ouvia-me: havia entre nós, sob o contraste dos temperamentos, muitas afinidades. Era sensível, bondoso, não-espectacular, sofredor e sem malícia, um anjo algo sombrio. Tinha um riso espasmódico que lhe doía: abominou Chaplin porque este o «forçava» a rir... Convivemos muito. Deambulámos juntos, subíamos o Almirante Reis pela placa central, cantarolando a música que sabíamos de cor (aproximadamente), dos muitos concertos a que assistíamos, e eu da muita que levara vinte anos a ouvir. No artigo *in memoriam* que lhe dediquei, «José Tagarro e o seu segredo», evoquei-o, de noite e à chuva, alto e estrábico sob a luz dos lampiões, a ler-me com a sua voz profunda e sentida os poemas de Pascoaes que trazia no bolso da gabardina: ou a soluçar de dor, num cúbículo em trevas, pela morte do pai, obscuro artista-jardineiro. O seu «segredo» era o senso das ocultas harmonias da vida, uma sensibilidade aberta simultâneamente à poesia, às formas, à música, ao sofrimento.

Foi ele, muito antes do Diogo, o primeiro que esboçou por duas vezes o meu retrato a lápis: um, era eu estudante, acompanhou *n'O Século* um artino de fundo (aliás discurso lido uma tarde no Teatro Nacional de Dona Maria, então de Almeida Garrett). — «O pensamento republicano e a geração nova», que Julião Quintinha me arrancara: o segundo, à pena, saiu na *Seara Nova* (outro discurso!) e tem reaparecido em várias publicações e épocas. Ambos os originais me foram discretamente subtraídos. Lembro-me de ele me dizer um dia, a respeito de um escritor ilustre cujo carácter pedagógico lhe repugnava: «Nunca seria capaz de pintar o retrato dele!»

Era na época em que ele se procurava (de resto, como eu). Embora algumas das suas ilustrações resultassem um tanto rígidas no traçado a nanquim, ele teria sido, além de pintor, um dos nossos mais extraordinários desenhadores. Veio um dia mostrar-me a esplêndida colecção de «lápis» que executara durante umas férias na província: gente do campo, novos e velhos, mulheres, e sobretudo crianças de delicicsa fisionomia, em que pude distinguir os olhos azuis dos olhos verdes. «Como é que você consegue...?» espantou-se o Tagarro. Mas era ele que o tornara possível com a sua técnica prodigiosa do lápis, que dava (em preto) a doçura dos olhos azuis e os reflexos esmeraldinos e duros dos olhos verdes. Esta minha acuidade visual e revelação da qualidade mágica do seu lápis, aproximou-nos mais. O artista gosta e precisa de que o «sintam». Reconhecia em mim um certo senso plástico, indispensável à contemplação das obras de arte, e que eu procuraria exprimir em prosa.

Na minha audácia e forçada ociosidade de hesitante, cheguei a pintar a óleo: naturezas-mortas, o que tinha mais à mão. O Tagarro trabalhava então no atelier dum amigo, na avenida Casal Ribeiro, um pouco acima da grande garagem que ainda lá estava há poucos anos, num primeiro andar de varandim corrido, ao fundo dum jardim. Um dia o Manuel Mendes, modelo fácil, sugeriu que eu pintasse o seu retrato. Fomos até lá. Não posou (de perfil) mais de uma hora: o bastante para dormitar, que o dia estava quente. O desenho não saiu mal, «parecido», mas não passei, nem o sabeneia, das primeira aplicação ou indicação das tintas: melhor assim, porque o não estraguei de todo. Quando chegou e viu aquilo, o Tagarro ficou mudo. Ao cabo de alguns minutos disse: «Vai para casa? Eu acompanho-o.» Fomos calados todo o caminho, eu a engolir em seco. Subimos, ele sentou-se a olhar-me, muito tempo calado. E no fim: «Fez-me pensar no Puvis de Chavannes...» Não sei como não caí da cadeira abaixo. Que queria ele dizer? Era um elogio ou uma censura? Nunca o cheguei a perceber. Mas o traço largo, maior que o modelo, o ar decorativo, a cor ténue, deviam dar-lhe razão. O certo é que não voltei a pintar, nem acabei o «retrato», que o representado me devolveu muitos anos depois, farto talvez de o ver entre os seus muitos retratos de autênticos pintores. Assim o conservo.

Mais tarde Ofélia Marques desenhou-me, espichado numa cadeira de braços, o ar infantil que ela pendia a ver em todos nós, o sorriso bicudo, as «bolsinhas de raposa» (os masseteres) bem visíveis... Foi numa noite de rambóia na casa da então rua dos Caetanos, hoje ornada de três lápides a lembrar as celebridades que ali moraram — mas ainda não (que eu saiba) Ofélia nem Bernardo Marques. Esse desenho ilustrou em 1935 uma palestra minha na Universidade Popular Portuguesa, sobre «Canções de terra e mar da Sicília», depois inserta num dos volumes de *Divulgação Musical* de Luís da Câmara Reys e Dona Ema Romero, sua esposa. Também não tenho o original.

Talvez porque era «pedagógico» ou um mau modelo, nunca tentaram o meu retrato os outros artistas de quem fui ou sou ainda amigo: o Bernardo, o Fred Kradolfer (que pintou o de minha filha, tinha ela seis anos), Sousa Lopes, que me ofereceu uma esplêndida gravura da Grande Guerra em prémio do artigo que a respeito dele escrevi na *Seara* (gravura que também se perdeu na voragem), o Abel Manta, que um dia surpreendi a esquissar-me à socapa, no consultório do professor Pulido, nem a extraordinária Maria Keil, que fez, em chapas fotográficas expostas, as ilustrações para uma segunda edição da *Páscoa*, nunca consumada: nem essas me chegaram às mãos, não é curioso? Só o Carlos Botelho, há poucos anos, traçou a minha caricatura para um artigo a meu respeito no *Diário de Lisboa*.

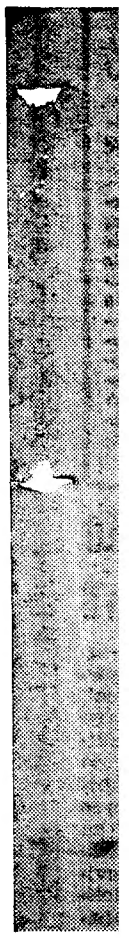
Nem sequer sou fotogénico. Pareço diferente em todos os retratos. Nunca pedi que me fotografassem nem me estampassem a vera efígie nos periódicos. Quando foi da minha breve lua-de-mel com os leitores portugueses, em 1958-59, o meu editor Manuel Correia tirou-me em meia hora catorze fotos, algumas delas excelentes, que têm andado pelas montras e balcões das livrarias e em publicações diversas. Houve logo uma boa-alma que foi resmungar em letra impressa contra os maus hábitos publicitários que se estavam apoderando dos nossos editores.

Mas tive por esse tempo uma grande consolação: foi quando uma tarde encontrei o Almada Negreiros à esquina de São Nicolau e da rua Nova do Almada. Mal nos conhecíamos, e ele entreteve-se a explorar-me todo com os seus olhos prodigiosos, para concluir que, afinal, é bom sermos todos diferentes, porque isso faz o nosso pequeno e monótono mundo mais habitável e variado. Creio até que simpatizou comigo. Ao fim de trinta anos.

E um moço pintor, que é também escritor de ideias, dizia-me não há muito: «Quando ando lá por fora, é a ler os seus livros que eu sinto melhor a nossa terra e gente...»

Parece afinal que os plásticos e eu ficámos reconciliados. — J.R.M.

LAMENTO — SÁTIRA DA SAZÃO QUENTE (II)



Esta jov
novo tip
em serv
barato,
ca. Este
veniente
como fi
Encharc
pretend
á chuv
tempo –
e intimi
de amo
do novo
para

EST

Do nosso Mensal Pi
lho, reside
ral Silva
dt., em Li
seguinte c

«Porque
a situação
seguir e
muitos ou
da Previd
circunstân
dade de,
vosso jorn
ção dos re
seguinte:

«Durant
balhei na
presa em
do para a
dência dos
Escritório
Corporativ
54.746.

CORPO DOCENTE DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Foram contratados como professores, além do quadro, equiparados a catedráticos com diuturnidade, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra os licenciados Césor da Silva, Literatura Brasileira; Silvio Edmundo Elia, Linguística Romanica; Emile Planchard, Pedagogia e Didáctica e José Sebastião da Silva Dias, História da Cultura Portuguesa; e equiparados a professores extraordinários, os srs. drs. Geraldo Sintra, Introdução aos Estudos Linguísticos e rev. António Nogueira Gonçalves, História da Arte.

Em COIMBRA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na AGÊNCIA DE AUGUSTO FRINDADE JORGE — Rua Capelo Ivens, 79

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS
Director — PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL
1.ª Secção — RUA MOUZINHO DA SILVEIRA, 25 (Metro — Rotunda)
2.ª Secção — AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 25 (Metro — Picoas)
Telefone geral 53 84 94

exclusivo
A MOD
OUTONO/INVI
19
CHEGA A LIS
Pronto a Vestir Eduardo Martins, apresenta a sua colecção na calçada do Sacramento 10
Chiado). A última palavra da elegâ
Cerca de 150 requintados modelos d
maxi casacos.
EM
EDUARDO MARTINS
PRONTO A VESTIR
Calçada do Sacramento, 1

sta jovem está a utilizar, nas Caldas da Rainha, um ovo tipo de cabinas públicas que ali se encontram já m serviço, em toda a cidade. Modelo muito simples e arato, não ocupando praticamente espaço na via públia. Estes aspectos positivos não anulam, porém, os inconenientes que logo ressaltam ao observador menos atento: omo ficarão as pernas desta jovem em dias de chuva? ncharcadas, pois. E qualquer pessoa que, no Inverno, retenda servir-se deste tipo de cabinas, ficará exposta chuva e ao vento. Além disso — e com qualquer empo — não se pode falar com aquele mínimo de recato intimidade que uma conversa — mesmo que não seja e amor — implica, a despeito da insonorização relativa o novo modelo. Esta cabina, portanto, que será prática para os CTT, mas nada prática para os utentes.

METADE DOS CIDADÃOS AMERICANOS SERÃO RICOS EM 1985

WASHINGTON — O director dos Serviços de Estatística dos E.U.A., declarou recentemente que o rendimento médio de uma família americana passará de 8 600 dólares (cerca de 240 800$00) para 15 000 dólares (cerca de 420 000$00) em 1985. Estes números são calculados «para um mesmo poder de compra». Por outras palavras «os E.U.A. caminham para uma sociedade de abundância vivida pela maioria».

Segundo as previsões dos serviços de estatísticas, os rendimentos das famílias americanas, em 1985, serão os seguintes, para as diversas categorias:

— Famílias com um rendimento de 15 000 dólares (cerca de 240 800$00) ou mais — 12% (1968); 44% (1985);

— Famílias com um rendimento compreendido entre 5 000 dólares (cerca de 140 000$00) e 15 000 dólares — 55% (1968); 40% (1985);

— Famílias com um rendimento inferior ou igual a 5 000 dólares — 33% (1968) 16% e...

Ou por outras palavras, metade das famílias americanas terão, em 1985, um rendimento médio — enquanto, em 1968, metade das famílias americanas não tinham um rendimento superior a 7 400 dólares (cerca de 207 200$00).

Brown indicou que estas previsões são todas calculadas com base em dados e tendências observadas, de 1960 1970.

As implicações desta «abundância» são enormes — acentuou o director das Estatísticas.

Resta saber se o americanos optarão por utilizar este excedente de fortuna para consumir recursos naturais em bens de consumo, se o gastarão numa «loucura do «gadget» ou se consagrarão estas somas enormes aos serviços públicos.

Simultaneamente, a população aumentará mas menos que o previsto: deveria passar dos 204 milhões actuais para cerca de 240 ou 250 milhões de habitantes, em 1985. Uma quarta parte da população viverá em 230 cidades centrais.

Daqui a 1985, um terço dos habitantes das cidades (contra um quinto actualmente), serão negros, se as tendências actuais se mantiverem.

Os negociantes querem baixar o preço do vinho

MOGOFORES, 16 — Em condições de tempo excepcionalmente boas terminaram nesta região os trabalhos de vindima. A colheita foi ligeiramente superior á do ano passado, que em contrapartida tinha sido a pior das últimas seis temporadas.

Prevê-se, porém, que a lavoura seja muito prejudicada. A despesa com a apanha da uva quase duplicou, dada a escassez de mão-de-obra, e o comprador, por seu turno, pretende baixar o preço de aquisição do vinho.

ESTÁ HÁ UM ANO À ESPERA DO ABONO DE FAMÍLIA

O nosso leitor sr. Artur [illegible] Proença de Carvalho, residente na Rua General Silva Freire, n.º 20, 6.º, em Lisboa, recebemos a seguinte carta:

«Porque acho inexplicável a situação que exponho a seguir e que deve afectar todos os outros beneficiários da Previdência em idênticas circunstâncias, tomo a liberdade, por intermédio do vosso jornal, chamar a atenção dos responsáveis para o seguinte:

«Durante alguns anos trabalhei na sede de uma empresa em Lisboa, descontando para a Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório e dos Organismos Corporativos. Tenho aí o n.º 46.

«Em Outubro de 1969 fui transferido para uma das fábricas da empresa no concelho do Seixal. Fiquei abrangido pela Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setubal, tendo nessa data enviado o respectivo boletim de inscrição. Também para aí passaram a ser enviados os descontos legais.

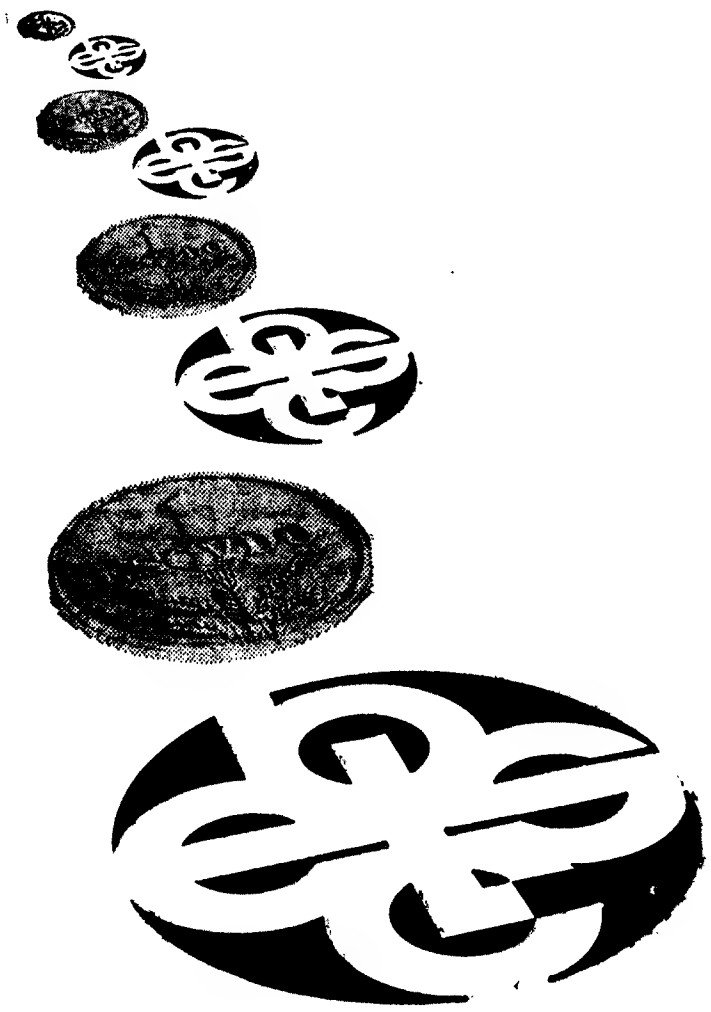
«Da minha parte como da empresa não houve a mínima falta. O mesmo não aconteceu com a instituição de Previdência. Já se passou um ano e não mais recebi a importância relativa ao abono de família a que tenho direito.

«Em Maio do corrente ano reclamei verbalmente e por escrito junto das duas Caixas de Previdência, mas até agora não foi resolvido o meu problema.

«A Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório nem sequer teve a amabilidade de acusar a recepção da minha carta.

«Se, como poderá acontecer, for de novo transferido para outro local de trabalho embora da mesma empresa, mas pertencendo a outra Caixa de Previdência, não vislumbro quando poderei receber outra vez o abono de família que me pertence de direito. Como se poderá qualificar tal procedimento?»

Caminhe connosco passo a passo!



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

...ta 10/2 LISBOA (Ao ...elegância europeia. ...eles de pele, midi e

...NS & C.ª L.DA

...ta. 10 LISBOA

...DA DE ...VERNO 1970/71 ...SBOA!

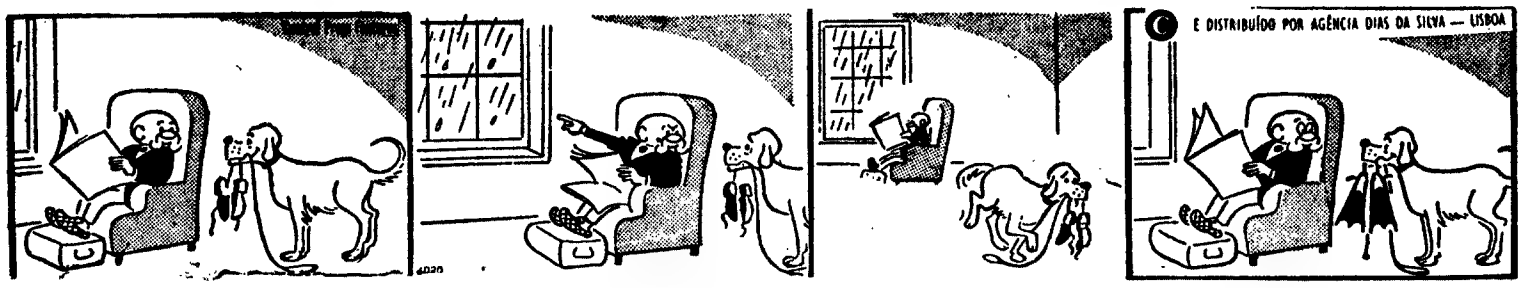
POR FAVOR! NÃO ESQUEÇA NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência

Aventuras do Tio Carlos

Carol Day

Os Peanuts



Palavras cruzadas

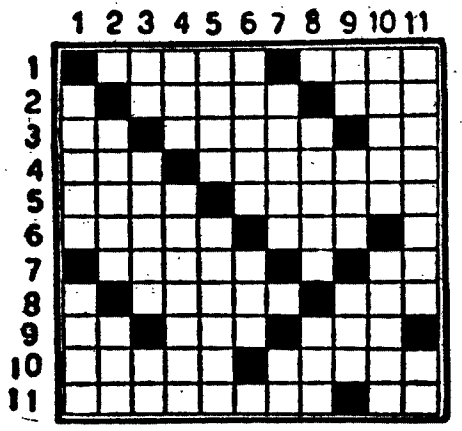
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5687

HORIZONTAIS: 1 — Lugar onde se alojam cães. Rio da Polónia. 2 — Descobriram. Pronome pessoal. 3 — Prefixo que designa afastamento. Nome de frutos. Antes de Cristo. 4 — Álcool de melaço. Peregrino. 5 — Acreditar. Sagradas. 6 — Que é do ar. Sufixo que designa abundância. 7 — Lavoura. Utensílio doméstico. 8 — Cidade do Egipto nos confins da Etiópia. Conjunção. 9 — O mesmo que uma (ant. e pop.). Título honorífico na Índia. Reles. 10 — Aguçar. Cidade de Portugal. 11 — Mãe pouco carinhosa. Ouro (s. q.).

VERTICAIS: 1 — Canção de Barqueiros. Recuam. 2 — Pano grosseiro de lã. Azáfama. 3 — O mais. Simples. Idem (abrev.). 4 — Conjunção. Torcer. 5 — Encolerizar. Limpara metais. 6 — Alianças. Deus supremo da mitologia assírio-babilónica. 7 — Nome de fruto. Planta (s. q.). 8 — Juízo. Vai pelo ar com grande velocidade. 9 — Preposição. Sufixo que designa pequenez. O mesmo que amar. 10 — Prendera com elos. Porção de massa achatada. 11 — Encostas. Alternativa.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5686

HORIZONTAIS: 1 — Mamar. Aquém. 2 — Açaná. Curve. 3 — Dunas. Aedos. 4 — Oder. Rirá. 5 — Eia. Arc. Rãs. 6 — Recalca. 7 — Ca. Medir. Pá. 8 — Ab. Arosa Ar. 9 — Lança. Isara. 10 — Aar. Osa. 11 — Amora. Somas.

VERTICAIS: 1 — Madre. Calma. 2 — Acuel. Aba. 3 — MANDAR. NÃO. 4 — Anão. Emoçar. 5 — Ras. Acerara. 6 — Arado. 7 — Aca. Clínios. 8 — QUER. Crasso. 9 — Ungira. Adm. 10 — Évora. PAR. 11 — Mesas. Araás.

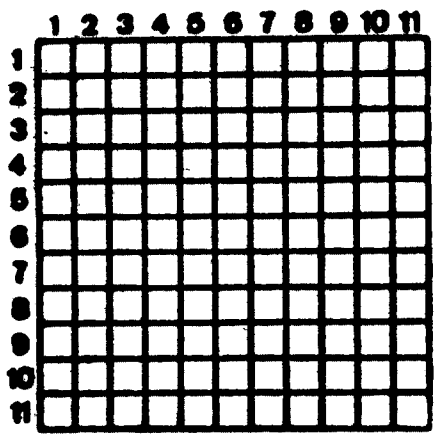
Provérbio: MANDAR NÃO QUER PAR.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9530

HORIZONTAIS: 1 — Castigos 2 — Pronome pessoal. Delicadeza. Em a. 3 — Apelido. Árvore com cujo casco se aromatiza o vinho 4 — Basta. Folhas de videira. 5 — Viração. Estimais Deus dos pastores 6 — Osso do braço. Pisar 7 — Batráquio. Ressoar. Vi 8 — Filtrarão. Em partes iguais. 9 — Indivíduo contra quem se intenta um processo judicial. Cânhamo de Manila. 10 — Prefixo de privação. Cidade do estado de S. Paulo Gavinha. 11 — Emporcalharas

VERTICAIS: 1 — Repararam. 2 — Artigo definido (ant.). Classe de tropa. Eia. 3 — Utensílios domésticos Cobre. (s. q). 4 — Desvio Antes de Cristo. 5 — Prefixo de negação Freguesia do concelho de Seixal Futil 6 — Consome Arejar / — Preposição Versejar. Caminhar. 8 — Laço. Guarneceram de asas. 9 — Artigo definido. Prefixo que designa ar. 10 — Nome de mulher. Peta. Nota musical. 11 — Livrariamos



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9529

HORIZONTAIS: 1 — Rumor. Datar. 2 — Eles. Meras. 3 — Pôs. Cisco 4 — Os. Canto. Dó. 5 — Comer. Ler. 6 — Serra. Aviam. 7 — ANI. Revés. 8 — Rã. Batam. In 9 — Ceder Mat. 10 — Folar. Mota. 11 — Miras. Peres

VERTICAIS: 1 — Repousara. 2 — Ulas. Ena. Fi 3 — Mês. Cri. Cor. 4 — Os. Cor. Belo. 5 — Camaradas. 6 — Mine. Éter. 7 — Destravar. 8 — Arca. Vem. Mé. 9 — Tão. Lis. Mor 10 — Ás. Deã. Iate. 11 — Tormentas.

«REVISTA MUNICIPAL»

Os numeros 118 e 119 do ano XXIX da «Revista Municipal» de Lisboa, dirigida pelo dr. Henrique Martins Gomes, insere valiosa colaboração, continuando as tradições até agora seguidas de analisar quanto tenha interesse para a história da cidade e dos seus habitantes, além de registar os acontecimentos hodiernos. É um documentário precioso com que os olisipógrafos contam como auxiliar indispensável.

Entre os artigos destaquemos os da dr.ª D. Irisalva Moita, sobre «O Palácio dos Carvalhos», á Rua Formosa, onde nasceu e viveu o Marquês de Pombal; e o do dr. Fernando Castelo Branco sobre as «Novas Técnicas Moageiras em Lisboa no início do Século XIX». Ainda um bom artigo do rev. Julio de Oliveira Botucão sobre São Vicente, padroeiro da cidade, e as habituais secções que tanto valorizam a revista.

Passagem de nível sem guarda

CANTANHEDE, 16 — A passagem de nível existente na estrada camarária entre Cantanhede-Outil cada vez com mais acentuado movimento, continua sem cancelas e sem guarda para interromper o trânsito, quando circulam os comboios no ramal entre a Figueira da Foz e Pampilhosa.

Situada junto das ultimas casas (lado sul) desta vila, aquela passagem de nível dá acesso para uma zona de pedreiras onde vão, diáriamente, várias camionetas de carga.

A C. P. não poderá eliminar aquela «ratoeira»? Não nos parece difícil, tanto mais que existe uma casa contigua á passagem de nível, casa que nos tempos da Companhia dos Caminhos-de-Ferro da Beira Alta, servia para residência á «guarda» da linha.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Outubro de 1940 publicava:

«LONDRES — O numero de vítimas durante as ultimas três semanas do mês de Setembro, resultantes de 55 «raids» da aviação inimiga sobre as regiões do Middland, foram 170 mortos, 180 feridos de gravidade e 380 feridos sem gravidade. Durante o mesmo período e na mesma região morreram, em consequência de incidentes de trânsito, 183 pessoas.»

A JUNTA DE ACÇÃO SOCIAL NO ALGARVE

FARO, 16 — Iniciou a sua actividade na capital algarvia a Junta de Acção Social, cujos serviços estão a cargo do chefe José Alberto Caninhas Pires da Fonseca e do assistente José Manuel Nicolau dos Santos Encontra-se provisòriamente instalada na Delegação do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência — Rua de S. Francisco, 36, onde todos os trabalhadores, do Comércio, industria e agricultura, serão recebidos todas as manhãs.

Na primeira fase da sua actuação serão atendidos os casos de previdência.

MONCARAPACHO VAI CELEBRAR O 5.º CENTENÁRIO

OLHÃO, 16 — Uma comissão local vai celebrar o quinto centenário de Moncarapacho, uma das maiores freguesias deste concelho.

Situada na margem direita da ribeira da Fuzeta, a 8 quilómetros de Olhão, Moncarapacho pertenceu á freguesia de Santiago de Tavira, da qual foi desanexada em 19 de Junho de 1471.

FORD LUSITANA

AGRADECIMENTO

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO, O CONSELHO FISCAL, A DIRECÇÃO DO GRUPO DESPORTIVO E TODO O PESSOAL DA FORD LUSITANA, NA IMPOSSIBILIDADE DE AGRADECER DIRECTAMENTE A TODAS AS PESSOAS QUE MANIFESTARAM O SEU PESAR POR OCASIÃO DA MORTE DO SEU SAUDOSO PRESIDENTE SNR. PEDRO BLANCH, VEM MUITO RECONHECIDAMENTE, FAZÊ-LO POR ESTE MEIO.

PRÉMIO DE ENSAIO MÁRIO SACRAMENTO

A Editorial Inova, do Porto, decidiu instituir, para comemorar o segundo ano da sua actividade, o «Prémio de Ensaio Mário Sacramento 1970». A deliberação, para além de constituir uma homenagem inteiramente devida a um dos mais importantes ensaístas portugueses contemporâneos, visa estimular o trabalho de investigação e análise da cultura nacional.

Segundo o regulamento, podem concorrer ao «Prémio de Ensaio Mário Sacramento» autores portugueses com trabalhos inéditos de carácter ensaístico sobre qualquer tema referente á vida ou cultura portuguesa, actual ou passada. O prémio, no valor de 25 000$, corresponde aos direitos de publicação de 5000 exemplares, em uma ou duas edições, e será atribuido ao ensaio que o júri considerar como melhor entre os apresentados a concurso. O ensaio premiado será publicado na Colecção «Civilização Portuguesa», até 31 de Maio de 1971.

Em nenhum caso o prémio deixará de atribuir-se, mas, se o júri considerar que duas ou mais obras concorrentes apresentam méritos de classificação relativa extremamente discutíveis, poderá ser dividido em partes iguais por mais de um concorrente. A entrega do prémio equivale, para efeitos editoriais, á aquisição por parte da Editorial Inova dos direitos de autoria unicamente para os primeiros 5000 exemplares da obra premiada, ficando o autor com liberdade de dispor, como melhor entenda, dos respectivos direitos para novas edições. No caso de ser premiado mais que um autor, estudar-se-ão as modalidades mais adequadas ás circunstâncias, de modo que os autores não fiquem prejudicados.

O júri será constituido por quatro personalidades tanto quanto possivel representantivas da maior variedade dos temas abordados e das tendências verificadas entre os concorrentes, secretariando o director da Colecção «Civilização Portuguesa». Os cinco membros do júri escolherão entre si um presidente, cujo voto se considerará qualificado para desempate, ou para decidir questões de fundo de votação.

As obras concorrentes deverão ser enviadas em cinco exemplares dactilografadas á Editorial Inova (Rua do Paraíso, 281 — Porto), até ao dia 3 de Dezembro, com o nome do autor substituido por um pseudónimo ou divisa; e, juntamente, deverá ser entregue um sobrescrito lacrado em cujo interior se encontre a identificação do autor.

Apenas será aberto o sobrescrito do concorrente premiado. Os exemplares das obras não premiadas e os sobrescritos com a respectiva identificação poderão, se isso for solicitado, ser reenviados ao remetente ou restituidos á pessoa que os entregou.

Os nomes do autor e da obra premiados serão revelados em 21 de Fevereiro de 1971, na comemoração do terceiro aniversário da Editorial Inova. Eventualmente a Editorial Inova poderá vir a publicar alguma obra concorrente que, embora não premiada, demonstre real valor. Neste caso, os direitos de autoria serão objecto de um acordo entre a editorial e o autor.

Eles prometem mandar o retrato...

«Estou cursando o curso ginasial e pretendo corresponder-me com garotas portuguesas» — dizem-nos, cada um em sua carta, dois jovens cidadãos brasileiros que nos pedem que divulguemos este fervor epistolar e bem assim os seus endereços para as eventuais interessadas. São ambos de Caarapó (Mato Grosso), e tanto Aurio Elias Portela Maciel como o Omar Mohamed Ali moram (ali) na Avenida XV de Novembro — sem número de porta.

A tempo: ambos prometeram mandar fotografias, mal recebam as esperadas cartas das «garotas portuguesas»

Necrologia

FALECIMENTOS

Arsénio Augusto Queirós Botelho de Sousa

Faleceu o sr. Arsénio Augusto Queirós Botelho de Sousa, de 66 anos de idade, natural de Alijó, assistente técnico da Marconi (aposentado). Era casado com a sr.ª D. Henriqueta Viçosa Ovelheira Botelho de Sousa, irmão dos srs. Alberto Queirós Botelho de Sousa, dr. juiz desembargador Eduardo Queirós Botelho de Sousa, eng.º Mário Queirós Botelho de Sousa e dr. Luís Queirós Botelho de Sousa. O funeral a cargo da Agência Magno realiza-se, em dia e hora a determinar, saindo da igreja de S. Jão de Deus para jazigo em cemitério a designar

SUFRÁGIOS

DR. JOSÉ GALHARDO
Missa 3.º aniversário

Sua Família participa que manda rezar missa por sua alma, sábado, dia 17, às 19.30 horas, na igreja Nova do Sagrado Coração de Jesus.

REPRESENTANTE DA UTEX

O sr. dr Marques Mano de Mesquita foi nomeado representante e consultor jurídico em Portugal da UTEX S. A., Genebra, que para além das suas actividades no estrangeiro e na Metrópole, está interessada em concessões mineiras em Moçambique e em Angola.

PROCURA-SE IDENTIFICAR A VÍTIMA E O AUTOR DO ASSASSÍNIO OCORRIDO PERTO DE SETÚBAL

A Polícia Judiciária prossegue as investigações tendentes á descoberta do autor da morte do homem (ainda por identificar) ontem encontrado a dois quilómetros de Setubal, no sítio denominado Varzinha, mais propriamente num pinhal próximo da estrada dos Ciprestes. A vítima, caída de borco e fortemente ensanguentada, testemunhava inequívocamente que havia sido bárbaramente assassinada, apresentando um ferimento profundo no pescoço (por certo, produzido por uma faca ou navalha) e o crânio esfacelado. Junto do corpo via-se uma grande pedra, coalhada de sangue, que o assassino utilizou para consumar o crime e que foi o instrumento dos ferimentos provocados no cérebro.

O crime deve ter sido praticado há três ou quatro dias, pois o cadáver entrara em decomposição. Para além disso, o homem, após o assassínio foi despojado de toda a roupa que envergava e, bem assim, do calçado. Sómente, enverga uma camisola interior que lhe cobria o tronco parcialmente, pois o resto do corpo encontrava-se no estado de nudez.

Foram três caçadores que encontraram o corpo da vítima, logo dando conhecimento do facto ás autoridades daquela cidade. Entretanto, o cadáver foi transportado para o Instituto de Medicina Legal a fim de ser autopsiado.

PROVA DE MAR DO «ALENTEJO»

O «Alentejo» — barco moderno construído nos estaleiros de Viana do Castelo — destina-se ás carreiras mantidas pela C. P. entre Lisboa e o Barreiro. Antes de entrar em serviço, o novo navio fez esta manhã as chamadas «provas de velocidade da milha».

Foi uma espécie de viagem inaugural, embora fora dos rumos que lhe estão traçados. Saiu do Tejo, com ar festivo, e navegou até aos mares de Sesimbra, perturbando um tanto o mundo sereno dos espadartes. O regresso ao Terreiro do Paço fez-se ao princípio da tarde.

A moderna frota da C. P., de que fazem parte os navios «Lagos», «Algarve», «Trás-os-Montes», «Minho» e Estremadura», é assim ampliada com uma nova e excelente unidade.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 7.ª página)

um contraponto significativo e bem achado; a verdade é que aconteceu espectáculo; a verdade é que foi nítida a vontade de fazer diferente — e isso, numa terra de panhonhas e de epígonos como a nossa, não deixa de merecer largos aplausos.

Quanto aos actores, dicotomia: muito bem em cena, com deficiências graves na leitura do texto. Aquele tom imperial já não se suporta. Luís Francisco Rebello quis um estilo majestoso, saiu um estilo de Bombeiros Voluntários, récita a favor da compra de uma ambulância. Uma Manuela Machado, muito *óóóóóóóóóóóóó* ridiculamente grega; um Mário Pereira incorrigível enfático; um Rui de Carvalho apagado; uma Herminia Tojal com dramatismo de papelão, ainda por cima atraiçoada pelo «play-back» — eis alguns nomes que, com esta representação, nada acrescentaram á sua glória.

Com todos os seus defeitos, claro que a «Castro» de ontem merecia a mais larga audiência. Tal não foi possível, pois a Televisão portuguesa lembrou-se de oferecer aos telespectadores portugueses o filme integral do Dinamarca-Portugal, transmitido na segunda cadeia. É compreensivo, é natural, *é inevitável* que a maioria haja escolhido o futebol. Com o decorrer dos anos, estas coisas pagam-se caro. Não deixa, contudo, de ser curioso que a Televisão dê com a mão esquerda e tire com a direita! Vantagens de haver duas cadeias. Seja tudo a bem da cultura.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	—	—	509$
Consolidado 3 1/2%	—	—	612$
Centenários 4%	—	—	440$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	000$
Externo 1.ª Série	—	575$	—
Externo 1.ª Série c.	—	575$	680$
Externo 3.ª Série	—	710$	—
Externo 3.ª Série c.	—	680$	—
Cautelas 3.ª Série	—	150$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P T 5% 56	—	845$	920$
A P T 5% 58	—	—	920$
C P 4 1/2% 65	890$	870$	—
C P 5 1/2% 67	900$	—	905$
C U F 6%	940$	935$	945$
C U F 6% 68	—	—	—
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	850$	—
Gás Elect 5% 52	—	790$	—
Gás Elect 5% 58	—	800$	—
Gás Elect 5% 59	790$	780$	—
Gás Elect 5% 62	—	950$	—
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A Alentejo 5%	—	760$	—
H E Cávado 5%	—	760$	—
H E Cávado 6%	950$	950$	960$
H E Douro 5%	—	—	764$
H E Douro 6%	950$	945$	955$
H E Norte Port 5%	—	860$	—
H E s Estrela 6%	935$	930$	940$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	—	930$
Metropolitano 4%	860$	860$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	720$	—
Nac Elect 5%	—	780$	—
Nitratos 5%	770$	—	770$
Nitratos 5% 60	—	—	770$
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Ceul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	900$	—	955$
Sacor 5% 60	—	800$	850$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	815$	825$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	740$	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	—
U E P 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	—	77$
U E P 5% 60	—	—	760$
U E P 5% 63	—	835$	—

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Buz	78$5	78$	80$
Cabinda	—	214$	—
Diamantes Angola	—	2.300$	390$
H E Revue	—	620$	650$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	180$	79$	81$
Sonete n	—	414$	418$
Sonete p	425$	424$	430$
Zambézia	—	77$	79$
Diversas			
Cidla	6 800$	6 750$	6.900$
Cim Leiria	—	4 000$	4.200$
Cim Tejo	7.550$	7 500$	7.600$
Col Navegação	—	1.440$	—
C U F	—	—	—
Ind Aliança	—	550$	650$
Nac Navegação	—	3 600$	3.800$
Petroquímica	1 620$	1.600$	1.630$
Port e Colónias	—	1.400$	—
Port Celulose	4.000$	3.990$	4.020$
Port Pesca	—	1.020$	1.045$
Port Tabacos	685$	680$	695$
Sacor	—	4 450$	4 550$
Siderurgia Nac	—	2.200$	2.230$
Socel	3.290$	3 280$	3 300$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	6.900$	—	7.000$
U F Azoto	—	760$	785$
Água, Elect. e Gás			
Águas Lisboa p	—	395$	—
Águas Lisboa 34	—	410$	—
Águas Lisboa 36	—	395$	—
C P Electricidade	1.190$	1.186$	190$
C. P. Electricidade nom.	1.175$	1.175$	180$
C. P. Electricidade 1969	—	—	—
Eléct Beiras	—	1.650$	680$
Gás Electr	421$5	421$	422$
H E Alto Alentejo	187$	186$	87$5
H E Norte Portugal	—	—	265$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	186$5	186$	87$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	196$	202$
F I D E S	—	122$	125$7

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO — Telex 47 ALBAP P

AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.270$	2.260$	2.280$
Alentejo	1.115$	1.110$	1.115$
Angola	—	3.500$	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	8.700$	—
E Santo	20.900$	20.800$	20.950$
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	19.000$	20.500$
Fomento	2.470$	2.450$	2.500$
L & Açores p	6.800$	6.800$	6.850$
L & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	5.550$	5.550$	5.600$
Portugal n.	—	3.100$	3.300$
Portugal p	—	4.150$	4.350$
Totta Aliança	—	5.950$	6.000$
Ultramarino n.	3.340$	3.340$	3.360$
Ultramarino p.	3.750$	3.740$	3.800$
Seguros			
Alentejo	151$	150$	153$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	1.000$	999$	1.000$
Sagres	—	1.700$	1.800$
Tranquilidade	—	55 000$	65.000$
Ultramarino	—	25.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	780$	785$
Ag. Cassequel	650$	640$	655$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	420$	450$
Ag S Tomé e Príncipe	—	290$	300$
Boror	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	9/10/70	15/10/70	16/10/70
GERAL	149,4	147,4	147,3
METROPOL.	142,2	140,3	140,2
ULTRAM.	201,9	199,6	199,3

PAISES	COMPRAS	VENDAS
África do Sul — Rands	34$00	36$50
Alemanha — Marco	7$75	8$05
América:		
— Dolares, de 1 e 2	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$50	7$50
Áustria — Schilling	$ 5	$ 6
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$ 0
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	4$80	5$40
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$60	6$82
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$	310$00
Ouro fino — Barra	36$30	38$30

J. BURNAY L. DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 231273

Actualidade internacional

HASSANEIN HEYKAL REVELA:

Nasser auxiliou os «feddayin» durante a crise jordana

CAIRO, 16 — (R.) — O Egipto revelou hoje que enviara três batalhões de guerrilheiros palestinianos, equipados com armas e munições, para a Jordânia para apoiarem a revolta do mês passado contra o rei Hussein.

Notícias do aerotransporte dos palestinianos, desdobrados na frente egípcia, emanaram do ministro da Orientação Nacional, Hassanein Heykal, que disse que o Cairo não podia enviar as suas próprias tropas para auxiliar os guerrilheiros porque isso seria um convite á intervenção militar das potências estrangeiras.

Heykal, na sua coluna semanal no autorizado jornal «Al Ahram», declara que o presidente Nasser desencorajara a ideia de intervenção directa egípcia no auge da crise da Jordânia.

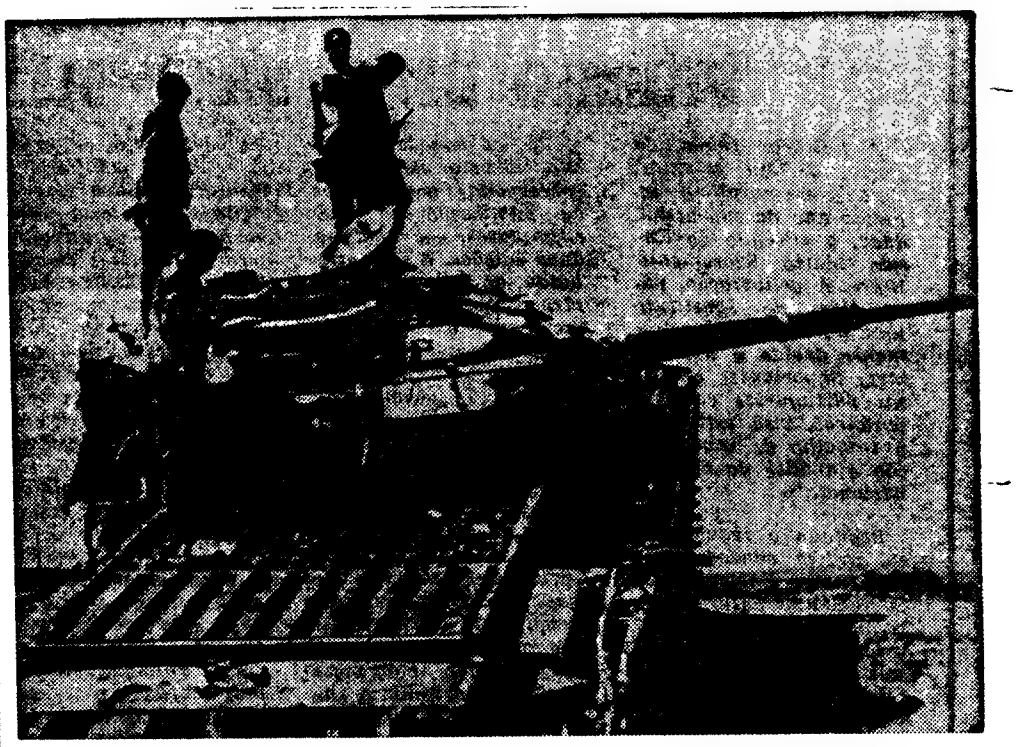
Contudo, o Egipto pusera á disposição todas as armas e munições que os guerrilheiros precisavam.

O ministro, amigo íntimo do presidente Nasser, que faleceu em 28 de Setembro vitimado por um ataque cardíaco, narra acontecimentos das últimas 24 horas da vida do dirigente egípcio, que culminaram com o acordo do Cairo entre os guerrilheiros e o Governo jordano.

Heykal cita o presidente Nasser como tendo declarado ao chefe dos guerrilheiros, Yasser Arafat: «Tenho-lhe explicado desde o princípio que não pudemos ajudar a resistência palestiniana por meio de acção militar visto que assim deixaríamos Israel e passaríamos a combater a Jordânia.

«Uma tal decisão egípcia convidaria a intervenção por parte de círculos estrangeiros, que estão a aguardar esse momento.»

Heykal revela que Nasser enviara, também, uma mensagem ao chefe do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnev, a pedido de Arafat, solicitando que a União Soviética exercesse o máximo de pressão sobre os Estados Unidos para não intervir na Jordânia.



UM TANQUE CENTURION do Exército jordano, destruído pelos «feddayin» entre Irbid e Ramtha, perto da fronteira com a Síria.

Sadat eleito

CAIRO, 16 — (F. P.) — Anwar El Sadate foi eleito presidente da República Árabe Unida, por 90,4 por cento dos sufrágios expressos.

A percentagem de abstenções foi de 15 por cento.

SVENENS SUGERE «DEBATE LIVRE»

LONDRES, 16 — (A. N. I.) — O cardeal Lec Suenens, primaz da Bélgica, afirmou que os católicos devem obedecer ás regras da Igreja, mas que as deveriam debater, para as modificar, e que deve haver em Roma um lugar para esse «debate livre».

O cardeal afirmou, numa conferência de Imprensa, que até ao debate livre as leis estabelecidas pela Igreja devem ser acatadas.

Comentando a quebra nas relações entre a Igreja e a juventude moderna, o cardeal afirmou esperar que «não passe de uma fase, que há-de passar»

DESACORDO ENTRE OS EUA E O EGIPTO QUANTO AO PROLONGAMENTO DO CESSAR-FOGO

NOVA YORK, 16 — (R.) — O Egipto e os Estados Unidos não chegaram a acordo sobre a prorrogação do cessar-fogo no Médio Oriente além de 7 de Novembro nas conversações ministeriais bilaterais que travaram ontem nesta cidade, segundo revelaram funcionários americanos.

O secretário de Estado, William Rogers, conferenciou com Mahmoud Riad durante cerca de duas horas no Waldorf-Astoria Hotel, sendo o primeiro contacto a alto nível entre os dois Governos desde o funeral do presidente Nasser.

Riad declarou que não se chegara a qualquer acordo específico, mas disse a jornalistas que o Cairo estava disposto a prorrogar a trégua de 90 dias, patrocinada pelos Estados Unidos, se existisse qualquer esperança e contacto para renovar a missão de paz no Médio Oriente do dr. Gunnar Jarring, enviado especial da O.N.U.

O embaixador Jarring suspendeu as suas diligências para conseguir que começassem contactos árabe-israelitas sob os seus auspícios, após Israel se retirar em princípios do mês passado das conversações sobre o Médio Oriente, acusando o Egipto de violar as cláusulas da trégua militar do cessar-fogo.

O PLANO RUSSO

MOSCOVO, 16 — (A. N. I.) — O plano de paz soviético apresentado no jornal «Pravda» para o conflito israelo-árabe insere as seguintes cláusulas:

Estabelecimento de zonas desmilitarizadas de ambos os lados da fronteira, introdução de tropas das Nações Unidas em diversos pontos e garantias directas dos quatro países com lugar permanente no Conselho de Segurança (U.R.S.S., E.U.A., Inglaterra e França) ou do próprio Conselho de Segurança das Nações Unidas (como um todo).

MEMÓRIAS PROIBIDAS

LONDRES, 16 — (A. N. I.) Um informador do Palácio de Buckingham anunciou que fora impedida a publicação dos memórias de um jardineiro que esteve ao serviço da família real, na sua residência de Sandringham, durante 17 anos.

Intitulado «Jardineiro Real», o livro foi escrito por Horace Parsons, de 66 anos, a quem a soberana concedeu a reforma em Setembro.

Segundo o informador real, Horace Parsons violou o compromisso tomado por escrito por todos os servidores da casa real de não escreverem seja o que for sobre as suas funções.

DISPOSTO A LUTAR PELO PODER GAHFFAR REGRESSOU AO IRAQUE

BEIRUTE, 16 — (A. N. I.) — Hardan Abdel Gahffar Takriti, que tem sido o homem forte do Iraque, regressou hoje a Bagdad, para lutar pelo Poder que lhe foi retirado enquanto estava ausente.

Ao deixar o Iraque, há nove dias, para uma visita á Espanha, Takriti era vice-presidente, marechal da Força Aérea, membro do Gabinete e um homem que contava com o apoio dos militares.

Voltava ontem ao seu país quando Rádio Bagdad anunciou que fora afastado de todos os seus postos civis e militares e nomeado embaixador, sujeito ao Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O avião de Abdel Gahffar, como é mais conhecido, aterrou no aeroporto de Beirute. Diplomatas iraquianos e funcionários do partido «Baas» estabelecidos em Beirute foram ao aeroporto para o persuadirem a ficar em Beirute, em vez de regressar a Bagdad. Gahffar gritava e quando o avião partiu, uma hora depois, ia a bordo, decidido a aniquilar o golpe que o afastara dos seus cargos.

Tem-se afirmado que Gahffar tentou provocar a intervenção do Iraque na guerra civil da Jordânia. No entanto, os doze mil soldados iraquianos não foram além da prevenção — o que provocou desprezo no mundo árabe.

Os peritos afirmam que foi este incidente que levou á queda de Abdel Gahffar

Hardan Abdel Gahffar Takriti esteve em Lisboa entre os dias 7 e 10 do corrente mês. Foi, portanto, aproveitando a sua estadia em Espanha e entre nós que os seus inimigos o demitiram das altas funções que detinha no Iraque.

O general Torres entrou em conflito com os mineiros

LA PAZ, 16 — (R.) — Apenas há upma semana no poder, o general nacionalista Juan José Torres entrou em conflito com os seus aliados da esquerda, os mineiros do estanho que ocuparam a sede da corporação mineira do Estado, em Oruro, e anunciaram planos para a sua total reorganização.

Os mineiros que pertencem á poderosa Confederação dos Trabalhadores Bolivianos, que conta 4000 mil filiados e é dirigida pelo veterano socialista Juan Lechin, expulsaram as forças de polícia que guardavam as instalações da empresa Comibol e acusaram os seus administradores de serem burocratas de uma situação privilegiada que desvia recursos necessários á produção.

O general Torres, que derrotou um golpe militar das direitas em 7 de Outubro, com o auxílio dos sindicatos, enviou uma delegação a Oruro, para tentar acalmar os mineiros que não voltaram ao trabalho desde o golpe das direitas que derrubou o presidente Ovando Candia.

Lechin e outros dirigentes esquerdistas apresentaram na semana passada ao novo Governo uma longa lista de reivindicações, entre as quais a participação dos trabalhadores na gestão das empresas, a nacionalização das companhias estrangeiras e grandes aumentos de salários.

Campo militar laociano dominado por guerrilheiros

BANGKOK, 16 — (R.) — Fontes da Polícia provincial anunciaram hoje que cerca de 500 guerrilheiros do Camboja desbarataram um campo militar do Governo laociano junto á fronteira com a Tailândia e obrigaram os defensores a seguirem com eles para o Camboja.

O primeiro-ministro da Tailândia, marechal Thanom Kittikachorn, afirmou em Agosto que se estavam a reunir no Sul do Laos a elementos comunistas do Camboja e da Tailândia cerca de 57 000 soldados do Vietnam do Norte e do Pathet-Lao com o fim de atacar a Tailândia. Em consequência desse movimento, o Governo tailandês reforçou o Exército e a Polícia de patrulha na fronteira, na província de Ubon.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

A COMMONWEALTH AMEAÇADA DE DESINTEGRAÇÃO

LONDRES, 16 — (F. P.) — O Governo inglês é confrontado em três frentes — Commonwealth, países africanos e não-alinhados e boa parte da opinião pública — na questão da sua intenção de vender armas á Africa do Sul. Com efeito, segundo os observadores em geral, o Governo de Heath enfrenta uma crise séria, correndo o risco da Commonwealt se desfazer, a África Negra declarar o boicote do comércio inglês e surgirem graves dissensões internas.

Surpreendido com o inesperada oposição ao projecto, os dirigentes conservadores tenderam para o endurecimento.

O primeiro-ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Alec Douglas-Home, declararam com firmeza que a Inglaterra estava no seu direito de fazer uma política «independente», e dentro desta, «garantir a defesa da rota do Cabo, a protecção dos seus interesses vitais e do Ocidente.

Entretanto, tudo indica que o Governo ainda não tomou uma decisão, estando ainda a sondar o vigor das reacções dos adversários ao projecto. Depois de, no domingo passado, ter conferenciado com o presidente Nyerere, da Tanzânia, que ameaça sair da Commonwealth, Heath recebe hoje o presidetne da Zâmbia, Kenneth Kaunda, que vem chamar-lhe a atenção, em nome da O. U. A., para as consequências desfavoráveis para a Inglaterra se decidir a contribuir para o reforço do potencial militar da África do Sul.

Quanto á opinião pública o «Times» em fundo intitulado «nada de armas para a África do Sul», pergunta a Heath (alusão a uma frase célebre de Churchill) se aceita presidir, como primeiro-ministro da Inglaterra, á liquidação da multirracial Commonwealth

Nos círculos informados prevê-se que o Governo espere o fim das consultas na ONU (aonde Heath vai na próxima semana) e talvez, mesmo, a conferência dos primeiros-ministros da Commonwealth, em Janeiro de 1971, antes de tornar pública a sua decisão final. Alguns julgam que o Governo de Londres procurará negociar com Pretória o acordo de Simonstown, de modo a ter a garantia de que os armamentos navais fornecidos serão utilizados em comum e exclusivamente na defesa marítima, istoé, não seriam empregados contra Estados africanos, nem na repressão interna.

Ceausescu visitou a Disneylândia

ANAHEIM (Califórnia), 16 — (R) — O presidente Nicolae Ceausescu, da Roménia, tornou-se ontem o primeiro dirigente comunista a visitar a Disneylandia, quando, acompanhado da esposa, percorreu o parque de diversões, em Anaheim.

Nikita Kruchtchev, então primeiro-ministro soviético, devia ter visitado a Disneylandia durante a sua viagem aos E. U. A., em 1959, mas funcionários norte americanos cancelaram a visita por não poderem garantir a sua segurança.

O RÉU RECLAMAVA A PENA DE MORTE

PARIS, 16 — (F. P.) — No final de um julgamento espectacular, em que o próprio réu reclamava a pena de morte, um tribunal de Paris condenou ontem a prisão perpétua Claude Buffet, de 37 anos, acusado da morte de Françoise Besimensky, cujo corpo foi encontrado ha três anos num automóvel roubado, e de mais 44 agressões e roubos, cometidos todos na região de Paris.

O tribunal condenou também a três anos de prisão a companheira de Buffet, Marie Ansoine, que o ajudou em alguns assaltos.

O julgamento decorreu em condições originais. Tendo os advogados da parte civil, representantes da família da vítima, reclamado a pena capital para o réu, o procurador insurgiu-se contra essa atitude: «Não serei eu o terceiro a reclamar a pena de morte contra este homem», e limitou-se a pedir uma pena de prisão perpétua.

Em seguida, como os dois advogados estagiários, encarregados oficiosamente da defesa, se esforçassem com grande convicção por demonstrar que a vítima tinha sido morta «acidentalmente», o reu ergueu-se e pediu que o condenassem a morte, «por razões que só a minha consciência conhece». Voltando-se para os membros do juri, disse: «Tenham piedade, concedam-me a pena de morte». O tribunal acabou por não lhe fazer a vontade.

CONFEDERAÇÃO SINDICAL EUROPEIA

DUSSELDORF, 16 — (F. P.) — Os representantes de seis centrais sindicais do Mercado Comum pertencentes á Confederação Internacional dos Sindicatos Livres (C. I. S. L.) participaram em Dusseldorf na primeira conferência sindical anual europeia.

No final dos trabalhos, Otto Kersten, chefe do departamento internacional da Confederação Sindical Alemã (D. G. B.) declarou:

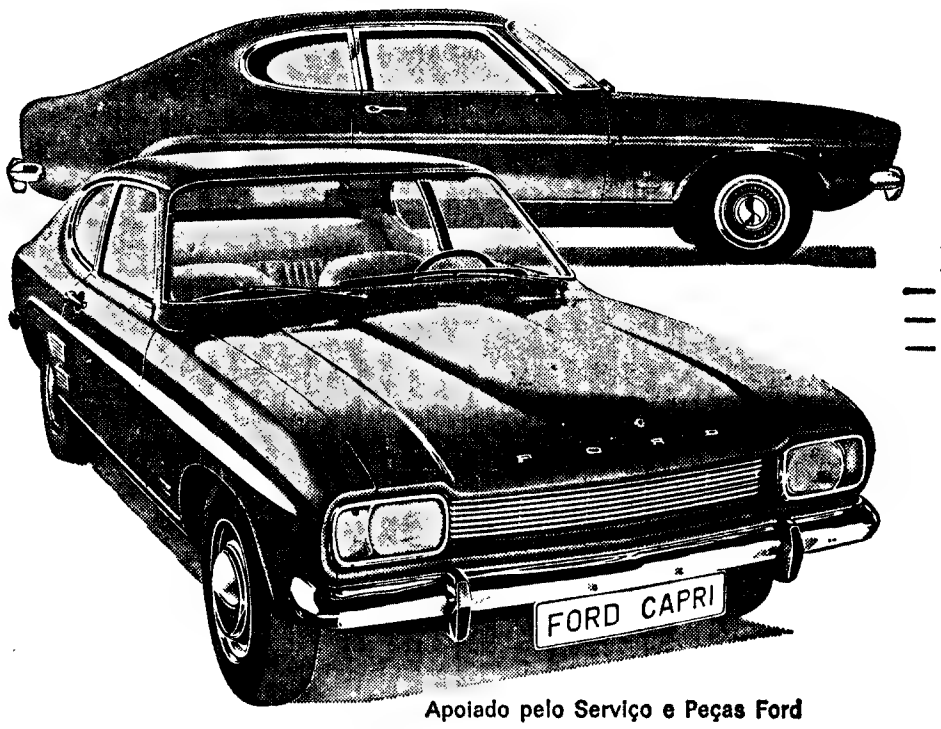
«Demos um passo em frente no caminho da construção de uma verdadeira confederação sindical europeia. Sinto-me optimista quanto ao futuro. Precisamos, em primeiro lugar, de criar em Bruxelas um secretariado comum da C. I. S. L. e da C. M. T. (Confederação Mundial do Trabalho). Ms a confederação sindical europeia não deve limitar-se aos países do Mercado Comum. Deve incluir também as centrais sindicais dos países que pedem a sua adesão á C. E. E., como a Grã-Bretanha, a Noruega a Dinamarca, e, se possível, as de outros países como a Áustria e a Finlândia. Estabelecemos contactos nesse sentido. Será apenas quando tivermos construido uma potente central sindical democrática europeia que poderemos defender com eficácia os interesses dos trabalhadores europeus».

Êxito de Cargaleiro em Paris

PARIS, 16 — (E.) — Está a obter assinalado êxito a exposição de pintura do artista português Manuel Cargaleiro, promovida pelo Centro Cultural Português de Paris da Fundação Gulbenkian, inaugurada, conforme já noticiámos, no passado dia 6.

A exposição, que estará patente ao publico até 22 de Novembro próximo, tem sido visitada por críticos de arte, artistas portugueses e estrangeiros, estudantes, professores, etc., sendo a média diária de visitantes aproximadamente de 200 pessoas.

Ganhe um Ford Capri! grátis!



Apoiado pelo Serviço e Peças Ford

É só
— Recortar o cupão
— Preencher
— E entregar no seu Concessionário Ford

Também pode obter o cupão directamente no Concessionário Ford da sua área.

Concorra já!

Ford

GANHE UM FORD CAPRI

V. pode ganhar um Ford Capri 1300 L! Com toda a facilidade e sem ter de comprar nada. Apenas precisa de:
— Recortar este cupão.
— Preenchê-lo completamente com letra bem legível.
— Entregá-lo no seu Concessionário Ford. (Leve consigo a sua carta de condução ou licença de aprendizagem).

O prazo de entrega decorre entre **12 e 22 de Outubro**, após o que se procederá ao sorteio entre todos os cupões recebidos.

Capri - o carro que V. sempre desejou possuir!

Nome: .....
.....
Morada: .....
.....Tel.: .....
Localidade: .....
Carta de Condução n.º .....
ou
Licença de aprendizagem n.º .....
No caso de comprar um Capri, preferia o modelo .....

Se perder este cupão não se preocupe!
O Concessionário Ford tem mais!

CONCESSIONÁRIOS FORD EM

ALCOBAÇA, ALMADA, ALMEIRIM, AVEIRO, BARREIRO, BEJA, BENAVENTE, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASCAIS, CASTELO BRANCO, COIMBRA, CORUCHE, COVILHÃ, FARO, FUNCHAL, GUARDA, GUIMARÃES, LEIRIA, LISBOA, MARINHA GRANDE, MIRANDELA, MONTIJO, ODEMIRA, OLIVEIRA DE AZEMEIS, PONTA DELGADA, PORTALEGRE, PORTIMÃO, PORTO, RÉGUA, SÃO JOÃO DA MADEIRA, SAMORA CORREIA, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU.

DESPORTO

Sevilha, 5 - Farense, 0

Isto de entrar com fúria «às vezes» dá resultado...

SEVILHA — (E.) — Com três golos de rajada, marcados no breve espaço de cento e oitenta segundos, o Sevilha desfez completamente quaisquer hipóteses que o Farense pensasse ter. De facto, aos sete minutos, já a turma algarvia perdia por 3-0.

A partir de então, o jogo não teve praticamente história. O vencedor estava encontrado e o Farense nada mais pôde que executar alguns lances de bom recorte técnico muito vistosos... mas totalmente ineficazes.

A «fúria» dos espanhóis resultara no momento próprio — e eles depois «limitaram-se» a marcar mais dois tentos: um aos 16 minutos e outro a sete minutos do fim.

Alinharam:

SEVILHA — Bonilla; Chacon (Azuaga), Varella, Santi, Fuentes, António (Boni), Bergara (Quijo), Fernando Aguirre, Lebron e Emiliano (San José).

FARENSE — Barroca; Assis, Caneira, Atraca (Barão), Sequeira, Ferreira Pinto, Nunes, Sitoe, Valdir (Testas), Ernesto e Correia.

PARA HOJE

ANDEBOL — Campeonato de Reservas: Passos Manuel-Almada, Benfica-Belenenses e Sporting-Técnico, no Pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30.

Encerramento das inscrições para árbitros e cronometristas, na Comissão Central de Árbitros, ás 23.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da Divisão de Honra: Algés-Atlético e Nacional-Benfica, ás 21; e Sporting-Belenenses e C. I. F.-Carnide, ás 22 e 15, no Pavilhão da Ajuda.

«DIA DO ATLÉTICO»

A direcção do Atlético Clube de Portugal decidiu que o próximo domingo será considerado «Dia do Clube». Assim, os associados que pretendam assistir ao jogo com o Peniche, para o campeonato de futebol da 2.ª divisão, devem munir-se de um bilhete especial.

HORA DA DESPEDIDA

MORDIDO, DO S. L. OLIVAIS FOI ALVO DE HOMENAGEM

António Augusto Mordido, que há mais de dez anos alinha na equipa de futebol do Sport Lisboa e Olivais, terse-á sentido compensado de tantos anos de esforço e dedicação, tal o carinho que o rodeou no momento da despedida.

O publico acorreu, demonstrando inequivocamente o apreço e amizade que lhe inspirava o atleta homenageado.

Do programa, constavam dois jogos de futebol, cujos resultados foram os seguintes: S. L. Olivais-Desportivo dos Olivais, 2-1; Sporting (misto) - Sacavenense, 1-1. Neste ultimo encontro a vitória foi atribuída ao Sacavenense, através da marcação de grandes penalidades.

NO TORNEIO INTERNACIONAL DE SEVILHA

Benfica: vitória-novidade para o râguebi português

Ao vencer, com raro brilhantismo, o Torneio Internacional de Râguebi, incluído nos VII Jogos do Outono, organização tradicional do Ayuntamiento de Sevilha, a equipa de râguebi do Benfica, campeã nacional, demonstrou a sua já provada categoria.

Pela primeira vez, na história do râguebi português, um clube ganha uma competição interclubes (sem ser para equipas universitárias). E o jogo final foi nada mais nada menos que com o famoso Canoe de Madrid, campeão nacional de Espanha, cuja equipa tem seis «internacionais». A clareza do triunfo alcançado diz bem da superioridade demonstrada pelos raguebistas «encarnados».

No primeiro jogo, contra o Club Natácion, o «quinze» benfiquista desenvolveu jogadas de râguebi rápido, espectacular e eficiente que provocaram entusiasmo e concitaram aplausos vibrantes. A marcação de 45-3 diz bem da superioridade do Benfica, em cuja equipa Cartuxo e Nobre, com 11 pontos cada um, estiveram em especial evidência.

Na final, jogo disputadissimo de ritmo muito rápido e duro, a superior condição física dos campeões nacionais foi factor decisivo no triunfo.

Como os jogos foram disputados em dias sucessivos (nos moldes da Taça Latina), o responsável benfiquista pôde observar, tal como os jogadores, a movimentação da equipa madrilena. O facto dos raguebistas do Canoi terem marcado 18 pontos no primeiro tempo e só 13 no segundo, ao Sevilha F. C., campeão da Andaluzia, foi prova da falta de preparação física dos madrilenos. Este facto merece realce porque o encontro foi disputado ao meio-dia, sob o quente sol andaluz. É claro que tanto o responsável como os jogadores viram a possibilidade do seu triunfo. À noite, ao discutir a táctica a seguir, logo se assentaram ideias: era preciso aguentar o ímpeto inicial dos campeões de Espanha e atacar com decisão no segundo tempo.

A sorte do jogo favoreceu o Benfica que, aos 7 minutos, obteve um ensaio (por Cartuxo) após um perfeito «up and under» de Nobre. Em seguida, a pressão espanhola foi intensa, mas o labor da primeira linha encarnada travou o «internacional» Moncoroa, base dos ataques dos avançados, e o trabalho de Luís Lourenço e de Gaspar Ramos frente ao «internacional» Muñogorri impediu a movimentação da terceira linha. Na segunda parte, um «up and under», logo aos 2 minutos, abriu caminho á bela marcação de 21-3, que deu a vitória ao Benfica. Dos pontos obtidos, os mais espectaculares foram os consequentes de um pontapé de ressalto de Cartuxo, executado a 40 metros dos postes. Até os próprios espanhóis do Canoi aplaudiram. Cartuxo marcou 12 dos 21 pontos, revelando-se um médio eficientíssimo.

Sabendo-se que a Espanha tem 100 (cem!) clubes de râguebi e que só Sevilha tem mais clubes que quantos em Portugal se dedicam á modalidade, é de crer que tão nítida vitória de um «quinze» português sobre um campeão de Espanha não possa ter repetição.

Este triunfo do Benfica acarretou enormes responsabilidades para o próximo Torneio Ibérico, a disputar em Madrid. Nessa altura o Canoe já estará mais rodado e as dificuldades serão muito maiores. Aliás, o normal entre os campeões dos dois países e de selecções é de vitórias pela diferença mínima.

No entanto, se os raguebistas do Benfica se conscienciarem bem das obrigações assumidas, poderá até acontecer que uma equipa nacional venha a ganhar a prova pela primeira vez.

PATRÍCIO ALVARES

Um técnico espanhol para o Sp. C. do Porto

O Sport Clube do Porto acaba de contratar o professor Hermenegildo Martinez, técnico espanhol, para dirigir as classes de ginástica do clube.

Aquele treinador desloca-se brevemente á Jugoslávia para assistir ao Campeonato do Mundo de Ginástica Desportiva.

Propriedades

— VENDAS —

SR. CAPITALISTA

Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento, investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPOTECAS de propriedades.

ORCOSI

Rua 1.º Dezembro, 45-3.º
LISBOA
Telefs. 36 74 44 - 32 31 72

Contacto
H. NUNES
PUBLICIDADE
Telef. 84 72 60

DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. TRATA LAIRES, Rua da Prata, 291, 2.º-Dt.º (junto á Praça da Figueira). Telefs. 32 54 87 e 37 06 18.

Quintinha

Vende-se com facilidades de pagamento a 20 km de Lisboa, tendo uma moradia de construção moderna c/ diversas divisões, água própria, etc. Área total, 3 hectares aproximadamente, muito bem localizada.

Trata. F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104, 2.º — Tel. 536111/2/3.

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios, onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importancia a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 39-34755.

Feira das Mercês

A Empresa Eduardo Jorge comunica que nos dias 18, 25 e 26 do corrente efectua carreiras consecutivas, entre:

BENFICA - MERCÊS
BELÉM - MERCÊS
e vice-versa

PRÉDIO NA LAPA

Construção antiga, restaurado, composto por 6 pisos, hab. 4 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa e marquise. RENDIMENTO — 68.000$00 aprox. PREÇO — 1.000 contos

MOSTRA E TRATA:
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefs. 36 93 84/5/6 - 32 82 32/3 - 36 17 56

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 15

ANDAR

Na Av.ª Duque d'Ávila (prédio de luxo), c/ 6 div. soalh., 3 casas de banho, tendo um bom salão. Tel. 30703.

ANDE 1.000 KM. E PAGUE SÓ 250$00

ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA
AUTO-ARGUS INTERNACIONAL

P. Olegário Mariano, 6-D — Telef. 553843
Av. da República — FARO — Telef. 05-23928

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre, sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave, Tel. 44846.

Contacto
H. NUNES
Telef. 847260
PUBLICIDADE

Opel 1700 de 63, 32 c.; Opel Kadet de 65, 30 c.; Opel 1500, 20 c.; Austin 850 de 62, 20 contos; Austin 65, 24 c.; Wolkswagen de 60, 20 c., Tenho novas unidades. R. António Pedro, 40, c/v. Telef. 44846.

AUTOMÓVEIS de todas as marcas aos melhores preços.

MAIA
Av. João XXI, 8-A

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 769847 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Lda. — Av. Republica, 26.
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 424391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

Sociedade Estoril

Venda de bilhetes para os domingos

Aos sabados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas.

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

• Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

DESPORTO DESPORT DESPORTO DESPORTO

ATLETISMO

Revelado o programa do torneio «Primeiro Passo»

• eliminatórias em 25 do corrente
• «finais» em 1 de Novembro

No decurso de uma reunião com os órgãos informativos, realizada, ontem á noite, foi tornado público o programa do Torneio «Primeiro Passo» — uma organização cuja oportunidade e valia se torna ocioso encarecer, tal a utilidade de que tem vindo a revestir-se ao longo de quase vinte anos.

Uma síntese dos esclarecimentos fornecidos pela Comissão Organizadora do Torneio:

As provas deste ano disputam-se no dia 25 do corrente (eliminatórias) e no dia 1 de Novembro (finais), e destinam-se, tal como nos anos anteriores, a todos os clubes que não estejam filiados em Associações de Atletismo ou na F. N. A. T., e que só podem ser representados por atletas que nunca tivessem tomado parte em provas oficiais de atletismo, quer a nível federativo ou corporativo.

As provas são divididas em quatro escalões, que ficarão assim definidos:

ESCALÃO A (masculino), dos 13 aos 15 anos, nascidos em 1955/56/57.

Provas: 60 m; 600 m; altura; comprimento; peso (4 kg); vara e dardo (700 gr).

ESCALÃO B (masculinos), dos 16 aos 19 anos, nascidos entre 1951 e 1954.

Provas: 80 m; 250 m; 700 m; 2000 m; vara; comprimento; altura; peso (5 kg); e dardo (800 gr).

ESCALÃO C (femininos), dos 12 aos 15 anos, nascidos entre 1955 e 1958.

Provas: 50 m; comprimento; peso (3 kg); altura, e dardo (600 gr).

ESCALÃO D (femininos), dos 16 aos 21 anos, nascidos entre 1949 e 1954.

Provas: 60 m; comprimento; peso (4 kg); altura e dardo (600 gr).

Nos escalões A e C os atletas só podem concorrer a uma prova. Nos escalões B e D só é permitido concorrer no máximo, a duas provas.

Serão atribuídas, nas finais medalhas aos três primeiros classificados em cada prova, e também aos concorrentes que melhorem máximos do torneio (escalões B e D).

Serão também atribuídas taças para o melhor atleta em cada escalão, segundo a tabela do dr. Fernando Amado.

Os clubes que já estão inscritos são o Sporting Clube Avelar, com 420 atletas masculinos e 30 femininos; o Sport Évora e Benfica, com 210 (masculinos); o Sport Nisa e Benfica, com 40 (femininos); O Sport Lisboa e Olivais, com 12, e a Sociedade União Musical Alenquerense, com 17.

RÂGUEBI

TORNEIO DE ABERTURA

Na Federação Portuguesa de Râguebi realizou-se o sorteio do Torneio de Abertura, com que se inaugura oficialmente a nova época.

Presentes os delegados do Benfica, Belenenses, Económicas, C. D. U. L., Medicina e Técnico.

O sorteio ficou assim ordenado:

TAÇA ANÍBAL DE MATOS — 1.ª jornada: Belenenses-C. D. U. L., C. D. U. P.-Académica de Coimbra e Técnico-Direito. Folga o Benfica.

TAÇA MARTINIANO DOMINGUES—1.ª jornada: Belenenses B-C. D. U. L. (B), Agronomia-Medicina, Económicas-Direito (B) e Benfica (B)-Bairro de S. Miguel.

O delegado do Belenenses, invocando o que preceitua o art.º 10 do Regulamento Geral de Provas, impugnou o sorteio.

As duas provas iniciam-se no domingo.

O extraordinário surto de desenvolvimento que está a verificar-se no desporto espanhol assenta numa larga campanha dirigida ás crianças, incentivando-as a praticar o desporto. Esta gravura mostra-nos um dos valadíssimos cartazes com que se procura chamar cada vez mais jovens aos recintos desportivos. Mas para além dos cartazes há uma sólida organização — não faltando nem recintos, nem professores, nem nenhuma das condições indispensáveis para que se passe das palavras ás realidades.

MARÍTIMO, 0-BOAVISTA, 0

A DESFORRA NÃO SURTIU...

FUNCHAL — (E.) — O Marítimo quis desforra sobre o Boavista (que o vencera no jogo decisivo para a conquista do «Torneio do Outono»), mas não conseguiu ir além de um empate sem golos.

Ainda assim, o jogo agradou plenamente aos muitos adeptos presentes no Estádio «Prof. Marcello Caetano», pelo empenho e movimentação que caracterizaram o embate.

Deve dizer-se que a turma local esteve mais próximo da vitória que a forasteira, dominando durante grande parte do tempo e levando, frequentes vezes, o pânico ao último reduto dos «axadrezados». No entanto, para ganhar são precisos golos, e estes não surgiram...

Sob a arbitragem de Romão Ferreira, as duas turmas alinharam:

MARÍTIMO — Grisaleña; Belarmino, Eugénio Emanuel e Andrade; Isaac e Ângelo; Rui, Noémio, Eduardo e Vasco.

BOAVISTA — Quim; Braga, Mário João, Barbosa e Alberto; Fraguito, Celso e Alexandre; Juvenal, Moura e Tai.

Substituições: No Boavista, Lino entrou para o lugar de Barbosa e Zeca Pereira e Augusto ocuparam os postos de Celso e Juvenal.

28.º ANIVERSÁRIO DO ATLÉTICO

Integrado nas comemorações do seu 28.º Aniversário o Atlético Clube de Portugal realiza no próximo dia 18 pelas 20,30 horas, no restaurante da Feira das Indústrias de Lisboa, um jantar de convívio para todos os sócios, atletas, famílias e simpatizantes daquele popular Clube Alcantarense.

Na secretaria do Clube e, em alguns dos principais estabelecimentos de Alcântara, encontram-se abertas as inscrições.

NO ANDEBOL

HORA DE DEMISSÕES

Os meios ligados ao andebol foram surpreendidos pelo anuncio de demissão de Rui Guedes, presidente da Federação da modalidade. Embora já expostos os motivos que o teriam levado a tal decisão, esperemos a evolução dos acontecimentos para então nos referirmos, mais detalhadamente, á situação criada.

Entretanto, outra demissão, esta não á escala federativa mas sim da Associação de Lisboa, impõe desde já um comentário.

Trata-se do afastamento de um dirigente daquela

por Matos Moura

associação, alegando que deixava o seu cargo «por incompatibilidade com o presidente da direcção».

Ora, esse presidente é Rogério Marques, um homem com excepcional «curriculum» dentro da modalidade, e largas provas dadas sobre a sua capacidade de dirigente.

Ele cumpriu exemplarmente nos lugares que ocupou longos na A. A. Lisboa e também na Comissão Central de Árbitros, e em qualquer destes organismos a sua acção fez-se sentir como homem dedicado e honesto dentro da modalidade.

Todos aqueles que o conhecem, têm conhecimento da sua rude franqueza, mas também da sua verticalidade e da sua pureza de homem bem formado.

Como se explica, então, a demissão do tal dirigente?

Explica-se por motivos bem diferentes daqueles que invocou. Na verdade fiou-se (apenas...) numa irregularidade que cometeu (falsificação de uma «ficha»), a chamada «fraude desportiva». E, á cautela, teve o cuidado de se demitir antes do regresso do presidente da associação que estava em férias.

Pergunta-se: poderá o dsporto continuar com dirigentes deste quilate? Enfim, ao menos, que não deixm de se cumprir os regulamentos, que para estes casos são bem explícitos: desde a irradiação até ao processo judicial.

AUTOMOBILISMO

A barreira dos 1000 Km/h quase ao alcance da mão

WENDOVER (Uttah), 16 — (F. P.) — Conduzido por Gary Gabelich, de 30 anos, «The Blue Flame» (Chama Abul), o carro que é movido a gás natural liquefeito e a peróxido de hidrogénio, atingiu ontem em Wendover, no Uttah, a velocidade horária de 977,88 km, batendo o recorde de velocidade terrestre estabelecido em 1965 por Craig Breedlove com 600 e 601 milhas á hora.

Mas o novo recorde não pode ser homologado em virtude de não ter sido cumprida uma condição do regulamento: o segundo percurso que tem de ser realizado no espaço duma hora foi anulado por causa dum acidente.

Quando o carro estava a ser reabastecido, o peróxido de hidrogénio derramou-se na fuselagem e incendiou-se.

As reparações do carro devem demorar pelo menos um dia.

COLÓQUIOS PARA ÁRBITROS E TÉCNICOS DE ANDEBOL

No prosseguimento dos colóquios entre técnicos de andebol e os árbitros de Lisboa, realiza-se no próximo dia 21 do corrente ás 21,30 horas, a terceira sessão, tendo sido convidado para a dirigir o treinador do Benfica, Angelo Pintado, professor de educação física.

Entretanto continua aberta na Comissão Central de Árbitros da modalidade, a inscrição para um curso de futuros árbitros.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

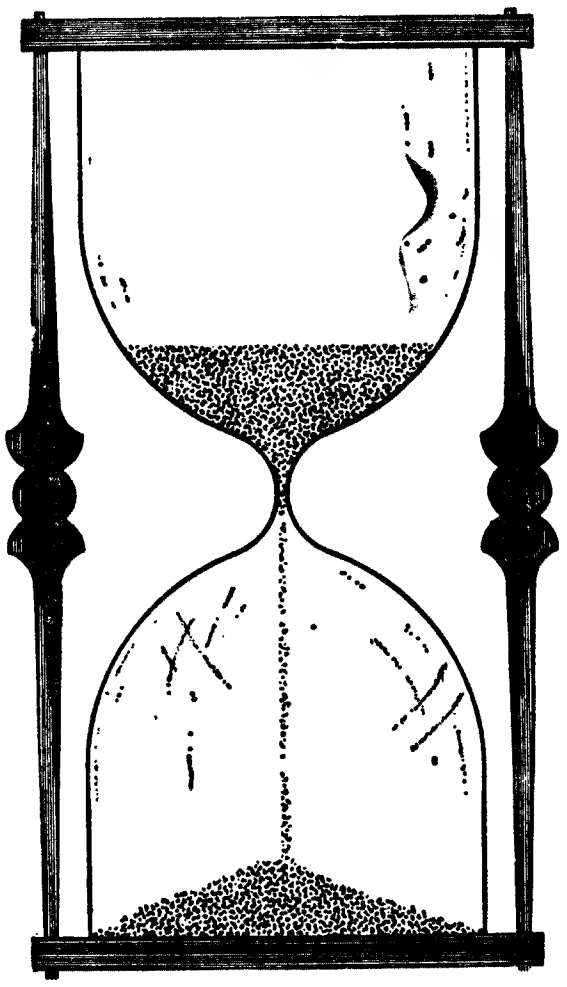
Faz-se publico que no Conselho Administrativo desta Direcção, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180-D, se encontram abertos os Concursos Publicos seguintes:

CONCURSO PÚBLICO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
5/70-Aq	SOBRESSALENTES PARA RADARES, PREDITORES E EGRADORAS	40.000$00	16 NOV 70	15.30

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 13 ás 18 horas e aos Sábados das 10 ás 12 horas.

As propostas devem ser entregues até ás 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

O Presidente do C. A.
JOSÉ DOS REIS RODRIGUES
Ten. Cor. do S. A. M.



Compre propriedades

O FUTURO DEPENDE DO PRESENTE

comece a capitalizar o seu futuro comprando

Andares ou Apartamentos Mobilados

J. PIMENTA, S. A. R. L.

o tempo lhe dará razão

Os preços que praticamos são fixos tendo em mente o desejo de prestarmos o nosso contributo para a solução do seu problema. Esta a razão pela qual vendemos barato. Este o desejo de construirmos muito.

APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE 150 CONTOS

Informações para aluguer e venda:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 2 43 35 11
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 39 — Telef. 28 25 75
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88

DIREITO DE GREVE

(Continuação da 3.ª página)

E. U. A. (Wagner Act e lei Taft-Hartley).

Crítica dos sindicatos

Finalmente um dos pontos importantes do projecto, em nítido contraste com o espírito das propostas do Governo trabalhista, refere-se ás convenções colectivas que, doravante, obrigarão as partes perante a lei a não ser que elas decidam de outro modo. Mas prevê-se que, em certas circunstancias, a C. I. R. possa recomendar processos que obrigue ambas as partes, apenas a pedido de uma delas.

As primeiras reacções ao projecto Carr não são uniformes. No conjunto, as organizações patronais são-lhe favoráveis, enquanto os sindicatos o criticam e reclamam um prazo suplementar para estudarem o documento de perto. A opinião comum é que a reforma dependerá, sobretudo, dos homens que ficarem encarregados da cumprir, e bem entendido, da cooperação dos *leaders* sindicalistas.

O CONCURSO DE QUADRAS DA COELIMA

PEVIDÉM, 16 — (L) — Nas instalações da Sociedade Têxtil Albano Coelho Lima (Coelima) realizou-se uma reunião para apuramento dos vencedores do concurso de quadros publicitários organizado por aquela empresa. Presentes, entre outros, os administradores srs. José Coelho Lima e Casimiro Coelho Lima, e os jurados Amélia Vilar, Ludovina Frias de Matos e Castro Reis, além do sr. José Maria Machado, que secretariava o júri.

Foram apreciadas as doze primeiras quadras que tiveram menção honrosa, com distinção e mais vinte e duas merecedoras de menção honrosa simples. A reunião tomou, a partir de certa altura, o carácter de um serão que se prolongaria até bastante tarde da noite.

Os premiados receberão comunicação particular para que se apresentem no domingo na festa em que serão proclamados e receberão os prémios conquistados.

Militares falecidos na Guiné

BISSAU, 16 — (L) — Morreram, por doença, na Guiné, o soldado n.º 0419569, António Evangelino Rodrigues Aguiar, natural da freguesia de Santo António, concelho do Funchal (ilha da Madeira); e o soldado n.º 82058064, Fernando Lamine, natural de Binar, concelho de Bisso-

TAGIDE BOITE

Serviço de Restaurante
★
Aberto até às 5 horas

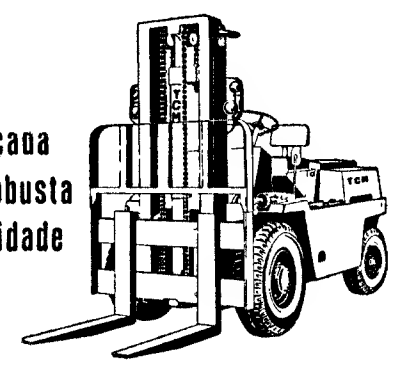
TAGIDE
BOITE
UTILIDADE TURISTICA

LG. BIBLIOTECA PÚBLICA, 18-20
TELS. Boite / Restaurante 3 5328
Cabine 36 21 23

TCM O MELHOR EMPILHADOR JAPONÊS

A SOLUÇÃO ECONÓMICA DOS SEUS PROBLEMAS DE MANIPULAÇÃO

- RÁPIDA ELEVAÇÃO
- FÁCIL CONDUÇÃO
- MENOR RAIO DE CURVATURA



Técnica avançada
Construção robusta
Maior estabilidade

- GASOLINA
- DIESEL
- GÁS PROPANO

PINTO & CRUZ, Lda
Rua Alexandre Braga, 60-70
Tel. 28001 PPC - PORTO

PRÉDIOS COMPRAM-SE

Resposta a este jornal ao n.º 610

ACÇÕES COMPRAM-SE

Resposta a este jornal ao n.º 611

SÓCIO CAPITALISTA

Para casa em organização de Móveis, estofos e decorações, assim como bebidas nacionais e estrangeiras e artigos regionais, numa cidade do Algarve em franco progresso. Assunto sério.

Resposta a este jornal ao n.º 615.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — DOZE MAIS UMA (12+1)—ROMA e CONDES
AS VIÚVAS—AVIS

AVIS
(Adultos Tel. 47163
Às 21.45 — ESTREIA
Uma estrondosa comédia alegremente vestida de luto!
AS VIÚVAS
c/ Alberto Glosas, Julia Caba e Jose Luis Lopez Vasquez

ODEON
(M 17 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
O CINEMA PORTUGUÊS EM FESTA:
4.ª SEMANA DE ENCHENTES
A MALUQUINHA DE ARROIOS
Realização de Henrique Campos
Segundo a famosa comédia de Andre Brun
com Aline Vaz Ivone Silva, Artur Semedo, Eugenio Salvador, Linda Silva e Oscar Acurcio

ESTÚDIO
(Adultos)
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Grande Prémio S. E. I. T. — Prémio Int. Femina — Prémio Fot. e Realização CUNHA TELLES
Um filme evoluído
O CERCO
com Maria Cabral e Rui de Carvalho

ROYAL
(M. 12 anos) Tel. 86545
Às 15 e 21 horas
Cantinflas em
DOM QUIXOTE SEM MANCHA

LIDO
(M. 17 anos) As 21 30 h.
Um filme que arrebata o publico pela violência e realismo!
OS INTOCÁVEIS
com John Cassavetes

CONDES
(Adultos) Tel 322523
Às 21.45 NOITE DE ESTREIA
Sharon Tate impressionante de beleza no seu ultimo filme
12+1
DOZE MAIS UMA
com Vittorio Gassman

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
Um êxito de gargalhada com a comédia superpicaresca
APRENDIZ DE «GANGSTER»
com Jean Lefebvre, Francis Blanche, Darry Cowl e George Derek
...era tímido mas aprendeu a ser «duro» para agradar á mulher que amava...
Eastmancolor — Franscope

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
Panavision — Technicolor
CROMWELL
RICHARD HARRIS e SIR ALEC GUINESS em
A vida de um homem que alterou o curso da história e da liberdade

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45933
As 21 horas
O PISTOLEIRO PROFISSIONAL
O PERIGO VEM DAS MULHERES

CASINO ESTORIL
Às 17 e 21.30 (M. 12 anos)
O TESOURO INACESSÍVEL
com Burt Reynolds

ROMA
(Adultos) Tel [illegible]73
ESTREIA ás 21.45
O ultimo filme de SHARON TATE
DOZE MAIS UMA (12+1)
com Vittorio Gassman, Orson Wells, Vittorio de Sica, Terry Thomas e Mylene Demongeot

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
2.ª SEMANA
Às 15.15 18.15 e 21.30
a obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO
(The Servant)

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
2.ª SEMANA
Às 15.45 e 21.45
a obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO

LUMIAR
(Adultos) Tel. 795296
Às 21 horas
MIL BOMBARDEIROS
O VENENO DO DIABO

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
Um filme espectacular
AEROPORTO
com Burt Lancaster, Jean Seberg e Dean Martin

VOX
(Adultos) Tel. 720808
As 15.15 18.30 e 21.45
4.ª Semana de enchentes!
DUSTIN HOFFMAN
MIA FARROW
JOHN & MARY
AR CONDICIONADO

SÃO JORGE
Telefs. Bal. 54154; Plat. 54153
HOJE, AS 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
Uma sátira monumental
SAIAS ACIMA!
com Sidney James — Joan Sims — Kenneth Williams — Bernard Bresslaw

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
3.ª SEMANA
Jean Gabin, Alain Delon, Lino Ventura e Irina Demick no grande êxito mundial
O CLÃ DOS SICILIANOS

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Um espectacular «western» na melhor tradição do clássico do género
«CHISUM, O SENHOR DO OESTE»
com JOHN WAYNE

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 338743
As 18.30 e 21.45
EM 4.ª SEMANA DE ÊXITO!
Bibi Andersson, Robert Stack, Annie Girardot e James Parentino numa alta comedia em maravilhoso technicolor
A VIDA DE UMA MULHER
— O primeiro amor será, de facto o mais forte? ..
AR CONDICIONADO

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
UM FILME IRÓNICO, POÉTICO E AUDACIOSO!
OS AMANTES
com Jeanne Moreau e Jean Marc Bory

LIZ
(M 17 anos) Tel 48560
As 21 horas
O SUBMARINO AMARELO
SHERIFF PRECISA-SE
Ar condicionado

EUROPA
(M 12 anos) Tel 661016
Em continuação ás 21 horas
(70 mm — Color)
Rex Harrison e Audrey Hepburn em
«MY FAIR LADY»
«Matinées» infantis — Sábado e domingo ás 18.15 (M. 6 anos)
Uma maravilhosa aventura das Mil e Uma Noites!
SABU E O ANEL MÁGICO
com Sabu e Daria Massey

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30 horas
Acender o ciume dele?
Provar o amor dela?
O RENDEZ-VOUS
com Omar Sharif

CHIADO TERRASSE
As 15 e 21 h (M 17 anos)
A VIDA ÍNTIMA DE 4 MULHERES
VINGAR PRIMEIRO, AMAR DEPOIS

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O Vison Voador» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Pimento na língua» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia Internacional de Circo» (12 anos).
A B C — Às 21 e 45 e ás 23 h.: «Alto lá com elas» (17 anos).

CINEMAS

JARDIM — Às 21: «O urso e a boneca» (17 anos).
IDEAL — Às 15 e 15 e 21 h.: «A volta ao Mundo em 80 dias» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Os discípulo do Diabo» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21: «A vingança é minha» (17 anos).
PARIS—Às 21: «Amor sem amor» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Topázio» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Casino Royal» (17 anos)
CAMPOLIDE — Às 21: «Matar para não morrer» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «A mulher infiel» (17 anos).

● PORTO

CONCERTO

RIVOLI — Às 21 e 30: «Concerto pelo violinista Leonid Kogan» (12 anos).

TEATRO

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «P'ra frente Brasil» (17 anos)

CIRCO

CIRCO MEXICANO (instalado na Avenida Fernão de Magalhães) — Às 21 e 45: Espectáculo internacional.

CINEMAS

COLISEU — Às 21 e 30: «O clã dos sicilianos» (17 anos).
SÃO JOÃO — Às 2 e 30: «O homem perdido» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «O executor» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «D. Juan na Sicília» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «O compromisso» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Olimpíada no México» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «A rapariga do auto-stop» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Viver é o que importa» e «Alta batota» (17 anos)
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Bonzo» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 2 e 30: «Perdoa... vamos amar» (17 anos)
NUN'ÁLVARES — Às 21 e 30: «Charly» (12 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Amor sem barreiras» (17 anos)
AVENIDA — Às 21 e 30: «A caça» (12 anos)
TIVOLI — Às 21 e 30: «A ponte da romagem» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Os 11 do Oceano» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O tesouro inacessível» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Balada para um homem só» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Guerra e Paz» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Os Estrangeiros» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Arabella» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «A doce vida» (17 anos).

VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

● LISBOA

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (638256) * Tapada, Ld.ª Caç da Tapada. 83-A (63472)
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Antolin, Lda., Av Almirante Reis, 88-B-C (44173) * Magalhães, Av Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALVALADE — Líbia, Av. da Igreja 4-B-C (71681) * Marbel, Av de Roma, 18-A (776235) * Celta Rua Mouzinho Girão, 3-B (Tel 71062)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça Águas Livres, 8-D (681515)
AREEIRO — Lusitana, Av. de Roma, 18-A (725443) * Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331)
ARROIOS — Fonsecas, Rua Carvalho Araujo, 46-B-C (841708)
AVENIDAS NOVAS — Previdência, Rua D Filipa de Vilhena, 9-C (770324) * Sá da eBndeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) * Oliveira Viegas, R Viriato 29-A (48966-553501)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Pr dos Casas Novas Lote 66 (310172)
BAIXA — Formosinho, P. dos Restauradores, 18 (30927) * Normal, Rua da Prata 220 (32342-325553)
BENFICA — Benfiluz, Est de Benfica, 44-A (Telef 782606) * Progresso, Lda. Estrada A-da-Maia. 64-C (702226) * Macedo, Est do Poço do Chão 69-C (703697)
CAMPO DE OURIQUE—Linalda, R Ferreira Borges 30, (660955) * Findar, Rua D Maria Pia. 514 (687949)
CAMPOLIDE — Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 53 (683438) * Zenel, R A, 182, Barrio da Liberdade (651840) * Nova, R. de Campolide, 297-C — (687475)
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308)
ESTEFÂNIA — Délio, Rua Açores 32 (52388)
ESTRELA E LAPA — Neve, Suc, R da Bela Vista, a Lapa, 37 (66251).
GRAÇA — Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (84436)
LUMIAR — Patutela, Herdeiros, R do Lumiar 22 e 124 (790332) e 124 (790332) * Douro, Al das Linhas de Torres, 93-A-B (79131)
OLIVAIS — Simão, R Cidade de Cabinda, 16-A (T 310581)
PALHAVÃ — Conto, Est. das Laranjeiras, 202-B (78084)
PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 — (60280)
PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av Mouz de Albuquerque, 7-A (843571) * Europa, Av General Roçadas, 27-A-B (Telef. 843880)
PICHELEIRA — Mariuz — Caiç da Pichelaria, 40-B-C (720703) e 728395).
PRÍNCIPE REAL — Gonçalves, Lda., Rua da Rosa, 176-178 (352687)
SANTO AMARO — Botânica, R da Junqueira, 38-40 (638132)
S. BENTO — Micael, R. de S Bento 380-382 (Tel. 662162) * Açoreana, Largo do Conde Barão, 2 (66130)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R da Margem, 5-B (382470) * Cruz de Malta L do Chafariz de Dentro, 36 (86626) * Zema, Rua General Justiniano Padrel (á Calçada dos Barbadinhos, 21 (832580)
É — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831).
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, R Francisco Marques Beato 45-A (Tel 251234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R Ernesto Silva, 81 (T 212048)
CAXIAS — Neve, Rua Bernardim Ribeiro 1-A (T. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes. 4 (Tel 2432039)
OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões 18 (Tel 2430058)
PAREDE — Grincho, Av.ª da República, 87-A (Tel 247204)
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, J-A-15 (Tel. 260116).
CASCAIS — Cordeiro, Av.ª Comb G Guerra, 40 (T 281419) * Nova, Estrada de Alvide — Fontainhas (Tel 28044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Meta, Pr. D João I, Lote 46 — B, Janeiro (Tel 932210 * Central, Av.ª Cardoso Lopes, 25 (Tel 932210) * Igreja, P da Igreja, 22-A (Tel 937740) * Jardim, Av.ª Conde de Oeiras, lote 1 - Reboleira (T. 938424).
DAMAIA — Damaia — P Alexandre Gusmão, 9-A (Tel 970523)
QUELUZ — Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Telef 950117) * Simões Lopes, Av Elias Garcia, 51 (Telef 950123)
CACÉM — Central —R Elias Garcia 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est Mem Martins, 285 (Telefone 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (T 980456)
SINTRA — Simões, Rua Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)
VENDA NOVA — Neve — R Elias Garcia, 10 (Tel. 933920)
COLARES — Colares, Abreia (Tel 2990881)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge. 5 (Telef 234100)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (Telef 224250)
ALMADA — Magalhães, R. Capitão Leitão. 8-A (T 270242)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrado Nacional, 221 - B (Telef. 224 4
BARREIRO — Central, Av.ª Alfredo da Silva. 48 (Tel 2273207)
COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pombal (Tel 274365)
MOITA — Silva Rocha, P da Republica 16 (Telef 239029)
MONTIJO — Moderna, R Bulhão Pato. 60 (Telef 230 56)
SESIMBRA — Leão, Av Salazar (Te 22947)
SETÚBAL — Higiéne, R. Fre Agostinho da Cruz (Tel 22408) * Portugal, Rua Camilo Castelo Branco (Tel 23211)
SEIXAL — Godinho, L da Igreja 5 (T 221580)

● PORTO

Alves, Praça Exército Libertador, 62 (Tel 60002) * Alves Moreira, Av Rod de Fretas 67 (Tel 5889) * Antigo Porto do Olival, Campo dos Mártires da Pátria, 24 (Tel 24262) * Avenida, Aven da Boavista 916 (Tel 60342) * Barros, R do Bonjardim, 292 (T 47032) * Batalha, Praça da Batalha, 26 (Tel 29524) * Boa hora, R da Boa Hora, 80 (Tel 28783) * Campos, Pr da Republica, 8 (Tel 25061 * Ceuta, L de S Domingos, 06 (Tel 25962) * Estácio, R. Sá da Bandeira, 20 (Tel. 22664) * Meneses de Lima, Pr Dr Pedro T Pereira, 227 (Tel Vitória, 723 (Tel 490427) * Silva Pereira R Costa Cabral, 293
Paiva — Praça do Comércio (Tel 23231) * Silva Marques * Rua do Sofia (Tel 23067) * Sitália, Largo da Sé Velha (Tel. 23234) * Dias Ferreira — Rua do Brasil (Tel 26046).

● COIMBRA

Paiva — Praça do Comércio (tel. 23231) * Silva Marques — Rua da Sofia (tel. 23067) * Sitália — Largo da Sé Velha (tel. 23234) * Dias Ferreira — Rua do Brasil (tel. 26046).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

AGRAVOU-SE A SITUAÇÃO NO CANADÁ

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia, 30°,5, mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, 6°,6.

9 HORAS DE HOJE — Porto, 20°; Penhas Douradas, 6°; Coimbra, 20°; Portalegre, 22°; Lisboa, 19°; Faro, 21° e Funchal 20°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar: 17°; na atmosfera: 5°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

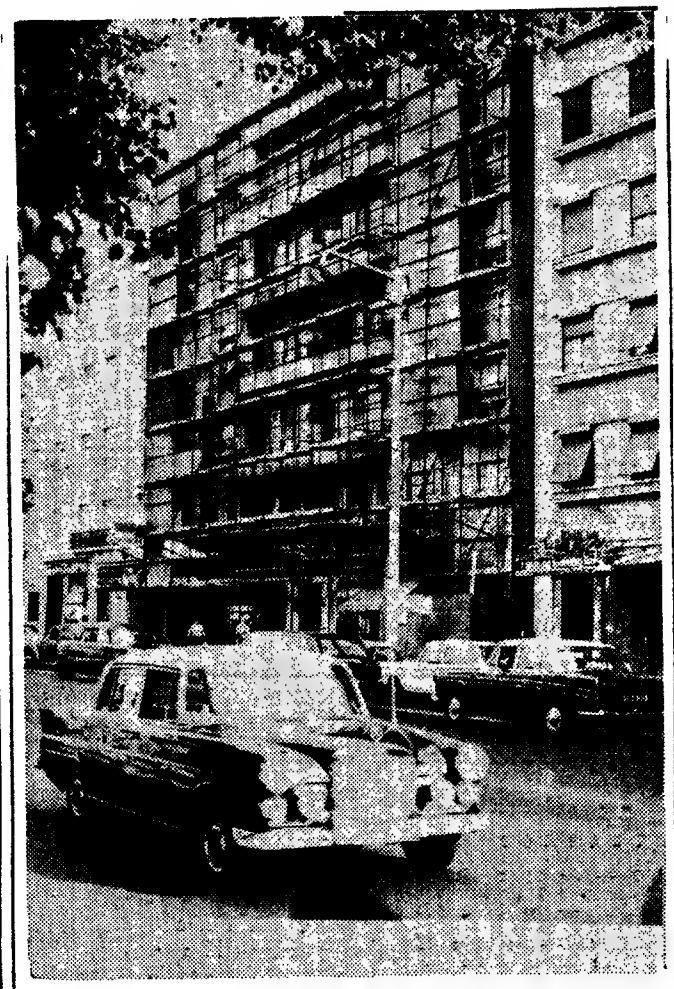
Períodos de céu muito nublado; vento fraco de Leste; possibilidade de períodos de chuva fraca nas regiões do Sul.

Amanhã
Nascer ás 7 e 47
Ocaso ás 18 e 57

Dia 22 Dia 30 Dia 6 Dia 13

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 4 e 52 (4,4 m); 17 e 4 (4,4 m). **Dia 17** — 5 e 34 (4,3 m); 18 (4,2 m) **Dia 18** — 6 e 15 (4,1 m); 18 e 45 (3,9 m). BAIXA-MAR: **Hoje** — 10 e 40 (0,7 m); 23 (0,8 m) **Dia 17** — 11 e 20 (0,8 m); 23 e 56 (1,0 m) **Dia 18** — 11 e 39 (1,0 m)



Foi a ampliação deste prédio, situado na Avenida de Roma, 12, que deu causa a um inquérito á Direcção de Urbanização e Obras da Camara Municipal de Lisboa

O INQUÉRITO DO MUNICÍPIO

(Continuação da 1.ª página)

Municipal de Lisboa encontra-se, há anos, o eng.º Ciro de Oliveira Pinto. Com a saída do sr. general França Borges, a presidência do Município de Lisboa foi assumida, em Fevereiro deste ano, pelo sr. eng.º Santos e Castro, que na altura era vereador municipal e deputado.

Pouco depois, o sr. eng.º Ciro de Oliveira Pinto fora transferido, mudando de repartição, embora continuasse a ser o director titular da Direcção do Serviço de Urbanização e Obras. Entretanto, tem vindo a desempenhar o cargo provisóriamente o chefe de divisão, sr. eng.º Eduardo Melo de Oliveira.

A decisão de mandar proceder a este inquérito, tomada pelo actual presidente da Camara Municipal de Lisboa, vem de certo modo responder a certas interrogações dos munícipes, ácerca dos critérios municipais nem sempre uniformes, sobre problemas de urbanização e obras da capital.

Claro que o facto de uma Camara mudar de critério (o que é outra coisa) não constitui, em si, um mal. Por vezes é, até, vantajoso, quando a razão dessa mudança se apoia no interesse publico e na procura de soluções cada vez melhores e mais de acordo com a evolução dos tempos. Seria, porém, totalmente reprovável que não fossem esses os motivos.

(Continuação da 1.ª pagina)

e de Laporte teve ontem duas importantes repercussões que lhe dão nova dimensão: Por um lado, o primeiro-ministro do Canadá, Pierre Elliot Trudeau, adiou para data ulterior a viagem que devia fazer á U.R.S.S. a partir da próxima segunda-feira, e, pelo outro, Robert Bourassa, primeiro-ministro do Quebec, decidiu apelar para o Exército, a fim de reforçar os efectivos da Policia para a protecção da população e dos edificios publicos.

Na abertura da sessão da Assembleia Nacional, convocada em sessão extraordinária para [illegible] a questão do conflito que opõe o Governo aos médicos especialistas, Robert Bourassa declarou que «o regime democrático está presentemente ameaçado no Quebec. Considera a nossa mais premente e essencial necessidade de salvaguardar este regime democrático pelo qual dezenas de milhões de individuos sacrificaram as suas vidas.

A F.L.Q. REJEITOU A PROPOSTA GOVERNAMENTAL

MONTREAL, 16 — (A. N. I. e R.) — A Frente de Libertação do Quebec, por intermédio do seu representante, o advogado Robert Lemieux, rejeitou ontem á noite a ultima proposta governamental para a libertação dos dois reféns raptados, mas deixou a porta aberta para futuras negociações.

O Governo do Quebec, naquilo a que chamou a sua proposta final, anunciou estar disposto a libertar cinco presos politicos em troca do diplomata James Cross e do ministro do Trabalho, Pierre Laporte.

Embora dizendo que a rejeição pelo Governo das seis condições postas pela F.L.Q. pôs fim ao seu mandato como intermediário, Lemieux deixou a porta aberta a [illegible] ao anunciar que ficaria no Hotel Nelson, no coração do bairro francês de Montreal, a aguardar uma resposta.

Segundo Lemieux, por outro lado, a Policia descobriu a localização da célula «Chenier» que raptou Laporte e acrescentou que as tropas governamentais, numa tentativa para libertarem os dois homens, só atacarão quando souberem onde está instalada a célula «Liberation» que raptou Cross.

CONCENTRAÇÃO POLICIAL

MONTREAL, 16 — (F.P.) — A estação radiofónica «CKAC» acaba de anunciar que está a verificar-se uma importante concentração de forças da Policia na cidade.

Por outro lado, segundo o jornal de Quebec «Le Soleil», a Policia tomou conhecimento do conjunto do plano de subversão elaborado pela F.L.Q., sabendo agora o Governo que os raptos de Cross e Laporte constituem apenas uma fase do objectivo que se propõe atingir: «Derrubar o regime estabelecido.»

«Le Soleil», por seu turno, diz que os terroristas são 3 mil.

PÔS TERMO À VIDA UM HOMEM QUE GANHARA 750 CONTOS NA LOTARIA

BARREIRO, 16 — Um homem que há tempos adquirira a Farmácia Pimenta, nessa vila, e que recentemente fora contemplado com 750 contos na lotaria Nacional, pôs termo á vida ingerindo em casa uma dose excessiva de arsénico e vindo a falecer no Hospital de S. José, depois de inicialmente ter sido socorrido no hospital desta vila.

Trata-se de Alvaro Tenório da Silva Félix, de 48 anos, ajudante de farmácia, casado, residente no Lavradio e natural de Vila Real de Santo António.

O cadáver foi hoje autopsiado no Instituto de Medicina Legal, em Lisboa.

A CIDADE DA BEIRA ESTÁ A SER INUNDADA

CIDADE DA BEIRA (Moçambique), 16 — (L.) — A população da Beira vive horas de aflição, com a cidade inundada e o litoral violentamente açoitado por mar tempestuoso e ventos fortes de leste.

A maré atingiu ontem á tarde 6,64 metros, prevendo-se para hoje uma subida ainda mais acentuada. As águas do Indico investiram pelo Chiveve e transbordaram, inundando as ruas da Baixa, imobilizando os automóveis cujos pneus desapareciam totalmente na toalha líquida, e sitiando as pessoas que se encontravam no mercado municipal do Maquinino.

No litoral, as ondas em furia galgam as dunas e invadem o asfalto das artérias marginais. O governador do distrito, o bispo da diocese e funcionários camarários misturam-se com a população, para acompanhar de perto a evolução dos acontecimentos.

Dr. Moreira Baptista

Por motivo da passagem, hoje, do segundo aniversário da sua posse no cargo de secretário de Estado da Informação e Turismo, o dr. César Moreira Baptista, foi esta tarde, comprimentado pelo funcionalismo do seu departamento e por outras individualidades ligadas aos meios da Informação, dos Espectáculos, da Cultura Popular e do Turismo.

O Banco Inglês homenageou em Londres o secretário de Estado da Indústria

O secretário de Estado da Industria, eng.º Rogério Martins, acompanhado pelo embaixador português, dr. António Faria, e pelo sr. Vítor Dias dos Santos, do Gabinete Técnico da Secretaria de Estado, foi homenageado com um almoço, hoje, no Bank of London and South America, em Londres, onde foi recebido pelo presidente do conselho de administração, mrs. George Taylor, C. B. E., e por outros administradores.

Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos

Sob a presidência do sr. prof. dr. Marcello Caetano reuniu-se hoje, á tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo Domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de conservação e ampliação das nossas redes:

3.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua das Pedreiras, Ruas C, B, D, Cd.ª da Estação, Cd.ª dos Mestres e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

7.º Sector — Rua Duque de Palmela n.os pares entre Rua Braancamp e Rua Alexandre Herculano. (Das 8 ás 12 horas).

8.º Sector — Av.ª Elias Garcia n.os ímpares, entre a Av.ª 5 de Outubro e Av.ª da Republica. (Das 8 ás 12 horas).

9.º Sector — Estrada de Chelas, Rua Sol a Chelas (parte), Rua Cima de Chelas, Cd.ª dos Vinagreiros e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Av.ª Tenente Martins, Cruz das Oliveiras e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Sintra:** TERRUGEM a Norte do L.º da Igreja. (Das 8 ás 15 horas).

2.ª Zona — **Portela de Sintra:** Av.ª José Frederico Ulrich, Av.ª Dr. Alvaro Vasconcelos, Trav.ª dos Cosmos, Trav.ª da Portela, Casal Amélia. (Das 8 ás 15 horas).

3.ª Zona — **Concelho Oeiras: Paço de Arcos:** Av.ª Dr. Oliveira Salazar, Praceta Dr. Oliveira Salazar, Praceta Nossa Senhora do Mar, Estrada de Paço de Arcos a Porto Salvo. (Das 8 ás 15 horas).

4.ª Zona — **AMADORA: Bairro Janeiro:** Rua Marcelino Mesquita, Rua Ramalho Ortigão, Av.ª Elias Garcia e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Mafra:** SEIXAL / LAPA DA SERRA / CASAL DOS LEITÕES / BAIRRO DA COSTAFRANCA (na Ericeira) / ERICEIRA / FONTE BOA DOS NABOS / SANTO ISIDORO / RIBAMAR. (Das 7 ás 17 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Loures:** Toda a zona industrial e camarária entre S. João da Talha e Póvoa. (Das 7 ás 14 horas).

7.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira: Vila Franca de Xira:** Rua Palha Blanco zona Sul (parte), Av.ª Combatentes da Grande Guerra, Rua Serpa Pinto (parte), Rua José Dias da Silva e imediações. (Das 7 ás 14 horas).

8.ª Zona — ALVERCA DO RIBATEJO / ALDEIA DO SOBRALINHO. (Das 7 ás 14 horas).

9.ª Zona — **Concelho do Sobral de Monte Agraço:** FREIRIA. (Das 7 ás 14 horas).

10.ª Zona — **Concelho de Torres Vedras:** S. DOMINGOS DE CARMÕES / BOLIGUEIRA / CARVOEIRA / CARREIRAS / ZIBREIRA / CORUJEIRA e linhas de A. T. entre Sobral e S. Sebastião. (Das 7 ás 14 horas).

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

DAVID KIT
apresenta a sua
COLECÇÃO DE PELES
INVERNO '71
no
CASINO ESTORIL
3.ª feira, 20 de Outubro, às 15.30
Vestidos: LEONILDE Locução: MARIA LEONOR
no palco: o «show» do Casino
MARCAÇÕES: 48089, 42581, 47820 e 264596
O produto líquido reverte a favor da Obra «Os Fernandinhos Pobres», assim como o sorteio de uma ÉCHARPE de VISON, oferecida por DAVID KIT

DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Valem a pena estes planos?

CARLOS CARVALHAS

O III Plano de Fomento (1968-73) inclui, pela primeira vez, uma nova perspectiva, um estudo específico sobre planeamento regional. Anteriormente já tinha havido algumas iniciativas, entre as quais, a criação da Junta de Planeamento Regional em 1962, mas esta, como as outras, nunca chegaram a ver a luz do dia. Este plano apresenta as disparidades, a estrutura e a evolução regionais chegando á brilhante conclusão de que há um problema grave!... Para efeitos da política de desenvolvimento divide-se o País em quatro regiões-plano e mais duas correspondendo ás ilhas. Uma dessas regiões é a região Centro subdividida por sua vez em outras duas sub-regiões: Litoral (Aveiro, Coimbra e Leiria) e Interior (Viseu, Guarda e Castelo Branco) e que foi considerada uma «zona crítica» (carência quase total de indústrias transformadoras dinâmicas, de centros urbanos bem dimensionados e com indicado r de médios de desenvolvimento ainda inferior ás médias do continente) fora alguns concelhos entre Viseu e Covilhã onde já se nota alguma industrialização. Entre as várias medidas de política económica foi considerado como prioritário a modernização da agricultura, com particular atenção para as potencialidades da «Cova da Beira» que abrange concelhos dos vários distritos da região interior e que deu o nome ao colóquio que agora se realizou. Mas em todas estas medidas não se passou de tão inúteis como cómodas generalidades. Onde está para cada região o plano de desenvolvimento e as medidas concretas? Quem os prepara? Quem os executa e como são acompanhados e controlados?

O sistema económico em que nos encontramos integrados cria por si só, desequilíbrios de desenvolvimento de que é conhecido o macrocefalismo do País, daí que se procure combater o poder de atracção de Lisboa e Porto com o desenvolvimento regional.

Mas a aplicação de grandes volumes de recursos públicos, nas opções consideradas fundamentais, aliado a um abrandamento palpável do nosso crescimento económico, levará com certeza a preterir investimentos de maior reprodutividade em regiões mais desenvolvidas, em favor de investimentos de base nas regiões estagnadas, muitas vezes não directamente reprodutivos. Por isso estamos convencidos que o desenvolvimento regional não sairá do rosário das «boas intenções».

Na linha do plano o Decreto-Lei 48 905, de Março de 1969 ainda procurou criar a «orgânica administrativa adequada ao início da realização do planeamento regional, mas a verdade é que as comissões consultivas regionais a criar em cada região-plano ainda não foram totalmente empossadas e não têm qualquer representatividade das massas populares que sempre têm sido postas á margem na elaboração e execução dos planos de fomento.

Temos assistido, pois, á não realização dos empreendimentos programados e á não efectivação das medidas e orientações preconizadas.

Isto tem levado entre nós a um certo descrédito no desenvolvimento planeado quando o conhecimento, cientificamente fundado, nos diz que a evolução espontânea da economia não é satisfatória. Daí que o

Cont. na pag. 11

MESA REDONDA

A questão florestal

O Conselho de Ministros, reunido na última terça-feira, tomou importantes decisões, a julgar pelo tema — dado que ainda não são conhecidos os textos dos diplomas aprovados. Referimo-nos, sobretudo, ao novo regime cerealífero e à defesa contra incêndios nas matas florestais. O certo é que as alterações, ou emendas, ao regime jurídico das relações colectivas de trabalho também pode ter uma importância excepcional, embora tenda a passar mais despercebido.

Quanto ao novo regime cerealífero, lembramos que os industriais de panificação têm estado reunidos em assembleia permanente, tendo até solicitado um adiamento da entrada em vigor do novo diploma — receando-o, portanto, nas circunstâncias actuais. A defesa do património florestal também é matéria de suma importância, quando ainda temos áreas enormes à espera de florestação, quando vemos projectos — como o da Serra do Caldeirão — retardados em dezenas e dezenas de anos. A par de uma maior humanização e de crescente independência, responsabilidade e legalidade nas relações entre os Serviços Florestais e as autarquias locais — quer dizer entre um serviço oficial de reconhecida importância geoeconómica e o povo das muitas regiões que vê afectado o seu património tradicional sem descortinar, por falta de informação e por ausência, muitas vezes, do respeito devido a quem possui, mais do que ninguém, o chamado «direito à terra», é de desejar a implantação de um sistema capaz de defender o património existente contra os perigos diários que o ameaçam.

Pela primeira vez, foram usados este ano helicópteros no combate às chamas na serra da Lousã. Foi um progresso. Mas há que aperfeiçoar e completar o sistema, actualizar os serviços de prevenção, abrir caminhos em maior quantidade, dotar os postos de vigilância com telefones e

Cont na pág. 11

Ensino infantil

As (boas) experiências de ensino infantil merecem a nossa melhor atenção. No campo da exploração particular do mesmo (a única que existe, infelizmente), destacamos hoje a actividade da Escola Pestallozzi, através de uma reportagem plena de actualidade

Na página 5

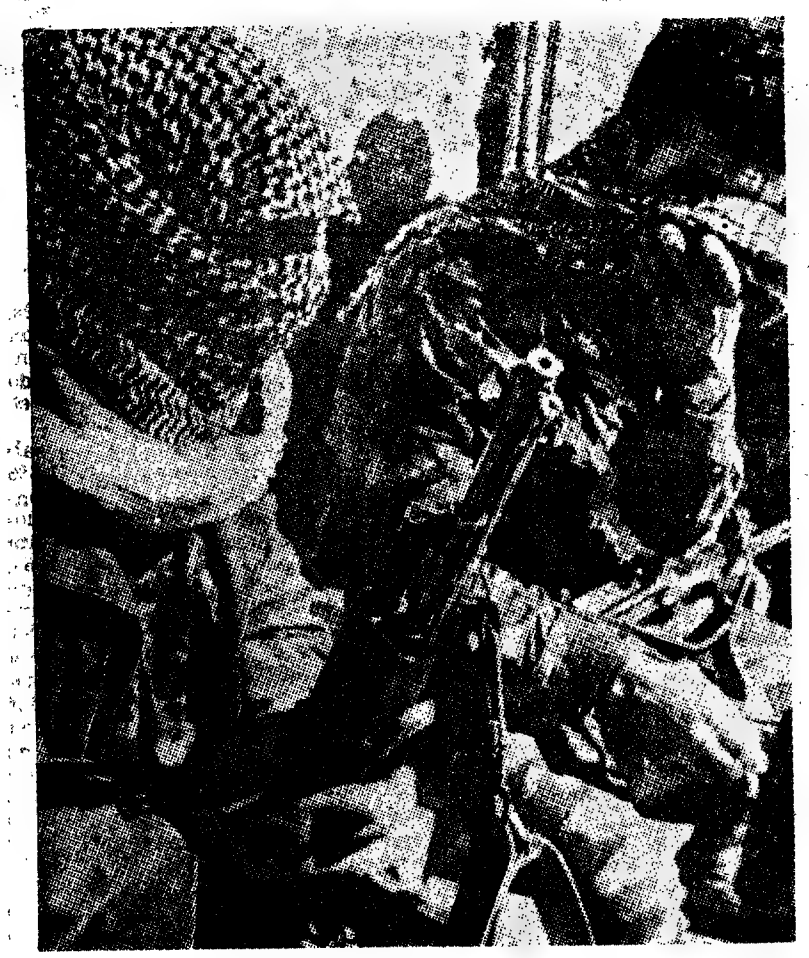
Electrodomésticos

Electrodomésticos, automóveis: objectos de consumo corrente, necessário, ou artigos de luxo? Medidas oficiais de contracção do crédito lançam o alarme num vasto sector do ramo. É o momentoso problema que abordamos na página 3.

Emancipação da mulher

Questão sempre actual, problema que dia a dia nos diz mais respeito. A mulher procura e caminha para a sua emancipação, conscientemente, por um lado, forçada pelas circunstâncias, por outro. Sobre a promoção da mulher através do trabalho organizámos, no Porto, um importante debate que José António Salvador moderou, tendo como participantes o dr. Armando de Castro e as dras. Fernanda Dias e Maria Osório.

Na página central



ASSIM VAI O MUNDO

Um novo plano

Depois do «Plano Rogers» teria surgido, nas conversações de Golda Meyr com Nixon, um novo plano de solução do problema palestiano. Escreve E. Haro Tecglen «Triunfo», 3 de Outubro): «Consistiria na criação de um novo país, mais exactamente de uma nova Palestina, não situada onde estava até à criação do Estado de Israel. O território para a instalação dos 2 milhões de "pessoas deslocadas" cedê-lo-ia Israel, mas esta generosidade torna-se muito relativa quando se sabe que tal território é o da Jordânia, que Israel ocupa actualmente, e que se chamava Cisjordânia, a parte de cá do rio Jordão. Diz-se que Nixon está disposto a prestar ajuda económica a este plano que, segundo Tel-Aviv, é o único capaz de trazer uma solução autêntica ao problema que, como seu viu durante esta última crise, está exclusivamente centrado nos palestinianos. (Na reunião do Cairo viu-se bem a transformação da doutrina: o que há anos era uma guerra da nação árabe converteu-se em "apoio aos palestinianos na sua luta contra Israel"). A solução não é nova. É a solução proposta em 1947 por uma comissão especial da ONU, aceite pela Assembleia Geral e pela Agência Judaica, mas rechaçada pelo árabes, cujo exército de libertação ocupou Galileia e Jerusalém. Foi então que o Conselho Nacional Judaico, presidido por Ben Gurion, entrou em combate, desfez a ofensiva árabe e se produziu o grande êxodo palestiniano. A ONU deteve os combates, e os extremistas israelitas, que esperavam uma vitória decisiva e a ampliação dos territórios, assassinaram o medianeiro da ONU, conde Bernadotte. Como se vê, o antecedente desta ideia é funesto.»

Espanha

Afirma-se em certos meios que os julgamentos de jovens bascos e de algumas dezenas de eclesiásticos, detidos em Espanha por razões políticas (sobretudo em relação ao primeiros, o termo utilizado normalmente pela acusação é «terrorismo») vão decorrer perante tribunais militares, á porta fechada. Os advogados de defesa receiam que alguns dos réus sejam condenados á pena de morte. Os padres (cerca de três dezenas) estariam detidos numa prisão reservada a eclesiásticos, em Zamora, próximo da fronteira portuguesa.

Cubanos

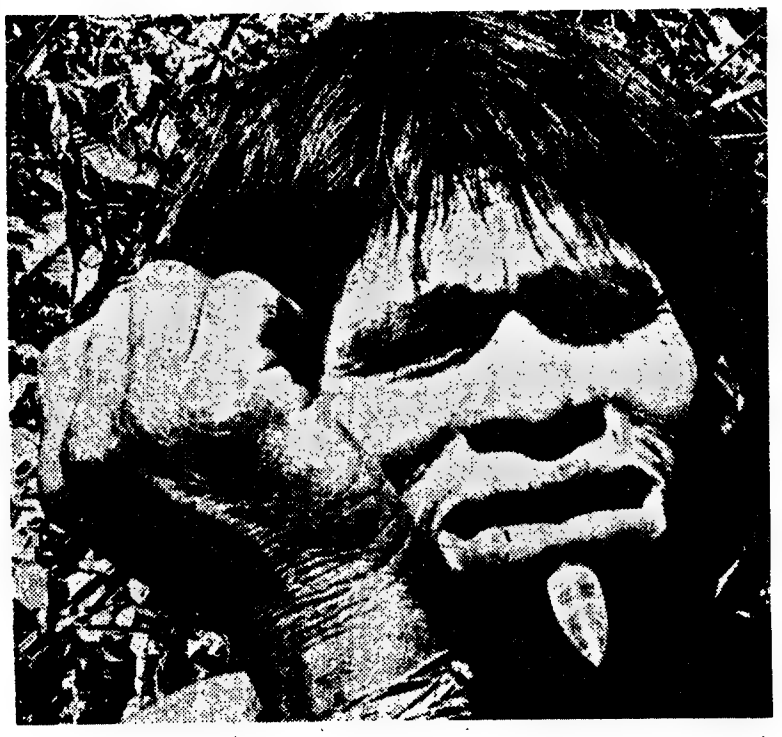
A situação da maioria dos exilados cubanos nos Estados Unidos deve ser bastante difícil. (Problemas de adaptação, idioma, racismo, hábitos diferentes...)

Transcrevemos de um semanário de exilados cubanos na América do Norte, «El Tiempo» (21 de Junho), o final de um artigo de Luís Ortega, jornalista que há anos, depois do triunfo da Revolução, abandonou Cuba: «Resta uma saída. A única. Considere-se perdido o já perdido. E sirva-se a pequena nacionalidade cubana cortando pela raiz a fuga da ilha. Não mais desterrados. Que não se tragam mais familiares. Que não se escrevam mais cartas mentirosas a pintar como um paraíso o que é, em rigor, um inferno. Diga-se a verdade sobre o exílio. Uma nação não se salva com a fuga de todos os seus filhos, mas com a adesão destes à terra. Um regime político, seja qual for, não justifica a dispersão. Foi criminoso fomentar o êxodo, e agora sofrem-se as consequências. O êxodo cubano — impulsionado pelas autoridades americanas e por uma legião de cubanos idiotas — revelou a nossa dolorosa imaturidade nacional.

Diga-se a todos, sinceramente, quais foram as consequências do êxodo e peça-se aos que estão em Cuba que aí permaneçam. A televisão a cores não compensa ficar-se sem pátria e sem filhos.»

Índios

Algumas organizações internacionais mostram-se preocupadas com o futuro dos índios na Colômbia, face a certos métodos de «pacificação» que as autoridades do país, o exército, os colonos e, de um modo geral, as oligarquias colombianas têm posto em prática. Segundo informações autenticadas por prestigiosas personalidades colombianas, os índios da região de Planas, sobretudo os que pertencem á tribo Guahiba, são sistemáticamente perseguidos pelo exército, o qual usa métodos de uma grande complexidade, apoiado por colonos decididos a exterminar os índios a fim de se apropriarem das suas terras. A perseguição seria feita com armamento moderno, e o massacre que normalmente se segue constitui um autêntico genocídio. Os índios capturados e aprisionados em condições infra-humanas em Villavicencio são submetidos a torturas que ultrapassam a imaginação — dizem as mesmas fontes. Centenas de índios regressaram á selva, sem outros meios de defesa que não sejam flechas primitivas, face ao material de guerra aperfeiçoado do exército.



ASSIM VAMOS NÓS

Transportes

No III Plano de Fomento, o sector de transportes e comunicações foi objecto de preocupações. Considerando a necessidade de inserção deste sector numa política de expansão económica, estabeleceram-se medidas de reestruturação que permitissem uma efectiva prestação de serviços. Mas nada de ilusões optimistas! Apesar de os investimentos previstos para o sector de transportes orçarem em cerca de 21% da totalidade programada, a oferta não é considerada suficientemente estimulante...

É o que diz o Presidente do Conselho Directivo do G.E.T.P.: «... o sistema de transportes necessita de investimentos programados a longo prazo, iniciados com a devida antecipação, para que a satisfação da procura seja feita por aumentos sucessivos da capacidade de oferta...»

Isto é: soluções a longo, longo prazo. Entretanto o cidadão continuará a ganhar tiques nervosos enquanto espera pelos transportes ditos públicos.

Trabalho

No recente Seminário sobre Medicina do Trabalho, o dr. J. Castel-Branco da Silveira apresentou um tema de discussão, em que se abordava o problema da colocação selectiva nas empresas industriais. Estudo feito para as empresas e visando «suprir as deficiências que ultrapassam a própria indústria mas em que é a primeira interessada», foca a questão de processos de aumento da produtividade, através de uma utilização racional da mão-de-obra, de modo a conseguir a lucrativa e necessária «feliz harmonia entre Homem/Ofício». Fim em vista integrar os homens vulgares no espírito da empresa, «reduzindo os custos de formação e rotação do pessoal», mas aumentando substancialmente o rendimento e a produção...

Habitação

O dr. Manuel Casimiro de Almeida, numa reunião da Câmara Municipal de Lisboa, a propósito da Campanha Municipal de Construção de Habitação de Renda Acessível, abordou o problema dos casais com vários filhos, por vezes de ambos os sexos que vivem num único quarto alugado ou em barracas, sótãos e caves sem o mínimo de condições sanitárias.

Interroga-se sobre os efeitos de uma tal campanha feita sistemáticamente, pois do facto de existirem «habitantes de barracas com televisão, frigorífico, automóvel (...) com relativamente mais desafogo económico que outros que vivem embiocados em prédios pombalinos, pode-se concluir que a ocupação desses habitantes para as casas camarárias, se «filia não na necessidade mas num interiorizado mau hábito, numa incultura e falta de educação que redundam em teimosia». O dr. Manuel Casimiro de Almeida, esqueceu-se de apontar causas para tais efeitos que o levam a concluir como fecho do seu discurso: «Deus nos ajude a todos.»

Socialismo português

No «Tempo e o Modo» de Setembro, um artigo de Moisés da Silva Ramos: «O Socialismo Reformista, a experiência portuguesa até á primeira guerra mundial».

Transcrevemos dois passos desse artigo, com o que pretendemos dar ao leitor uma ideia das teses principais do citado texto: «Não será portanto de admirar que a Constituição, em 1875, do Partido dos Operários Socialistas de Portugal, a despeito das condições históricas existentes serem bastante diferentes das dos países mais desenvolvidos da Europa, tenha sido influenciada pela ideologia social-democrática, embora temperada pelo socialismo francês, aliás, já então também a caminho do mesmo tipo do processo degenerativo.» (pág. 23).

«Apesar de uma certa coloração de marxismo e apesar de poucos anos antes (segundo César Nogueira), a Fraternidade Operária, que esteve na origem do Partido Socialista, ter tido como seu delegado ao Congresso de Haia, Paul Lafargue, genro de Marx, a política da mão estendida, da reforma e da conciliação entre o proletariado e a burguesia, era já enunciada publicamente. Como se verá, nunca esta ambiguidade foi abandonada durante toda a vida do chamado Partido Socialista Português».

Índices

Mantém-se a tendência da subida de preços, apesar das medidas que se começam a sentir nomeadamente na contracção do crédito.

Em Lisboa, neste primeiro semestre, o acréscimo foi em relação a igual período do ano anterior da ordem de 9%, em Coimbra, 3,3% e no Porto 3,5%. A média do continente mostra que o «fenómeno» não se atenua.

Quem suportará a contracção do crédito?

Em todos os países, um dos indicadores do nível de bem-estar da população reside na maior ou menor frequência de electrodomésticos, tal como o quantitativo de energia eléctrica consumida por habitante constitui, num conjunto de multiplicidade de factores, um medidor do progresso económico-social. Dado o ritmo de vida e a realidade, cada vez mais constante, de um casal em que ambos os membros são produtivos, a insuficiência do equipamento familiar revela mais do que uma carência de bem-estar, uma deficiência da estrutura económica. Esta insuficiência não se revela apenas na actualidade dos agregados familiares portugueses. Em França, nas cidades de 100 000 a 1 milhão de habitantes, em cada 100 lares, 42,7 possuem máquinas de lavar, 62,8 um frigorífico, e mais de metade possui um aspirador ou enceradora. Estes números restringem-se, ainda, quando considerados os grupos sociais económicamente mais desfavorecidos. Assim em cada 100 lares, cujos chefes de família são operários, 53,4 possuem frigoríficos, 44,4 máquinas de lavar e 40,1 aspirador ou enceradora (confronte-se com a realidade de 100 lares, cujos chefes de família têm profissões liberais: 91,2 possuem frigorífico, 61,8 máquina de lavar e 85 aspirador ou enceradora, 59,3 Televisão). As restrições avultam ainda mais nos centros rurais: em 100 lares situados no meio rural sòmente 35 possuiam máquina de lavar, 25 um aspirador ou enceradora e 37,3 um frigorífico.

Em Portugal não possuímos índices que nos permitam ter uma ideia correcta da situação actual do equipamento electrodoméstico. No entanto, é suficiente analisarmos o quadro do consumo de electricidade dos países da O. C. D. E. para estabelecermos uma estimativa aproximada: Portugal, em relação ao consumo de (Kwh) por pessoa e por ano, ocupa o segundo lugar mais desfavorecido: 590 kw/h, número só superior ao consumo registado na Turquia (183 kw/h), mas inferior ao da Grécia (715 kw/h).

Em França, o consumo em (Kw/h) é de 2216, aparecendo os índices mais elevados nos países nórdicos. Note-se que esta capitação do consumo de electricidade incide especialmente em Lisboa (uma média de 60 por cento mais alto do que a verificada no resto do continente). Também o número de televisões e de rádios por 1000 habitantes, apresentavam em 1967 os quantitativos mais fracos no conjunto de países da O. C. D. E., isto é, apenas 29 TV por 1000 habitantes e com uma distribuição bastante irregular por distritos: em Lisboa, 77 receptores por mil habitantes, 50 em Setúbal, 28 no Porto, 33 em Faro, e em Bragança, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu o número de TV por milhar de habitantes era inferior a 10. Em 1968 existiam 34 receptores de TV por mil habitantes: em todo o Continente a existência em 31-12-69 era de 347188 aparelhos de televisão e de 1 368 129 de radiodifusão.

A política de selecção do crédito, pressionada por modificação da estrutura socio-económica, agudizará o desnível de bem-estar da população portuguesa

Quanto à estimativa da densidade de automóveis em 1962 (números nitidamente ultrapassados dada a evolução da indústria automóvel) era no Continente de 25 veículos por mil habitantes, sendo em Lisboa de 63 por mil habitantes. Em 31-12-1968, calculava-se o número de automóveis de passageiros existentes no Continente era de 388240, o que revela um acréscimo em relação a 31-12-1966, cujo número era 311 694. Considerando a deficientíssima rede de transportes de serviço público (em 1968 existiam um total de 1919 carreiras regulares de autocarros e eléctricos de serviço público, dos quais 1837 eram dedicados ao transporte de passageiros, servindo 239 destas linhas a cidade de Lisboa com 1564,6 milhares de habitantes), a questão: automóvel, luxo ou necessidade perde a sua razão de ser. Por informação do Relatório de Contas do Grémio dos Industriais de Montagem e Fabricação de Veículos Automóveis, a produção automóvel no ano de 1968 foi de 38 683 unidades, e no ano transacto de 51 837 unidades. Aconteceu, portanto, um aumento substancial, que como verificámos pelos gráficos de preços de venda, se manifestou na produção de carros ditos utilitários; 25 por cento das unidades produzidas, em 1969, foram vendidas com preços até 55 contos, 40 por cento entre 55 contos a 70 contos, 20 por cento a mais de 70 contos até 90 contos, 10 por cento entre valores superiores a 90 contos e até 110 contos e 5 por cento mais de 110 contos.

Vendas a crédito

Ora, electrodomésticos e automóveis são dos ramos cujo sistema de pagamentos, funciona mais através do processo de letras comerciais. E este processo não se restringe á cadeia intermediário-consumidor, mas atinge a própria relação intermediário-produção. O consumidor, embora seja o que menos beneficia (os juros, as transferências, os portes e expedientes são pagos por ele á empresa bancária que cede o crédito), pois, no entanto, adquirir bens que lhes permitem satisfazer as necessidades de momento e que pagará a médio ou a longo prazo. Pagará ou não pagará, pois tem-se verificado uma subida substancial no valor de letras protestadas pelas instituições bancárias: em 1968, 36 119 unidades no valor de 341 000 milhares de escudos, e em 1967, 80 019 unidades no valor de 806 000 milhares de escudos foram protestadas.

Num banco português, só em 1968 os valores da Carteira Comercial atingiram 50,7 % do total disponível e realizável. Aliás a Carteira Comercial registou no seu saldo um aumento de 41,4 % em Maio de 1970 em confronto com igual período em 1969. Já no fim de Dezembro de 1969, houvera um aumento de 45,3 % comparativamente aos valores de 1968. No mercado, o sistema de letras parece sólidamente instalado. O maior recurso a este sistema conduz á necessidade de uma maior concessão do crédito por parte das empresas bancárias e do Banco Central. Mas este recurso ao crédito conduz a uma elevada circulação de títulos no País, circulação que não é compensada por um acréscimo equivalente de moedas e notas. Apesar de já este ano, estar aumentado em cerca de 9,0 % a circulação monetária, o Banco de Portugal parece querer recuar nessa linha e entrar decisivamente numa política de contracção do crédito. Será que esta medida impedirá a tendência inflacionista da actual conjuntura económica portuguesa ou este método (deflacionista?) fa-la-á apenas recuar á custa de uma agudização de problemas que necessàriamente surgirão noutros sectores, inclusive no sector de produção e de consumo?

Não se irá, pelo contrário, favorecer o processo inflacionista, na medida em que se desencoraja a actividade económica e a iniciativa empresarial? A contracção do crédito, medida clássica de combate á inflação, irá debelar a causa principal da inflação: as despesas não reprodutivas?

A questão foi posta em termos simples, ao nível de pessoas abordadas ao acaso na rua. O debate está aberto.

ao acaso da rua

Electrodomésticos: artigos de luxo?

ARTIGOS MUITO CAROS

Descendo a rua, um casal. Uma vez abordado, verificámos tratar-se de turistas franceses da classe média em férias. Boubée, assim disse chamar-se a senhora, respondeu-nos:

— *Possuo apenas um frigorífico e um aparelho de rádio. Gostava de ter uma máquina de lavar. Estes aparelhos são indispensáveis, tanto mais que trabalho fora de casa, sou massagista, e não posso nem achamos justo que perca muito tempo nas tarefas domésticas. Comprei tudo, até o automóvel, pagando a pronto, mas tenho notado que cá, em Portugal, os electrodomésticos são muito mais caros do que em França. Não compreendemos que em artigos de tal utilidade a oferta não seja muito acessível.*

COMPRAR A PRESTAÇÕES OU NÃO COMPRAR

Albina Marques é uma felizarda em relação á média das mulheres domésticas portuguesas:

— *Possuo realmente um bom conjunto electrodoméstico: frigorífico, máquina de lavar, enceradora, aspirador, torradeira eléctrica, batedeira. Só me falta a máquina de lavar a louça e, já agora, gostava de a adquirir. O meu marido comprou-me tudo a pronto. Pois claro que não é um luxo a posse de electrodomésticos. Nós, as donas de casa bem sabemos até que ponto eles são uma necessidade. O meu marido tem carro. Também não foi por questão de grandezas que o comprou, mas por necessidade da sua vida prática. É empreiteiro das obras publicas e profissionalmente o carro é-lhe indispensável. Comprou-o a letras porque é um carro ainda caro. Pouca gente pode dispor de dinheiro que lhe permita comprar a pronto. As letras facilitam a vida a muita gente. Se vão dificultá-las, não há duvida que vão atrapalhar muitos negócios.*

Conceição Isabel, doméstica, recebeu-nos na paragem do autocarro, quase com satisfação por a ajudarmos a matar o tempo de espera:

— *Tenho sim, frigorífico e enceradora que comprei a prestações. Vou duas a três vezes á praça porque posso utilizar o frigorífico. Antigamente era uma canseira todos os dias. Por isso não compreendo que se possa pensar que os electrodomésticos sejam um luxo. Eles são sim cada vez mais uma necessidade. Se realmente, o sistema de facilidades de pagamento for apertado, o consumidor é que sairá prejudicado. Veja que então já eu não podia comprar o meu frigorífico nem a enceradora! Pois se os ordenados são escassos como é que havemos de comprar sendo a prestações!?*

Cont. na pág. 4

Electrodomésticos e automóveis: artigos de luxo?

Cont. da pág. 3

Esta é também a opinião do senhor Rogério da Silva, motorista de táxi há vinte anos:

— Comprei tudo o que temos em electrodomésticos a prestações, ou então não comprava. A minha mulher é doméstica mas também tem o ofício de ajuntadeira. Parecendo que não, facilita muito a vida da dona de casa. Olhe a panela de pressão e o frigorífico, o tempo que não poupam! Temos também rádio e TV. Tudo a prestações. Uma vez, também me meti aí num negócio de comprar uma furgoneta e teve de ser a prestações.

Depois as coisas correram para o torto, e tive de a vender. Os pobres nunca têm dinheiro disponível. A prestação é um meio de fazer face à vida. O sistema de prestações está integrado no nível de vida. Se ganhássemos o suficiente para acumularmos alguma coisa, era diferente. Assim hoje em dia não há ninguém que não compre a prestações e depois como se vive mal a maior parte não tem estofo para cumprir. Se realmente forem dificultar o crédito, o que eu penso é que isso irá afectar a indústria automóvel. A imensa maioria de carros são pagos aos «bochechos», nem faz ideia! Se só circulassem os carros que estão todos pagos andava-se muito mais à vontade. No nosso caso, também vamos ser prejudicados, pelo menos aqueles colegas que compram ou recebem um direito. Um direito não custa menos de seiscentos e tal contos e depois o carro como é que o podem ter, se não recorrerem às letras!? Um «Mercedes» custa vor volta de duzentos contos. Quem é que vai poder aguentar um barco destes?

Na Fripolo, casa de electrodomésticos, atendeu-nos Carlos Viegas, empregado no ramo há 2 anos:

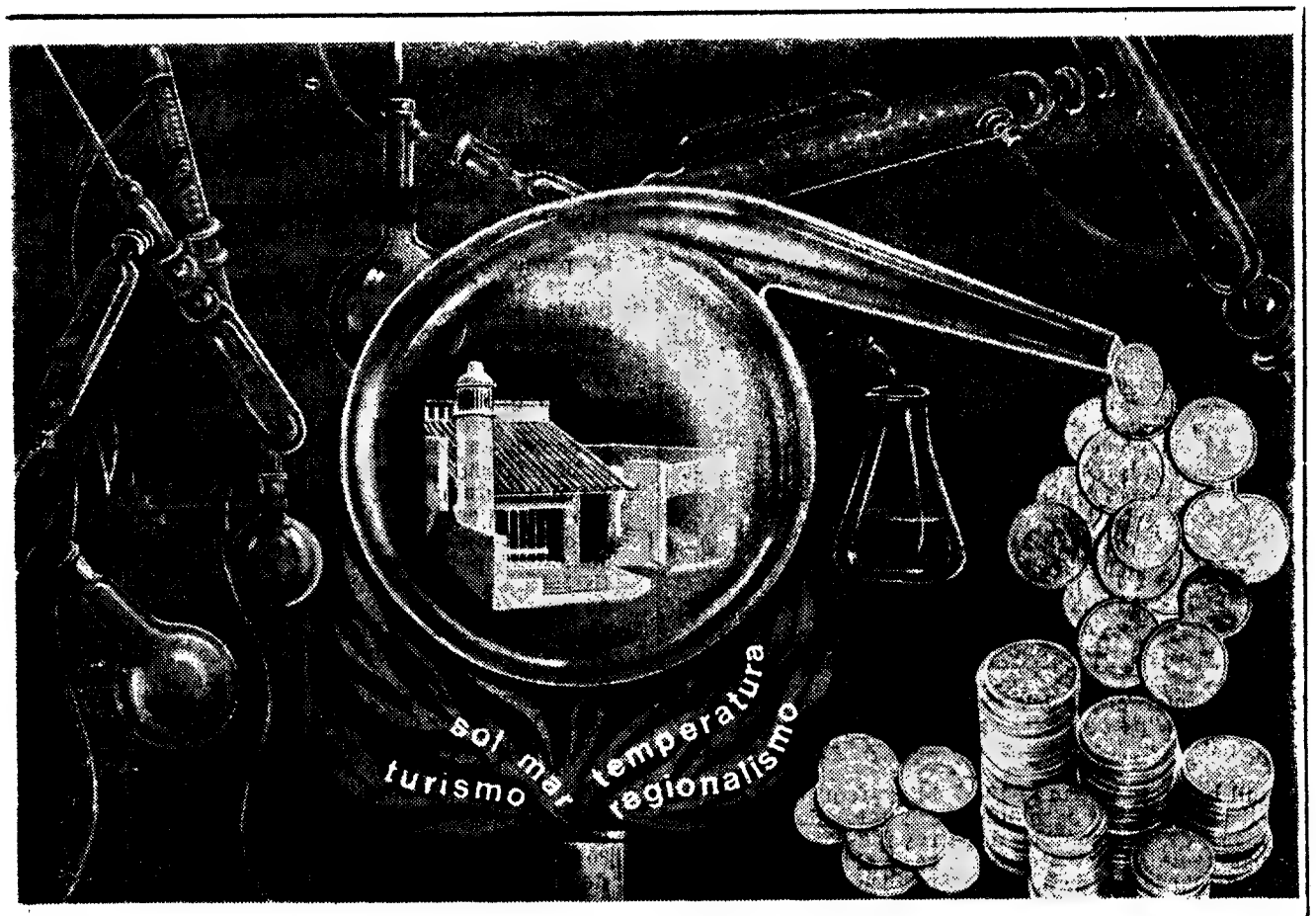
— Vendemos muito segundo o sistema de prestações. Cerca de 300 contos por mês em prestações. Creio que se concretizam a contracção do crédito, o negócio será inevitàvelmente influenciado. Nós concedíamos certas facilidades, não exigíamos fiador nem entrada, e estendíamos o prazo até 36 meses. Agora as facilidades serão mínimas. Não podemos conceder um prazo superior a 24 meses e isso irá ressentir-se no volume de vendas. Já aconteceu que as pessoas deixaram de comprar por causa de acharem o prazo de dois anos insuficiente. Foram em busca de outras casas, mas encontraram, com certeza, a mesma resposta.

TAPAR UM BURACO, ABRIR MUITAS BRECHAS

Domingues de Castro, vendedor de automóveis, revelou-nos o que pensa sobre o assunto:

— Se cortarem os prazos de pagamento, as possibilidades de negócio serão bastante diminuídas. O prazo de 36 meses encontrava-se actualizado e tinha em conta o poder de compra em Portugal. O dinheiro é a mola real, mas dado o nível de vida como é que as pessoas podem comprar sem letras? Eu, num ano, vendo cinco ou seis carros a pronto pagamento, e 130 a 140 a letras. A maioria compra a letras e com o maior prazo. As pessoas ainda podem pagar 1000$00 ou 1200$00 por mês, mas tudo o que passe este montante é-lhes inacessível. Os carros vendem-se a pessoas que trabalham e precisam deles para a profissão ou para se deslocarem. Nós bem sabemos que cada vez mais as pessoas são empurradas para habitações que ficam na periferia de Lisboa. É um problema de espaço e de rendas incomportáveis. O nível de vida não se mede pela grande quantidade de carros que existem em circulação. Nos países em que a rede de transportes serve realmente o público nem há muita necessidade de transporte privado. Presentemente, vende-se muito carro utilitário; o carro de luxo sempre foi um negócio esporádico. Ora, se limitam as facilidades isso vai até ser um susto na nossa vida profissional. As comissões são pequenas. Nós «safamo-nos» porque vendemos em quantidade. Com estas condições iremos, sem dúvida, vender metade. Como se resolve o problema? Eu com 34 anos e uma experiência neste ramo vou procurar outra colocação? Ou vou desabituar-me do nível de vida em que o meu presente orçamento me lançou? Na medida em que se vende menos não haverá uma acumulação de «stocks». Da linha de montagem saem diàriamente 180 carros. Quem é que os vai comprar? Não terão de limitar a produção? E o pessoal não terá de ser dispensado? E os seguros não serão também afectados? Quantos mais carros se vendem mais seguros se fazem. Nota-se que os compradores já estão atemorizados. Isto veio trazer a celeuma e a tensão. Já no comércio de carros usados, onde vamos colocar as retomas, se estão a fazer sentir as dificuldades. Como os prazos de pagamento não lhes permitem realizar fàcilmente o seu dinheiro no banco, estes comerciantes ou pagam uma ninharia ou não pagam a pronto. Na verdade penso que estas medidas tomadas talvez para tapar um buraco, vão abrir uma série de brechas.

HELENA NEVES



INVISTA O SEU CAPITAL NA "ALDEIA DAS AÇOTEIAS"

Nós PROMOVEMOS TURISMO. Nós somos o TOURING CLUB DE PORTUGAL, Indústria Turística, S.A.R.L. e convidamo-lo a associar-se ao nosso EMPREENDIMENTO TURÍSTICO • Praia da Falésia — Albufeira — Algarve.

Recorte o cupon abaixo e envie-o à Divisão de Vendas do Touring Club de Portugal, a fim de receber, sem qualquer compromisso, informações detalhadas sobre este complexo turístico

DL TOURING CLUB DE PORTUGAL
ALDEIA DAS AÇOTEIAS
DIVISÃO DE VENDAS
Rua Rodrigues Sampaio, 21, 5.º - C e D
LISBOA Telefs. 51983 - 51998

Estou interessado em receber informações detalhadas sobre o vosso Empreendimento Turístico.

☐ Moradias ☐ Apartamentos

Nome
Morada
Localidade
Distrito Telef.

TCP TOURING CLUB DE PORTUGAL "DIVISÃO DE VENDAS"
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 21 - 5º C • D - LISBOA • telefones - 51983 - 51998

Paternalismo

Um jovem de 18 anos e meio suicidou-se pelo fogo. A ocorrência verificou-se em Ille et Vilaine, França, numa empresa de marcenaria, próximo de Vitré: a fábrica Pasquet.

Meses atrás, este processo esteve na moda, sem deixar, contudo, de ser chocante. Normalmente, estes jovens autoimoladores assumiam deste modo uma posição de protesto contra qualquer coisa de importante: normalmente situações extremas de injustiça, guerras, atentados à liberdade individual ou colectiva. O caso de Vitré, contudo, ultrapassa a capacidade normal de reacção: as organizações sindicalistas francesas apontam a direcção da empresa onde o jovem trabalhava como responsável pelo suicídio.

Trata-se de uma direcção «paternalista» e «feudal», segundo a notícia publicada em «Syndicalisme»: o dono é adjunto do presidente municipal, por acaso uma viscondessa. Na fábrica trabalhavam quatro jovens guedelhudos, facto intolerável para as «pessoas de bem» de uma terra provinciana. Pasquet pretendeu convencê-los a cortar o cabelo para proporções «decentes», indo até à coacção familiar e ameaças de despedimento. Os operários consultaram as organizações sindicais: haveria pretexto legal para serem despedidos por tal motivo? A inspecção do trabalho estudou o problema e confirmou que um eventual despedimento era ilegal.

A direcção de Pasquet, todavia, manteve as suas pressões. Três dos jovens aguentaram-se. O quarto cedeu. O facto assumiu para ele uma importância considerável, tendo a impressão de haver traído os camaradas. Num gesto de desespero, imolou-se pelo fogo dentro da empresa onde trabalhava.

Houve uma tentativa de opor um muro de silêncio ao acontecimento. Os jornais da região deram a notícia em poucas linhas. Mas o drama deixou as suas marcas. Por questão de boas maneiras, uma delegação patronal acompanhou o enterro. Foi nomeada uma comissão de operários, para o mesmo efeito. Os sindicatos também estiveram representados. A publicação a que atrás nos referimos, concluia deste modo os seus comentários ao triste acontecimento: «É escandaloso que uma autoridade patronal possa ainda exercer-se de maneira tão discricionária e que semelhantes atentados à liberdade e à dignidade continuem a verificar-se».

ENSINO INFANTIL

Uma tarde no jardim Pestallozzi

No Jardim-Infantil Pestallozzi, criado e dirigido há 15 anos por Lucinda Atalaya, as crianças vivem a sua infância. E vivem-na na alegria fácil, comunicativa do gesto liberto, da expressão que se manifesta nos dedos infantis, que no papel, fabricam imagens ou desenham no espaço as energias dos seus corpos desinibidos.

As palavras do mestre estão presentes no projecto de adultos que são as crianças: «*Nós não queremos escolas de soletração escrita ou catecismo, o que nos falta são as escolas de homens.*»

Vendo-as em movimento, ocorre-nos a maravilha do mundo que a escola tradicional nos ocultou, a história da «mão» que escravizámos, quando repetíamos até 100 vezes a frase errada no ditado.

No Jardim Infantil Pestallozzi vivem a sua infância, 157 crianças. Na totalidade a esperança de 157 adultos. Não é «*toda a criança que se ensina, um homem que se ganha?*»

Escola activa é levar a criança a participar numa tarefa comum ao grupo e à própria instituição

Lucinda Atalaya fala-nos sobre estas crianças:

—*Efectivamente a nossa lotação é de 172 crianças mas recusamos admitir mais de que as actuais, porque consideramos que o espaço não é suficiente para o tipo de ensino que conduzimos. Seria até desejável que diminuíssemos a frequência, mas não podemos abstrair-nos do problema económico. Dentro destas limitações inevitáveis, procuramos seguir um esquema pedagógico essencialmente activo. É nele que escola activa não é sòmente pôr a criança a fazer coisas, mas fazê-la participar numa tarefa comum não só ao grupo como à própria instituição. Nunca tomamos qualquer decisão, em que a criança esteja implicada, sem a ouvirmos; são-lhe sempre dadas explicações e encorajamos as suas críticas em reuniões semanais que envolvem crianças, professores, pessoal e directora.*

A escola tradicional destrói a necessidade infantil pelo saber

—Usam métodos especiais para despertarem o interesse e a necessidade de aprendizagem na criança?

—*Eu preferia não empregar as palavras «despertar a necessidade de aprender». Qualquer método que utilizássemos, supunha já uma ideia de orientação num sentido. A verdade é que as crianças possuem já em si muita curiosidade, interesse e gosto, uma necessidade natural de saber, trabalhar e colaborar. A escola tem apenas de corresponder à natureza da criança, dando-lhe possibilidades de realização, permitindo-lhe expressar-se através da própria actividade. O que acontece é que a escola tradicional destrói esse interesse espontâneo pelo saber. A escola até aqui tem permanecido encerrada em barreiras e muros que separam a criança da vida, da natureza. O contacto com a natureza é uma das nossas preocupações constantes. Nós adultos não temos bem consciência dos «handicaps» que embaraçam a nossa formação, derivados da ausência deste contacto. É urgente derrubar as barreiras que separam a escola da vida. Há muito tempo que procurei proporcionar às crianças o maior número de saídas, passeios abri-la ao conhecimento do mundo que a rodeia. A criança é naturalmente atenta, tem os olhos muito abertos. O lamentável é que, geralmente, estes esforços não são favorecidos na escola e as iniciativas isoladas correm riscos.*

—Mas se o essencial para a criança é o conhecimento da vida, e o conhecimento da vida se adquire vivendo, porque não procuram as escolas abrir numa estrutura pedagógica comum que não encerre a criança em quatro paredes, mas, pelo contrário, a leve a observar, explorar e conhecer a natureza?

—*A verdade é que não existem contactos entre as escolas. O diálogo, essa palavra tão nasta, não se estabelece nem ao nível de escolas nem de professores. Inclusivamente creio que, dentro da própria escola os professores não constituem grupos de trabalho em cooperação. Cada um trabalhando por si, não é possível a nenhum nível e no ensino menos do que em qualquer outro sector. É necessário procurar solução em conjunto, talvez ao nível de sindicato. Nunca acho demais insistir neste aspecto, porque se todos nós somos responsáveis por esta situação de isolamento, a vítima é a criança.*

—E quanto ao problema da mensalidade...

—*No ensino infantil e primário a mensalidade é de 470$00 ou 500$00 se inclui o aquecimento do almoço. Embora admitindo que para muitos pais o almoço na escola corresponde a uma impossibilidade de estarem com os filhos, pensamos que, sobretudo na escola infantil, o ideal é dar oportunidade a que as crianças tomem as refeições com a família. Idêntica ressalva pomos ao problema do transporte. A escola possui serviço de transporte mas, pedagògicamente, seria importante que fossem os pais a trazer e levar os filhos à escola, e desde tenra idade, a criança poderia fazer o trajecto sòzinha. Seria um meio de aprendizagem de independência e responsabilidade. Outra questão a salientar é que uma das causas da necessidade do transporte reside no facto de não haver número suficiente de escolas que possam servir as crianças do bairro. Esta carência escolar é, aliás, um problema nacional.*

A não oficialização de ensino infantil: conjunto vazio do universo da educação

—Não iria a oficialização do ensino infantil resolver, em parte, essa carência?

—*Evidentemente que sim. A não oficialização do ensino infantil torna-o um ensino de classe, continua a ser um conjunto vazio no universo da educação. Deixa-se a criança à deriva, precisamente no período em que ela está ávida por saber e perguntar. Não dispomos de elementos para quantificar e qualificar a perda que resulta para o País da ausência do ensino infantil ao serviço da grande massa. O certo é que qualquer reforma eficaz, mesmo ao nível universitário, não preencherá as necessidades se não tivermos em linha de conta os alicerces e bases de todo o ensino.*

—Procuram empenhar os pais na evolução pedagógica da criança? Procedem a reuniões conjuntas em que se debatam os problemas dos alunos?

—*Sem essas reuniões, a que procedemos mensalmente, não é possível fazer educação. Professores e pais devem formar uma comunidade toda empenhada, toda ao serviço da criança. Colaborando na promoção da criança, está-*

Cont. na pág. 10

«Uma educação integral, una»

A. S. Neill

A. S. Neill, o pedagogo da não-repressão completa, actualmente, 51 anos de experiência pedagógica na sua agitada vivência de 87 anos. Director de uma escola de Leiston, a 160 km do Nordeste de Londres, onde crianças consideradas inadaptadas encontram o clima de compreensão que a sociedade lhes negou, Neill parte do princípio de que não existem crianças-problemas, existem sim pais-problemas, e sobretudo uma humanidade problemática. «A criança é naturalmente boa...» mas a sociedade patriarcal, a sociedade fundada sobre o medo, «esse grande inimigo da liberdade», reprime as energias individuais a favor de uma passividade frustrante. Definindo a escola tradicional, diz Neill: «é uma boa escola, para todos aqueles que querem crianças dóceis, passivas, capazes de se adaptarem a uma sociedade onde o dinheiro é o principal critério de referência e onde o homem deve erguer palácios de justiça e prisões para punir as vítimas da sua opressão». Embora dirigindo uma crítica cerrada à sociedade capitalista, «esta sociedade que busca instrumentos dóceis sentados em escritórios tristes, empregados de boutique, mecânicos — pequenos passageiros do autocarro das 8.30 horas, em resumo uma sociedade que repousa sobre os embros de conformista em pânico», Neill recusa os objectivos pedagógicos, estabelecidos no Congresso da Escola Nova, em 1911, em Bruxelas, em que se visava a integração da juventude na vida social, intelectual e moral contemporânea». A escola de Neill, a que se chama já Summerhill, constitui em si uma sociedade, ou melhor uma comunidade em que se formam as «crianças livres, pioneiros dos tempos novos que abolirão esta sociedade esclavagista». Vivendo em regime de auto gestão, as energias dos jovens são integralmente canalizadas para uma disciplina de liberdade e de responsabilidade, não imposta mas criada e recriada em cada momento concreto.

Poderá pôr-se em causa uma escola, cuja ruptura com o idealismo reformista pedagógico vai até à negação de acção sobre uma sociedade que se não aceita. Mas num sentido pedagógico verdadeiramente inovador, a única forma de acção não será a total não condescendência com esta sociedade? O fim da educação, diz Neill, está na criança, não na sociedade alienada. Talvez que estas crianças encontrem na contestação da Escola tradicional toda a problemática de contestação global, donde partirão armadas, não de ilusões reformistas, mas da urgência de «mudar a vida».

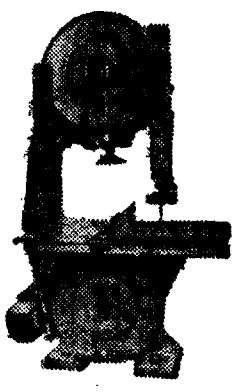
Guilda da Música - Sassetti & Ca. Lda.

— DISCOTECA ESPECIALIZADA —

Editores de música desde 1848

Av. Visconde Valmor, 20-B (junto á Avenida da República)

«MIDA»



UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

SERRA DE FITA
Mod. SF-70-80-90

Fábrica: — TROFA Tel. 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. [illegible])

Emancipação da mulher pelo

Mesa-Redonda realizada no Porto, em que tomaram parte o dr. Armando de Castro e as dras. Fernanda Dias (advogada) e Maria Osório (médica) sendo moderador o jornalista José António Salvador.

JOSÉ A. SALVADOR — Passando em claro a existência das sociedades matriarcais, nos tempos primitivos, e dando um grande salto na história, proponho que nos detivéssemos na análise de alguns aspectos da situação da mulher na sociedade actual, especialmente na portuguesa. Creio que a sua posição de subalternidade se deve fundamentalmente ao seu afastamento da produção social. Pode dizer-se que só com o florescimento do capitalismo, a mulher regressa á participação na actividade produtiva, e hoje não há dúvidas que é enorme o caudal de mão-de obra feminina. Este fenómeno deve-se sobremaneira ás características e espírito do próprio sistema capitalista, que veio trazer á mulher oportunidade de trabalho, não como meio de realização pessoal, mas porque a mão-de-obra feminina é mais barata do que a masculina que, além disso escasseia. Tendo, pois, em vista que a posição da mulher está essencialmente condicionada por relações de natureza socioeconómica eu passava a palavra ao dr. Armando Castro.

ARMANDO CASTRO — Sem dúvida que estou de acordo que no problema da situação da mulher há reflexos específicos. Porém nos seus aspectos básicos e geral nem se pode encarar sem uma perspectiva histórica, uma perspectiva que colhemos historicamente quando olhámos retrospectivamente e uma perspectiva que colhemos ainda hoje quando olhamos para as sociedades em diversos estados de desenvolvimento e com problemáticas diferentes. Realmente, aquilo que fundamentalmente determina a posição da mulher como a de qualquer sujeito duma actividade social, é o lugar que ocupa nas relações de produção da sociedade, embora em relação a este ponto haja certos traços próprios resultantes dos caracteres e das funções biológicas da mulher que influenciam, indiscutivelmente, o lugar que lhe é atribuído de harmonia com os traços dos diversos modos de produção, que se têm sucedido na história, explicando também em grande medida a sua dependência social. Nas sociedades mais primitivas, como é sabido, o lugar social da mulher resultou logo das formas iniciais e rudimentares da divisão social do trabalho, que foi uma divisão por sexos.

Maria Osório

Há estruturas sociais de produção que marcam duma maneira directa e imediata a situação da mulher. Todavia o fundamental é o tipo dessas relações sociais de produção, e não propriamente o facto de ser a mulher a desenvolver uma actividade produtiva directa; é claro que este aspecto também existe mas mesmo nas épocas mais primitivas a estrutura socioeconómica era o ingrediente básico; é evidente que não existia uma sociedade industrializada; existia uma sociedade cuja grande base era a vida agrária. Ora a mulher trabalhava verdadeiramente nas sociedades primitivas pré-capitalistas. Todavia, com o desenvolvimento do capitalismo o problema altera-se e não há dúvida que realmente a mulher aos poucos foi ampliando o seu ingresso na produção. Em todo o caso na fase não desenvolvida do capitalismo o seu lugar não era tão pequeno que não possamos, por exemplo, segundo um inquérito industrial de 1907, (sabemos que muito insuficiente), e abrangendo sómente, estabelecimentos com mais de 50 operários, assinalar que a mão-de-obra masculina abrangeria 51,8% total e a feminina 29,7%, o que já era alguma coisa. Portanto, eu julgo que é absolutamente justo focar este primeiro aspecto porque se há um chamamento crescente da mulher para a produção não é um fenómeno propriamente novo; mas se olharmos hoje para o panorama da nossa sociedade verificamos ser importantíssima a cota da mulher na criação da riqueza nacional; e isto muitas vezes é ignorado quando se tem a tendência para vermos a realidade sobre o prisma da classe social a que nós próprios pertencemos (tanto mais que não há dados estatísticos suficientes). No entanto, talvez, possamos calcular que não caberá por certo á mulher uma parte menor na actividade produtiva dos sectores agro-pecuários.

JOSÉ A. SALVADOR — Quer dizer que se a mão-de-obra feminina abandonasse, por acaso, a actividade produtiva paralisariam certos sectores da produção?

ARMANDO CASTRO — Estou convencido que soçobraria a economia nacional. Por várias razões. Não é só o facto de existirem indústrias em que a mão-de-obra feminina é maioritária como, por exemplo, conservas, fabricação de chocolate e cacau, confeitaria, licores e outras bebidas semelhantes, tapeçarias, fabrico de malhas e miudezas, botões e similares, estas fundamentalmente. É o facto ainda de mesmo nas outras indústrias a percentagem de mão-de-obra feminina se aproximar de 30 a 40 por cento, como em conservas de fruta, lacticínios, refinação de açúcar, fabricação de margarina, artigos de lã e outras fibras, têxtil algodoeira, cordas e cabos, artigos de cortiça, fabricação de artigos de papel e de cartão, artigos de borracha, indústria de fusão de vidro, olaria, porcelana, etc. Mas há indústrias, e isto é que é notável, em que se exige grande esforço físico ou então uma taxa de preparação tecnológica elevada, e neste caso sim, a mão-de-obra feminina desaparece. Porque isso é uma das marcas da inferioridade da posição social da mulher na sociedade portuguesa, o de no sector produtivo e a percentagem de mão-de-obra feminina especializada ser muitíssimo inferior á masculina.

JOSÉ A. SALVADOR — Esse ponto gostaria de focá-lo um pouco mais adiante: o do problema da qualificação técnico-profissional da mulher.

HOJE, O NÚMERO DE MULHERES QUE EMIGRAM QUASE IGUALA O NÚMERO DE HOMENS EMIGRANTES

ARMANDO CASTRO — Todavia, acho útil prosseguir ainda para analisar a sociedade actual. Referindo-me á sociedade portuguesa e quando assim falo quererei dizê-la explicitamente em relação aos últimos sete ou oito anos, em que há realmente transformações significativas (embora mesmo depois da última guerra mundial as transformações se tenham acelerado, o certo foi que nestes últimos anos mais se acentuavam essas transformações). Nós verificamos, por um lado que realmente cresce a corrida da mulher ás actividades produtivas e por outro que as condições socioeconómicas da mulher (aproveitada até a especificidade da sua posição diminuída) são utilizadas pelo sistema económico, seguindo, aliás, o exemplo que se passa nas sociedades chamadas neo-capitalistas. Quer dizer, a própria distinção salarial em prejuízo da mulher, tudo isso, tende a traduzir-se num problema na medida em que passamos, do salário individual, do chefe de família, ao salário familiar, e, enfim, o empresário tende a calcular o nível de vida da classe operária pelo salário familiar. Portanto, na medida em que o salário feminino é inferior há uma distinção social na própria família. Isto se por um lado permite uma elevação do nível de consumo nas outras sociedades, como sucede em certa medida nas sociedades capitalistas mais evoluídas, por outro lado é feito á custa deste esforço adicional da repartição interna do rendimento familiar, como até da intensidade do trabalho, da realização de trabalhos adicionais para um indivíduo ter electrodomésticos, automóvel, etc. Mas, no caso da sociedade portuguesa nota-se um fenómeno que é também bastante representativo, que é o facto da própria fuga do país via emigração, um fenómeno que era prevalentemente masculino, passar a ser ainda feminino; com a emigração que se está a desenvolver no nosso País, sobretudo depois da década de 60 e inclusivamente em meados da mesma década, além das outras transformações qualitativas e independentemente da sua projecção quantitativa, verifica-se uma enorme tendência para o aumento da percentagem das mulheres que emigram. Por outro lado, se formos encarar os últimos quatro anos verificamos que, por exemplo, em 1964 a percentagem das mulheres emigrantes foi 30,7%. Não vale a pena citar os anos todos a seguir, mas talvez seja útil lembrar que em 66 já era de 40% e em 67 já de 48%, enquanto correspondentemente em 1964 a percentagem dos homens que emigraram foi de 69,3%, e em 67 já foi só de 52%. Quer dizer, hoje o número das mulheres que emigram quase iguala o número de homens emigrantes, coisa que contrasta com as características tradicionais da nossa emigração. Isto também reflecte uma reacção, digamos, socioeconómica da mulher perante certo condicionalismo geral, e a própria especialidade da sua situação nesse condicionalismo. É este um quadro geral, do qual como é evidente só estão dadas larguíssimas pinceladas, em que se entroncam todos os outros aspectos, desde os de existência social, assistenciais, hábitos sociais, costumes, mentalidades. É para todos estes reflexos sociais que devemos olhar no seu conjunto a fim de compreendermos um panorama, que é, apesar de tudo, diverso entre os dois ou três centros mais evoluídos sob o ponto de vista económico-industrial e a grande massa do país subdesenvolvido.

JOSÉ A. SALVADOR — Pela rápida exposição do dr. Armando Castro verificamos ser substancial a percentagem de mão-de-obra feminina na actividade produtiva. Uma característica dessa participação foi também aflorada: a de que a mulher trabalha hoje não propriamente como um meio de realização e afirmação pessoais, mas para contribuir para os rendimentos do agregado familiar. Gostaria de ouvir a opinião das senhoras sobre este tipo de contradição.

FERNANDA DIAS — Eu ia mesmo comentar o que disse o dr. Armando Castro a propósito da corrida da mulher ás actividades produtivas. Na verdade essa corrida verifica-se, é uma realidade, há uma colaboração efectiva da mulher para o rendimento nacional. Apesar disso, da parte da mulher não há o mínimo de consciência de que realiza um trabalho produtivo. Quer dizer, ela trabalha, mas trabalha exclusivamente por necessidades económicas, para colaborar nos salários familiares, para aumentar esses salários, para uma melhoria de condições imediatas do seu próprio meio familiar. De qualquer maneira, ela não tem de forma nenhuma, a consciência do valor do seu trabalho, daquilo que o seu trabalho representa, efectivamente, na própria economia nacional.

Armando de Castro

MARIA OSÓRIO — Estou de acordo com aquilo que disseram. Realmente, a mulher tem um nível de preparação mais baixo do que o homem, talvez, até por condicionalismos familiares, em que a rapariga é menos encaminhada para a escola do que o rapaz, pois vê se mais no rapaz o homem que vai sustentar a família, coisa que não sucede em relação á mulher. Portanto, a mulher ficará sempre num plano inferior, e na medida em que não especializa o seu trabalho, ficará numa camada menos preparada, e com menos possibilidades de realização e de consciencialização.

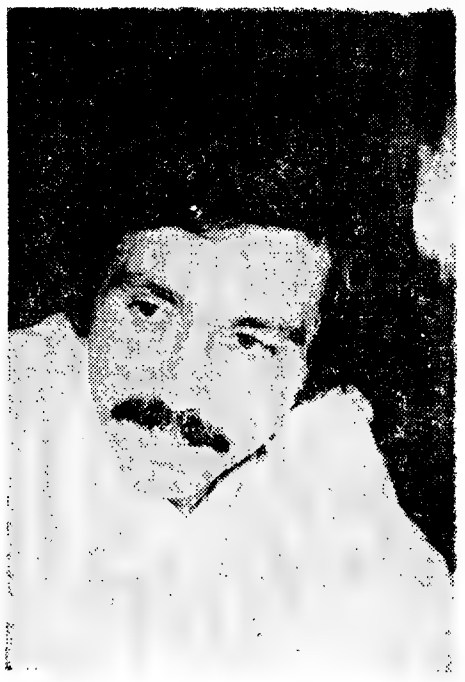
JOSÉ A. SALVADOR — Regressando um pouco atrás sugeria que se precisassem melhor as condições da corrida da mulher ao trabalho, nomeadamente no que se referia diferenciação salarial homem-mulher e á mão-de-obra feminina especializada.

ARMANDO CASTRO — A situação relativamente diminuída da mulher na produção projecta-se em numerosos aspectos que vão desde os níveis salariais até às próprias condições de trabalho (tanto no emprego como fora dele, pois, para além do dia do trabalho cabem-lhe, antes e depois, numerosas tarefas caseiras e de tratamento dos filhos), uma vez que a actividade profissional feminina exige uma rede de apoio que aligeire o seu fardo, bastando recordar a necessidade de infra-estruturas que protejam a maternidade e as condições do seu exercício (desde protecção às grávidas até à existência de creches para os filhos e tantos outros aspectos).

Se considerarmos as condições do exercício profissional em sentido estrito observamos que, de facto, a mão-de-obra feminina é fundamentalmente uma mão-de-obra não especializada. Para auscultarmos a projecção do fenómeno e encarando apenas o sector industrial, podemos formar uma ideia aproximada da situação a este respeito, verificando que em indústrias onde o montante da mão-de-obra operária feminina é maioritária, em compensação, no que respeita ao pessoal dirigente, técnico e administrativo é muito maior a percentagem de homens do que de mulheres, o mesmo sucedendo, está claro, nos ramos em que predomina o número de operários do sexo masculino. Recordemos, por exemplo, entre as indústrias em que o número de operárias é superior ao de operários e nas quais mesmo assim o sexo feminino só concorre com uma pequena fracção do pessoal dirigente, administrativo e técnico respectivo, às seguintes: indústria de licores, com uns 20 % do total, de malhas (onde num pessoal operário da ordem de 22 455 eram mulheres 18 338), menos da quarta parte, etc., etc. Noutras, com importante mão-de-obra feminina como sucede com a têxtil algodoeira (duma mão-de obra total computada em 68 120 pessoas no fim do ano de 1968, 35 897 eram homens, e 32 223 mulheres) esse pessoal dirigente e qualificado abrangia 32 897 indivíduos dos quais 31 214 eram do sexo masculino e sòmente 1683 pertenciam ao sexo feminino. Os exemplos poderiam multiplicar-se fàcilmente, quer no sector industrial, quer noutros ramos da actividade económica. Outro aspecto em que a posição diminuída da mulher é um facto diz respeito aos níveis relativos de salários. É claro que o problema não é simples — aliás, como me dizia um filósofo francês, o simples é sempre o simplificado. No entanto, considerando mesmo o facto de precisamente a mão de obra feminina ser essencialmente uma mão-de obra não qualificada, e portanto, globalmente, a respectiva massa de salários tem de ser inferior à dum número correspondente de trabalhadores do sexo masculino, onde existem muitos mais indivíduos com um nível de preparação técnica e profissional mais elevada, a diferença é gritante. No entanto a questão fundamental não é essa — a questão dos desníveis salariais em relação ao mesmo grau de preparação profissional e de produtividade. Sem que estes dados traduzam essa situação com precisão, bastará recordar um punhado de dados, dificilmente, se poderá pôr em dúvida o fenómeno que estou a sublinhar.

trabalho

repo.tada a análise ao ano de 1965, nas indústrias transformadoras da Metrópole, o salário médio geral do pessoal não especializado atingia 40$00 diários para os homens e 25$00 para as mulheres e, quanto ao pessoal técnico, era respectivamente de 174$00 e de 126$00. No sector do comércio, bancos, seguros e operações sobre imóveis, ainda no que diz respeito ao pessoal não especializado, o salário masculino médio diário era da ordem de 50$00 ao passo que o feminino não atingia metade visto ser da ordem de 23$00 e, no pessoal técnico do ramo, os montantes situar-se-iam em 196$00 e 110$00 respectivamente. Ao lado destes números poder-se-iam alinhar muitos outros que só por si traduziriam a existência duma



José A. Salvador

evidente e forte discriminação salarial em prejuízo das mulheres, discriminação, de resto, que se não pode levar à conta de diferenças de produtividade, como sucede se considerarmos, por exemplo, o pessoal não especializado. Seria redundante acrescentar o que quer que fosse, a despeito do carácter sumamente genérico das indicações que acabo de recordar, para formarmos uma pálida ideia da diminuição económica que atinge metade dos portugueses, tanto mais que essa diminuição se estende da esfera económca básica a muitas outras, desde a dos costumes à das mentalidades e a dos preconceitos relativamente arreigados acerca da pretensa inferioridade feminina em relação aos homens, tanto na capacidade laboral como na eficiência intelectual e criativa...

JOSÉ A. SALVADOR — Creio que a propósito deste ponto seria altura para nos referirmos mais concretamente à quase ausência da mulher em cargos que exijam elevada qualificação técnico-profissional. Que significa socialmente este tipo de discriminação, já apontada pelo dr. Armando Castro, a de uma capacitação mínima da mulher em relação à dos homens?

MARIA OSÓRIO — Suponho que o que o dr. Armando de Castro quer dizer com isso, em primeiro lugar, é que a escolaridade da mulher é muito inferior à do homem. Actualmente, há a escolaridade obrigatória, mas geralmente numa família com dificuldades quem tem um curso técnico ou secundário é o rapaz (não é a rapariga), e durante toda a sua vida a mulher é, pràticamente, empurrada para tarefas menos diferenciadas; não é estimulada de maneira a diferenciar-se, e isso reflecte-se posteriormente. A mulher não procura um trabalho para se realizar, mas um trabalho para ajudar o marido ou os pais. É um trabalho que não lhe interessa assim muito, e onde ela, também e ao mesmo tempo não é estimulada para se evidenciar.

JOSÉ A. SALVADOR — Afinal, isso não expressa mais do que aquele aspecto tradicional de que a mulher deve ficar em casa...

MARIA OSÓRIO — Pois. Eu subentendi o no ponto em que disse que quem vai para a escola é o rapaz, porque se entende que a mulher não precisaria de aprender, pois, só secundàriamente irá trabalhar fora de casa. Quem vai inicialmente tirar concurso é o homem e não a mulher.

JOSÉ A. SALVADOR — De acordo...

FERNANDO DIAS — É talvez de distinguir o seguinte: o problema põe-se um bocadinho de maneira diferente quanto ao acesso às especializações, e quanto às estruturas sociais. Num nível social considerado mais elevado, talvez que a mulher hoje em dia vá tanto para uma especialização como o homem. Simplesmente não procura a especialização como forma de realização pessoal ou profissional. Há factores de educação, factores sociais, que condicionam todo o processo. Ao fim e ao cabo, o acesso a uma especialização é uma forma de promoção social, quer em si mesma, quer pela facilidade que o meio proporciona de contactos que amanhã permitam, inclusivamente, a realização de um casamento que garanta essa mesma promoção, bem como a solução dos demais problemas económicos. E a constatar isto, haja em vista o facto de haver muitas raparigas cujo curso universitário é interrompido pela realização de um casamento, bem como haver muitas raparigas licenciadas que pelo facto de casarem deixaram de exercer a profissão. O que é tanto mais grave quanto é certo que a obtenção de um diploma universitário é ainda hoje em dia um privilégio. No que respeita a outros níveis sociais, verifica-se em muito maior escala o acesso do homem à especialização de preferência à mulher. Não havendo capacidade económica bastante no agregado familiar que comporte a educação profissional de todos os filhos, essa educação será dada aos rapazes em prejuízo das raparigas, sem importar de saber quais os mais aptos. Não queria deixar de referir que quaisquer que sejam as circunstâncias, é mais fácil ao homem do que à mulher a dedicação à sua própria carreira profissional. A actividade da mulher é sempre mais dispersa por ter de abarcar outras tarefas e desempenhar outras funções à margem da profissão. Longe de mim a ideia de que as não devesse desempenhar, mas em espírito de colaboração e equipa com o homem, a mesma equipa e colaboração que se verifica na vida profissional. O problema vem de uma educação familiar que se distingue desde o início na educação dos filhos. Ao chamar as raparigas também a uma colaboração nas actividades domésticas afastando sistemàticamente os rapazes dessa colaboração, está a cultivar-se o mito das tarefas nobres e não nobres, estas a desempenhar pela mulher, que, contudo, profissionalmente pode estar perfeitamente apta a desempenhar as primeiras.

ARMANDO DE CASTRO — Concordo com as observações que foram formuladas, mas introduzia uma distinção nas condições de acesso para uma formação técnica superior e também cultural, na medida em que se poderá pelo menos aspirar a isso. O que eu queria dizer era o seguinte: parece que teríamos de distinguir quanto ao ensino superior as condições de acesso das classes operárias, e por outro lado, as da burguesia, pequena, média e alta. Ora, no que respeita à classe operária, o acesso é pràticamente total. Nós sabemos que uma das justas reivindicações formuladas pelos espíritos mais clarividentes e mais conscientes da problemática do nosso país no ramo universitário, é a igualdade de acesso dos mais dotados ao ensino superior, coisa que não se verifica actualmente. É aí, estou convencido, que as condições económicas são fundamentais, e logo depois, a falta de existência de estruturas estatais que auxiliem a vencer tais condicionalismos, embora por si só elas não o possam fazer. Quanto às outras classes, pequena e média burguesia, sobretudo, realmente concordo em que existem, quer aspectos económicos, quer aspectos de condicionalismo a que podemos chamar as infra-estruturas sociais ao serviço da mulher e da sua função social e biológica, quer condições de mentalidade. Portanto, há um misto de factores, as condições económicas influenciam a mentalidade, a própria mentalidade tem tendência a ficar para trás das próprias evoluções das condições económicas, e isto é uma regra geral em qualquer sociedade: é sempre mais fácil adoptar um novo aparelho técnico que aparece, do que a mentalidade actual que traz a problemática dessa mesma época...

Há pois esta interinfluência de factores que é evidente. Para os destrinçar (não é que seja de somenos importância destrinçá-los), mas para os destrinçar teríamos, com certeza, de dedicar uma nova conversa só para isso. Era portanto para este aspecto que eu queria chamar a atenção: distinguir estas condições. Mas quando se põe o problema da formação técnica na indústria já não é para o ensino universitário, é para o tipo de formação semi-especializada e especializada. E, aí realmente não há dúvida que mesmo dentro da classe operária o panorama da estrutura da nossa sociedade reflecte esta profunda diferença entre uma mão-de-obra feminina semiespecializada ou especializada, e a mão-de-obra masculina operária também especializada ou semiespecializada, não falando já do pessoal de nível técnico superior, porque aí está totalmente fechado o acesso à classe operária, tanto faz que sejam homens como mulheres. Mas no problema particular homem-mulher há realmente uma diferença, mesmo ao nível da classe operária, na formação semiespecializada e especializada.

JOSÉ A. SALVADOR — Foi já aqui focado o problema das infra-estruturas que permitam a integração da mulher na actividade produtiva social. Por isso seria útil que se pronunciassem sobre a necessidade de criação de certos serviços públicos que libertassem a mulher para ela assim se poder dedicar ao trabalho. Há uma série de lacunas na sociedade portuguesa que seria urgente eliminar, como as de serviço de lavandaria pública, de refeições, o problema da assistência materno-infantil, infantários, creches, ensino infantil oficial, etc.

A MULHER MUITAS VEZES NÃO É ASSISTIDA CONVENIENTEMENTE

MARIA OSÓRIO — Eu acho que, independentemente duma criação de infra-estruturas, se assim se lhe pode chamar, há

Fernanda Dias

simultâneamente, o problema de educação da mulher, que se não faz enquanto não houver as infra-estruturas, e que também não existem porque não há solicitação da parte da mulher. Sob o ponto de vista de saúde, a mulher devia ser educada no sentido de frequentar regularmente consultas de ginecologia, de obstetrícia e de pediatria. Essas consultas poderiam funcionar ou em dispensários, ou juntamente, em dispensários de assistência social, dispensários de assistência à família, em consultas dos Serviços Médico-Sociais e em consultas dos diversos hospitais. A mulher devia sujeitar-se a consultas nestes centros, pelo menos, uma vez por ano. Não se tem posto o problema da mulher solteira, pois, regra geral, sob o ponto de vista de ginecologia é a casada que vai a essas consultas. A parte respeitante à assistência materno-infantil, em geral, é muito deficiente. Não há consultas e as que existem, em regra, são precárias. Portanto, a realidade dos centros urbanos e, principalmente, dos rurais onde a assistência à mulher antes e depois do parto é pràticamente nula, permite nos compreender que entre 1960 e 68 quase se não tenha modificado o número de partos sem qualquer tipo de assistência.

É evidente que não considero assistência a que é prestada pelas «curiosas», sobremaneira nas aldeias, mas também aqui na cidade. Na cidade o problema tem-se modificado um pouco, através dos Serviços Médico-Sociais, que têm as suas parteiras que vão a casa, e que seguem um bocado, embora mal (mal por falta de frequência) a situação da grávida. Quando verificam que o parto possa vir a ter qualquer complicação aconselham-na a recorrer ao hospital e tem-se verificado um acréscimo de partos no hospital em relação ao número dos que aí se efectuava há 10 anos. Por outro lado, a mulher que tem um filho não está, geralmente, preparada para cuidar dele. Não sabe como o há-de tratar, como o há-de alimentar (especialmente em questões de alimentação a mulher não faz a mínima ideia de qual será a mais adequada para a criança). Em todo o país suponho que essa mortalidade é mais elevada nos centros urbanos do que nos centros rurais, e isso é devido, quanto a mim, às condições higiénicas de habitação que são piores nos aglomerados mais densos, menos batidos pelo sol, e com menores possibilidades de eliminação das doenças infecciosas e da proliferação bacteriana.

No aspecto da assistência, mais infantil do que maternal, carece-se duma adequada profilaxia das doenças infecciosas e de vacinações. Essa vacinação tem de fazer-se nos dispensários e até nas escolas, como sucede já de certo modo. As crianças estão muito ameaçadas pelas doenças infecciosas devido às deficientes condições de higiene em que vivem, e até por questões de carências alimentares várias. Neste sentido a criança do campo está mais beneficiada devido às condições mais sadias de vida. Mas, ainda dentro da assistência social há, por exemplo, muita coisa que se pode fazer pela mulher antes e depois de ser mãe. Para o primeiro caso, todos os estabelecimentos de assistência já existentes (hospitais, serviços médicos-sociais, dispensários) poderiam prestar mais atenção à mulher com consultas pré-nupciais, analisando se lhe seria ou não aconselhável ter filhos, investigando sobre incompatibilidades sanguíneas, etc. Depois, nas consultas de obstetrícia que a mulher deveria ser obrigada a frequentar.

JOSÉ A. SALVADOR — Mas isso implicaria a gratuitidade de tais consultas, o que ainda não sucede...

MARIA OSÓRIO — Há sítios onde ele já pode ir, embora não seja bem assistida. Por exemplo, nos serviços médico-sociais os serviços de obstetrícia são gratuitos ou custam 1$50. Nos dispensários materno-infantis a consulta é gratuita. No Hospital para determinada camada social (indigentes) a consulta é gratuita. A verdade é que a mulher muitas vezes não é assistida convenientemente, e também não está mentalizada para a frequência desses serviços. De maneira que seria útil uma campanha de educação através dos jornais, televisão, de todos os meios de comunicação social, e, até, na escola para que a mulher tomasse conhecimento da existência dessas consultas, assim como das suas vantagens. Talvez então se conseguisse que fosse assistida durante a sua gravidez,

Cont. na pág. 8

Emancipação da mulher

Cont. da pág. 7

recebendo até conselhos sobre alimentação...

JOSÉ A. SALVADOR — Não seriam necessários subsídios de alimentação?

MARIA OSÓRIO — Sim, mas independentemente disso, há mulheres que, tendo uma certa possibilidade económica, se alimentam mal porque não sabem. Durante essa assistência a mulher deveria ser bem elucidada no que ela é no seu aspecto fisiológico e contrariando a ideia de que seja uma «doença», pois gravidez e parto são coisas perfeitamente fisiológicas que não invalidam a mulher embora a diminuam fisicamente no último trimestre devido ao peso e não porque seja uma «doença». É preciso contrariar também a atitude de encarar o parto como algo de difícil e perigoso (porque de facto não o é, em regra, sempre que correctamente assistido). Por outro lado, as entidades patronais deviam, em colaboração com o médico de trabalho (que, agora, a maioria das empresas são obrigadas a ter), consentir que a mulher não ficasse adstrita ao exercício de determinadas tarefas em certas circunstâncias, como de pé e paradas, principalmente, durante a gravidez. Por fim, na altura do parto, e atendendo à lotação limitada dos serviços de obstetrícia, a mulher podia ter o parto em casa se se observassem certas condições: — antecedentes de partos normais; assistência correcta e efectiva durante a gravidez; salubridade da casa. Mas isto ainda sob reservas...

JOSÉ A. SALVADOR — Mas o melhor não seria a ampliação da rede hospitalar para se poder proporcionar uma efectiva cobertura sanitária, e no caso específico, evitar os partos em domicílio?

MARIA OSÓRIO — Pois. O ideal era todos os partos serem assistidos no hospital. Suponho também que não é só um problema de edifícios, mas, talvez, fundamentalmente, um problema de pessoal. Regressando à problemática feminina é de considerar que o período pós-parto também merece cuidados, tanto em relação à mulher, como em relação à criança. Como aquela normalmente recomeça o trabalho pouco tempo depois do parto, convinha que, junto aos locais de seu trabalho, se criassem creches, ou dispensários, com pessoal qualificado (e que inspirasse confiança), onde a mulher deixaria os filhos e onde lhe seriam ministrados, também, ensinamentos de puericultura. Além disso, deveria haver na cidade infantários e jardins-escolas em funcionamento durante as horas de trabalhado das mulheres...

PREPONDERÂNCIA DO HOMEM RELATIVAMENTE À MULHER

JOSÉ A. SALVADOR — Convirá não esquecer os infantários e jardins infantis existentes na cidade.

MARIA OSÓRIO — Mas apesar de disponíveis para uma certa camada social acabam por o não ser devido ao desencontro dos horários. Igualmente deveriam surgir serviços nocturnos para acolher as crianças e possibilitar à mulher, durante a noite, dedicar-se a actividades recreativas e culturais, das quais muitas vezes é afastada por ter de se ocupar da criança.

JOSÉ A. SALVADOR — É, talvez, chegado o momento de nos debruçarmos sobre a legislação civil mais directamente ligada à situação da mulher, pois me parece representar ela todo um corolário da própria posição da mulher dentro das relações sociais de produção.

FERNANDA DIAS — É, principalmente, ao nível da regulamentação jurídica das relações pessoais, que não tanto das relações patrimoniais, que se verifica o estabelecimento legal da preponderância do homem relativamente à mulher no seio da família. Particularmente no tocante ao poder paternal a lei, depois de dizer que compete a ambos os cônjuges, ao especificar concretamente quais os actos que integram esse poder, vai atribuir o seu exercício ao pai, reservando à mãe tão-sòmente o ser ouvida em tudo o que disser respeito aos interesses do filho. Em todos os actos da vida do filho, cuja prática dependa de autorização do pai, é ao pai que compete dar essa autorização. Apenas para a realização do casamento do filho menor se exige o consentimento expresso do pai e da mãe. Contudo, o pai tem, só por si, poderes para emancipar o filho, que assim pode casar, não necessitando, para tanto, do consentimento da mãe. Esta regulamentação jurídica ao nível das próprias relações familiares, não pode deixar de reflectir-se na educação dos filhos, criando neles uma determinada mentalidade que os acompanhará pela vida fora e que acusará, necessàriamente, os reflexos desta diferenciação em tudo o que ela pode ter de negativo na sua formação. Por outro lado, se nos lembrarmos que os pressupostos de investigação de paternidade ilegítima são muitíssimo restritos e têm vindo a ser restringidos cada vez mais, que o facto da investigação oficiosa recentemente instituída não ser levada às últimas consequências, mercê de pressões sociais, e se encararmos que o estatuto de filho ilegítimo é consideràvelmente mais pobre do que o do legítimo, isto tudo pode reflectir, de algum modo, a situação das mães solteiras.

JOSÉ A. SALVADOR — Depois de verificarmos toda a sêrie de aspectos que determinam a situação da mulher na sociedade, desde as condições em que participa no processo de produção social às questões da assistência materno-infantil em Portugal e neste sentido, foi salientada a carência de infra-estruturas que possibilitem a integração da mulher na actividade social, depois de termos também abordado a posição da mulher dentro do agregado familiar e a legislação respeitante à família, com especial incidência na situação da mãe solteira e dos filhos ilegítimos, acho que seria altura de darmos um passo em frente e ver: 1.º — se haverá de facto medidas a levar a cabo, a curto prazo, no sentido de melhorarem a situação da mulher; 2.º — se essas medidas por si só serão efectivamente bastantes para possibilitar um estatuto de igualdade (social) entre a mulher e o homem. Quero dizer, afinal, que o problema de emancipação da mulher é também o problema de emancipação do homem.

É PRECISO REALMENTE AGIR NO MUNDO EM QUE VIVEMOS

ARMANDO CASTRO — Estou de acordo com a última intervenção no sentido de frisar que, no fundo, o problema da emancipação da mulher é também o problema da emancipação do homem. E é um problema que se projecta em todos os aspectos da vida social, e não só naqueles que dizem respeito às condições da existência material que são os aspectos económicos; ele vai até aos aspectos mais abstractos e gerais da conduta social das pessoas, aspectos que dizem respeito à mentalidade, aos costumes, à maneira de ser, pois, nós sabemos que, realmente, conforme a classe a que pertencem as pessoas têm um comportamento diferente, e é isso o que se passa com o aspecto específico da mulher. Por exemplo: a mulher da grande burguesia vive, geralmente, num estado de alienação levado ao máximo, embora tenha todas as condições materiais de existência, e lute pela manutenção dessas condições de existência à custa do esvaimento do sentido da sua dignidade humana, na medida em que não se dedica à cultura, à solidariedade social, etc., no sentido profundo e radical das pessoas, no respeitante ao problema das condições de existência material não há dúvidas que o problema é geral, e até ao próprio aspecto, já focado, da descriminação salarial, (aliás não é só salarial porque as condições de trabalho, tendo na sua base a remuneração não se reduzem a ela, e é preciso atender às condições de higiene, de sanidade, de protecção, etc.), há um aspecto específico feminino, isto é, ao que respeita à mulher nas relações de produção. Isso é indiscutivelmente assim. Portanto, é evidente que toda a estrutura social comanda a problemática geral da mulher, embora dentro desta própria estrutura haja e continue a haver modificações com as alterações que se verificam dentro do seu quadro geral sem que ponham em causa os seus alicerces. Não há dúvida que temos de olhar para o problema globalmente, embora não possamos ignorar que há condições tanto de índole biofisiológica, como histórica e social geral que concorrem para criar um certo número de aspectos específicos da situação diminuída da mulher na sociedade contemporânea. Assim, numa visão global-geral que me parece ser correcta, o problema quanto às classes mais modestas (as classes trabalhadoras directas) o problema da superação da posição diminuída da mulher, com as suas características específicas, e da situação diminuída daquelas classes, não reside tanto na criação de melhores condições materiais de existência, como, evidentemente, na supressão da própria condição de assalariados. Esta a solução radical do problema. E por outro lado, as outras classes, quer com problemas económicos específicos, quer, sobretudo, (porque quanto mais se sobe na pirâmide social) com problemas da frustração mental, no sentido histórico mais profundo que radica no padrão da realização humana, também sofrem inevitàvelmente dessas limitações e dessas frustrações. Simplesmente, este é um problema que eu vejo numa prespectiva macro-histórica, digamos assim. Estou absolutamente certo, convicto que é assim, mas que tal não sirva para ficarmos quietos a olhar utòpicamente para a cidade ideal. É preciso realmente agir no mundo em que vivemos; e no mundo em que vivemos, vivemos dentro dum condicionalismo histórico determinante, em que tanto quanto esse condicionalismo subsiste (e é neste sentido que falo numa dimensão macro-histórica, o que não significa que não dê importância ao número de anos sem aceitar necessàriamente prazos dilatados mas apenas a objectividade do condicionalismo reinante se não for modificado temos de agir para dar aos homens e às mulheres a felicidade possível dentro das condições em que vivemos. E por isso raciocino assim: como para esta transformação estrutural não existem imediatamente condições, nós temos de pensar em relação à sociedade em que nos é dado viver imediatamente e na qual temos responsabilidades, como seres conscientes e que compreendem que é uma missão fundamental dignificar as pessoas. Neste sentido julgo que algo é possível fazer no caminho da dignificação progressiva da mulher, lutando para lhes dar condições. E isto sempre em paralelo com uma atenta observação das próprias transformações que vai sofrendo a nossa sociedade, por impactos tanto no mundo ocidental em que nos inserimos e do qual não podemos estar segregados, como das próprias transformações internas ligadas a uma certa aceleração do desenvolvimento técnico, e, ao mesmo tempo, do alargamento do fosso entre as pequenas manchas efectivamente evoluídas em redor de Lisboa e Setúbal, e entre o resto do País que cada vez mais se atrasa, inclusive as zonas do Porto e as limítrofes e as zonas que outrora foram relativamente industrializadas no distrito de Braga. Olhar, por um lado, tanto para diminuir esse abismo que tende a agravar as condições de existência das populações rurais e semi-rurais, como por outro lado os próprios problemas económicos e humanos que evidentemente também existem nos centros mais desenvolvidos industrialmente. Está aqui todo um programa que exige a mobilização, desde especialistas de todos os ramos da vida social até aos indivíduos com o sentido das suas responsabilidades sociais.

JOSÉ A. SALVADOR — A dr.ª Fernanda Dias gostaria de repetir a pergunta: não lhe parece possível a emancipação da mulher sem uma modificação das estruturas socio-económicas?

FERNANDA DIAS — Eu suponho que não. Quando muito e para já poder-se-ão conseguir determinados remédios e determinada adaptação das estruturas sociais à realidade que de facto se verifica. O possível, a curto prazo, será a criação de certas condições que possibilitem à mulher aproximar-se do homem em circunstância de igualdade profissional. Quanto à promoção da mulher no momento presente considero isso uma utopia, porque depende da própria promoção social e enquanto esta se não observar a emancipação da mulher como facto isolado é impossível.

JOSÉ A. SALVADOR — Creio que, após esta longa conversa, algumas pistas de reflexão foram proporcionadas aos leitores. Resta-me agradecer a vossa presença e lembrar que a última palavra no problema da emancipação da mulher pertence à própria mulher.

O CRONÓGRAFO
CAUNY
ELEGÂNCIA
E DISTINÇÃO
CAUNY
O relógio suiço para toda a vida

STP 9 A
MERCEDES-BENZ
MOTORES
DIESEL
GRUPOS ELECTROGÉNEOS DE 14 ½ A 245 KVA
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.

polémica

Ainda o novo regime de doutoramento

O artigo «Passo em frente ou passo em falso», de Eduardo Martinho, publicado neste suplemento (9 de Outubro) suscitou respostas individuais das pessoas visadas no mesmo (José Lopes da Silva, Gabriela Lopes da Silva e Jorge Gonçalves Calado, doutorado no estrangeiro) e que haviam respondido a um nosso inquérito acerca do novo regime de doutoramento.

GABRIELA LOPES DA SILVA: «PREFIRO SER OPTIMISTA A TER MÁ FÉ...»

Após ter lido os comentários feitos pelo sr. dr. Eduardo Martinho àcerca das minhas respostas ao inquérito realizado pelo D.L. sobre o novo regime de doutoramentos (Mesa Redonda de 25-9-70) peço-lhe para publicar a seguinte nota:

É sempre agradável constatar que as nossas palavras suscitam a reflexão sobre o assunto que focaram e levam outras pessoas, que não tiveram coragem para dar o pontapé da saída, a exprimir as suas opiniões.

O sr. dr. Eduardo Martinho diz sermos optimista a ter má-fé... do-lhe que prefiro ser optimista a ter má fé....

O presente decreto não é de modo algum um documento de vanguarda, já o dissemos anteriormente, mas é uma actualização (nos moldes clássicos) dum regime reconhecidamente obsoleto. O preâmbulo traduz uma aspiração latente desde há largos anos naqueles que alcançaram ou aspiram obter o grau de doutor, pelo que não vejo necessidade de um articulado extremamente preciso. Ele nunca o seria suficientemente para aqueles que são refractários ao espírito do decreto e desses, só a lei da «morte» nos poderá libertar...

JOSÉ LOPES DA SILVA: UM CERTO PESSIMISMO

É inegável que sobre qualquer assunto em debate é de grande interesse conhecer o maior numero possivel de opiniões e por isso foi com interesse que li o artigo que o sr. dr. Eduardo Martinho escreveu a propósito do inquérito sobre o novo regime de doutoramentos realizado pelo «Diário de Lisboa» (Mesa-redonda de 2-9-70) e em que participei. Acontece que o citado artigo está feito mais no estilo de crítica ás declarações expressas no inquérito do que propriamente de trazer uma achega aos assuntos focados. Isto leva-me a esclarecer alguns pontos, a fim de melhor definir a minha posição perante o decreto.

Está o dr. Eduardo Martinho muito preocupado com o articulado do decreto e em muitas das suas críticas não deixo de lhe dar razão. Não obstante, continuo a pensar que o espírito do decreto, definido no preâmbulo, e o seu articulado, são de molde a deixar que as pessoas com espírito renovador, e bem intencionadas, dêem um passo em frente. Onde eles não existam, então sim, dar-se-á, como prevê o dr. Martinho, um passo em falso. Mas será possível evitá-lo com outro articulado? Aqui sou mesmo muito pessimista. Veja-se o decreto sobre a equiparação dos doutoramentos realizados no estrangeiro. Quanto a mim não interessa perder muito tempo (e espaço) com exames minuciosos do artigo tal, parágrafo tal, até porque não é com artigos e parágrafos que se preparam doutoramentos mas com investigação. É neste campo que interessa pugnar para que sejam criadas as condições necessárias para o acesso, á investigação, de todos os assistentes.

Para terminar gostaria de dizer, a propósito da «técnica» usada pelo dr. Eduardo Martinho na sua crítica, que não me parece muito justo cozinhar bocados de frases tiradas de diferentes respostas pois isso leva, como no artigo em questão, a adulterar o que os outros dizem. Então é que se corre o risco de as pessoas pensarem de que não se estão a «servir causas sérias, com referências inexactas, etc., etc.»

Lisboa, 13 de Outubro de 1970.

JORGE CALADO: «O ARTICULADO NÃO É PERFEITO, MAS...»

Em relação ás afirmações do sr. Eduardo Martinho no «Diário de Lisboa» de 9 de Outubro, peço para acrescentar o seguinte:

1. Para mim a crítica é, por definição, construtiva (já Bakunine dizia que a paixão pela destruição é uma paixão criadora...) mas julgava eu que o que estava em causa era o novo decreto sobre o regime dos doutoramentos e não as nossas opiniões pessoais. Cada um é livre (ou deve ser) de ter e exprimir as suas opiniões, que devem ser respeitadas, e a seu tempo se verá para que lado pende a razão. É pois descabido o velho processo de redizer o já dito, tira aqui, junta ali, compõe acolá e aqui-d'el-rei que já não se sabe como entregar o seu a seu dono.

2. A verdadeira resposta às objecções do sr. Eduardo Martinho encontra-se nas afirmações, dúvidas e esperanças que formulei no «Diário de Lisboa» em 25 de Setembro ultimo. Há, no entanto, um ou outro ponto que gostaria de aclarar.

3. Em nenhuma altura afirmei a *certeza* de que o número de doutoramentos iria aumentar; aliás estou convencido de que esse numero decrescerá *durante os próximos* 2-3 *anos* devido ao reconhecimeto dos doutoramentos realizados no estrangeiro. O que *espero*, e isso afirmei é que esse numero venha eventualmente a aumentar, e para isso, por muito que pese ao sr. Eduardo Martinho, tenho o depoimento de colegas do I. S. T. que tendo completamente posto de lado a ideia de fazer doutoramento nos antigos moldes, se encontram agora decididos a fazê-lo. Mas talvez o Instituto Superior Técnico seja um caso muito especial — longe de mim tentar medir as outras escolas pela mesma bitola.

4. Claro que o articulado do novo decreto não é perfeito, nem sequer atinge aquilo que, neste momento, além de desejável é *possível*, e eu próprio salientei este facto na entrevista. Mas com a preocupação de o dissecar nos seus parágrafos, parece-me que se está agora a escancarar portas já abertas: que só o valor científico da dissertação deve condicionar a admissão á prova, estamos todos de acordo; mas, que eu saiba, nunca ninguém com capacidade para a investigação, espírito criador e bom «curriculum» científico deixou ou deixará de fazer doutoramento por causa da nota final do curso — lá está a alínea c) do artigo 3.º a garantir esse acesso. Aliás, há muito que as classificações 0-20 deviam ter desaparecido do dominio das coisas publicas; mas isso são outras histórias...

5. Julgo que na obediência a lei se deve atender mais ao seu espírito do que á sua letra. daí eu ter-me preocupado com a definição de uma política no preâmbulo do decreto, em detrimento do esmiuçar do seu articulado, que nunca poderá traduzir completamente os cambiantes da primeira. Nenhuma estrutura, por mais bem arquitectada que esteja, tem sentido desligada das pessoas que a fazem funcionar. Desgraçadas das escolas, das instituições, dos países que tiverem de se basear no articulado das leis para fazer avançar a cultura e a capacidade criadora. Precisamos de gente responsável e competente, pois sem ela não há decretos que valham, mesmo com articulado perfeito e o acordo do sr. Eduardo Martinho.

Aliás, e para citar novamente o caso de Oxford, também aí se exige, como condição suplementar a elaboração de um resumo da tese, com um máximo de 2500 palavras a ser apreciado por um juri qualificado, o a ninguém passou ainda pela cabeça em transformar isto na parte fulcral do doutoramento e relegar a tese para segundo lugar.

6 Quando dei a entrevista ao «Diário de Lisboa» fi-lo propositadamente em termos gerais, sem descer a questões de pormenor, por me parecer que um jornal destinado ao grande público, com a audiência nacional do «Diário de Lisboa», não era o local azado para discussões de redacção de artigos e parágrafos de decretos. Outras tribunas haverá, jornais universitários e revistas científicas por exemplo, mais próprias para tal debate. O País tem problemas mais sérios e mais urgentes que merecem melhor o espaço do «Diário de Lisboa» do que as reclamações dos senhores doutores

espelho da imprensa

República à mesa

Comemorando o 60.º aniversário da implantação da Republica Portuguesa, um grupo de 33 republicanos reuniu-se no dia 5 de Outubro num almoço de «confraternização e jubilo», na expressão de um dos seus responsáveis organizadores. As declarações produzidas durante essa manifestação político-pantagruélica surpreenderam algumas pessoas, habituadas a identificar a apologia da Republica com uma certa posição política. Não obstante, o dr. Acácio de Gouveia, presidente da refeição, utilizou palavras e traduziu pensamentos que há vários anos se lhe conhecem e ao grupo de pessoas que o rodeiam e rodearam Cunha Leal. Não haveria, pois, razões para surpresa.

O problema reside, porém, no facto e as pessoas, cá por casa, se aterem mais a uma fraseologia empolada, ás vezes brilhante e á demagogia verbal que é das piores tradições da Republica Portuguesa, em vez de apreciarem as ideologias e as acções por aquilo mesmo que elas representam e pelos valores e interesses que defendem. Para quem analisasse a acção destes republicanos á luz da ultima perspectiva, não haveria quaisquer razões de surpresa. A fraseologia acaciana do dr. Acácio de Gouveia e dos seus companheiros de festa é perfeitamente coerente com aquilo que têm apregoado esses defensores da liberdade nos ultimos anos.

A Republica implantada em 1910 foi um passo importante na evolução das instituições políticas portuguesas, mas, dado que constitui apenas um regime (e num regime cabem todas as fórmulas) não poderia, pela sua simples existência, solucionar os problemas nacionais. A dicotomia para que alguns ainda nos pretendem arrastar entre Monarquia-Republica, com os seus laivos de desafio desportivo entre os azuis e brancos e os encarnados e verdes não tem sentido nos tempos modernos: soluções democráticas encontramo-las na Europa com mais frequência no seio de algumas monarquias do que entre algumas republicas. O 5 de Outubro foi uma data importante, que nos convém respeitar, que importa respeitar. Mas passou. E a questão é que o dr. Acácio de Gouveia e os seus amigos deviam também já ter passado. Pelo menos não continuariam a falar em nome dos portugueses, que nunca representaram, não quiseram representar, nem em nome dos republicanos que, no fundo, somos todos, mesmo os que não deslizam nas águas do dr. Acácio de Gouveia ou de qualquer outro acaciano conselheirismo.

(do «Notícias da Amadora»)

Sociedade Portuguesa do Ar Líquido

«Arliquido»

S. A. R. L.

Capital: 30 000 contos

Sede Social: R. da Quinta do Almargem 14

LISBOA

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

No dia 20 do corrente mês de Outubro, pelas 16 horas, será realizado na sede da Sociedade o sorteio das 214 obrigações do empréstimo de 5 % 1958/1972 que, conforme plano estabelecido, serão amortizadas no dia 1 de Novembro próximo, pelo seu valor nominal de Esc.: 1000$00 cada.

LISBOA, 16 de Outubro de 1970

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Entrevista com Lucinda Atalaya

Cont. da pág. 5

-se afinal a colaborar na promoção da sociedade. Só com reuniões regulares com os pais, só com a sua colaboração, iniciativa e participação pode haver harmonia nas atitudes educativas da escola e da família. A nossa escola tem uma experiência longa e grata neste domínio. No entanto, a frequência dos pais nestas reuniões não ultrapassa os 30 por cento, com excepção da primeira reunião geral. Os próprios pais beneficiam deste contacto, não só na sua relação com a criança, mas também, na relação com os outros, nos laços que se criam de trabalho, na coragem que se ganha para abordar determinado tipo de questões julgadas tabus, na construção de uma escola que se renova através das críticas.

— Essa frequência de 30 por cento de pais nas reuniões, o interesse que manifestam, não supõe já um determinado tipo de mentalidade que não é a mais comum? Isto é, como adultos educados na escola tradicional, os pais portugueses, na sua maioria, não tendem a desinteressar-se ou mesmo a opor-se a essa iniciativa?

— *Claro que o tipo de orientação que caracteriza a escola, motivou certos pais a escolherem-na. Ora essa escolha supõe, na verdade, uma certa preocupação educativa, possível num grupo já cultural. A primeira selecção dos nossos alunos é fatalmente feita pela mensalidade, a segunda pela atitude educativa e formação dos pais. Esta selecção é uma realidade. Por isso discordo e lamento profundamente da diferença entre o ensino oficial e o ensino particular. A assimilação dos dois tipos de ensino não se fará com reformas parcelares. Deixe-me dar-lhe um exemplo idêntico: o Centro de Investigação Pedagógica Gulbenkian teorizou o plano de uma iniciação moderna da matemática, que irá ser introduzida a título experimental na escola tradicional. Um grande entusiasmo rodeia esta ideia. Eu chego a pensar que as coisas ainda ficarão pior. A iniciação moderna da matemática não se pode encaixar, de modo nenhum, em programas de outras disciplinas que nada têm de moderno e actual. Modificar partes, sem tocar no todo, é anacrónico.*

O que existe é uma educação integral, una

— Qual o papel que assume a Educação Física no vosso sistema de ensino?

— *Também aqui, volto ao problema anterior: não é possível atingirmos uma parte sem procurarmos tocar o todo. Repudiamos, portanto, esse termo «educação física». O que existe é uma educação integral, una. A educação física vulgar não se integra no espírito de uma escola para o indivíduo e para a responsabilidade, não cultiva a livre expressão e a espontaneidade. À falta de melhor definição, usamos o termo «psicomotricidade» para designar uma das fases fundamentais desta educação una. O objectivo da psicomotricidade é levar a criança a tomar consciência de si própria e dos outros, a saber situar-se no mundo e nele usar todo o seu corpo como expressão e comunicação. E dirigi-la também à conquista de um «contrôle» sobre si própria, um domínio consciente da sua pessoa.*

— Então, nessa lógica educativa, devem repudiar igualmente o termo actividades circum-escolares...

— *Sim, não usamos esse termo porque nada significa no ensino global. O que visamos é a livre movimentação da criança. Procuramos desenvolver nela todas as técnicas de expressão oral, gráfica, gestual e rítmica. Queremos que ela comunique, nos conte coisas. E tenha que contar. O manancial da sua experiência vai obtê-lo fora da escola enquanto edifício: no parque, no jardim, no mercado, na praia, no museu. Praticamos a educação censorial sim, mas coerentemente com este sistema e oposta ao seu conceito tradicional.*

Educar é agir no sentido de transformação do futuro

— Quais os pedagogos portugueses que lhe merecem especial relevância? O que define a atitude pedagógica?

— *João de Deus Ramos, o impulsionador do ensino infantil em Portugal e criador da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus. Independentemente de não concordar com o método, a sua acção merece ser valorizada. António Sérgio e o professor Agostinho da Silva, quase ignorado entre nós e cujos Cadernos Culturais e a sua ideia de núcleo pedagógico imaginado em 1939 me parecem de salientar pedagògicamente. Se eu pudesse definir realmente a atitude pedagógica, diria que é de optimismo. O educador é sempre um optimista. Esta atitude, consequência de uma interioridade, nasce naturalmente do contacto com as crianças, que são a promessa de um mundo melhor.. As crianças agem como um balão de oxigénio. São a esperança junto de nós. Educadores e pais não estão suficientemente preparados para este contacto. A escola tradicional não nos habituou nem a pensar, nem a descobrir. Portanto, temos de guardar consciência das nossas limitações e recusá-las para a geração que se nos segue Temos de procurar soluções em conjunto muito para lá e muito para longe. Temos de agir tendo consciência do meio em que vivemos e daí partirmos com coragem para a renovação. Por muito que admire a pedagogia de Neill e a experiência de Summerhill, penso que esta escola, àparte a crítica social violenta e válida a que procede, é uma escola não integrada e não apta para armar as crianças para a vida. Freinet dizia que o importante era que cada um de nós sentisse os valores positivos para si próprio e agisse em relação aos outros, de acordo com eles, actuando sempre coerentemente. No educador isto é fundamental. E o educador do nosso tempo, sabe bem que educar é agir no sentido de transformação do futuro.*

■

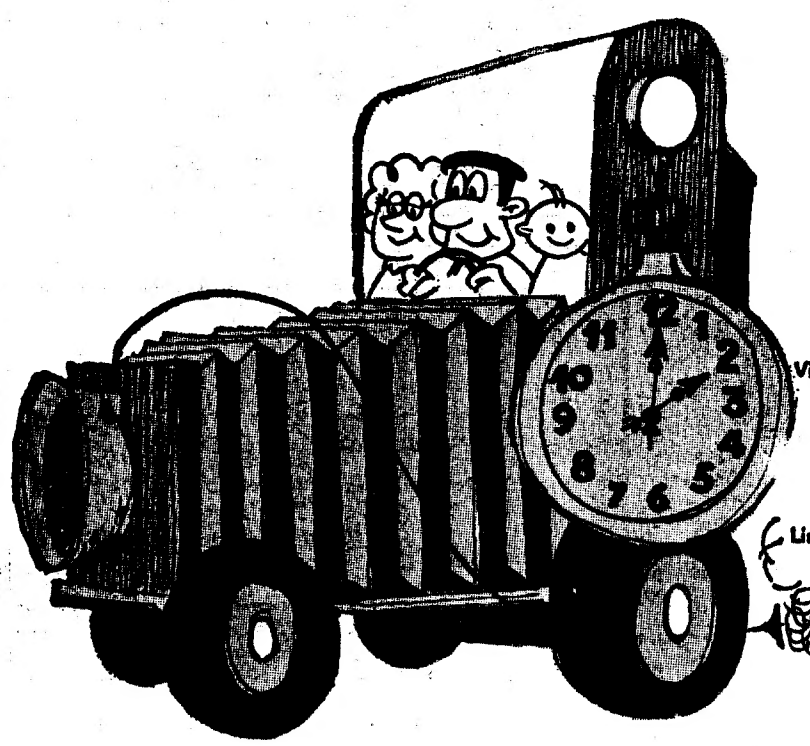
Assim passámos uma tarde no Jardim Infantil Pestallozzi. Assim, mais uma vez, verificámos que *«a liberdade sem medo»*, que compete á juventude, é conquistada na consciência do próprio medo á liberdade.

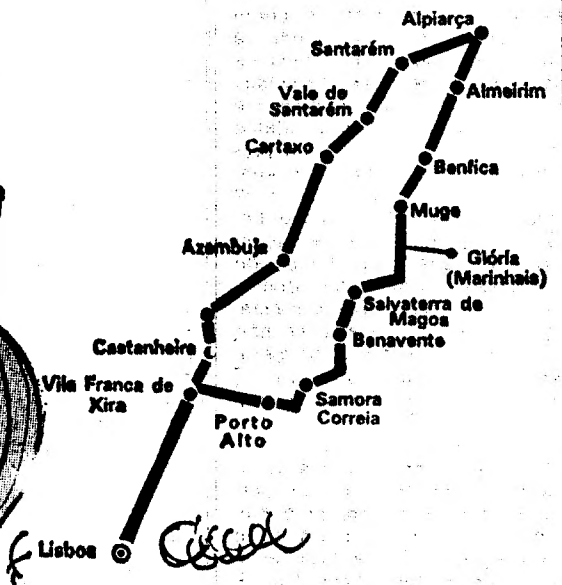
a 2 horas de Lisboa

E os «desconhecidos» arredores de Lisboa? Basta andar poucos quilómetros. Saia pela auto-estrada do Norte e, mesmo em Vila Franca de Xira, vá àquele moinho lá no alto, com uma vista deslumbrante sobre o Tejo e o Ribatejo.
Depois é a ponte e a entrada na grande lezíria (em todas as terras há adegas muito típicas de evidente interesse turístico). Um pouco por toda a parte encontram-se os campinos, os touros, os cavalos, há sempre a possibilidade de uma «tenta», onde se brinca aos toureiros e se descobrem as vocações.
Nos «mouchões», pequenas ilhas frondosas, as manadas de gado bravo lembram os filmes do «oeste».

A gastronomia é famosa: ensopados de enguias, açorda de sável, espetadas, febras, tudo regado com vinhos regionais (cada restaurante tem as suas reservas).
Uma aldeia quase desconhecida, Glória (Marinhais), é uma preciosidade etnográfica, desde a agricultura até aos trajes. Em Alpiarça, o museu dos Patudos — casa de José Relvas — é paragem obrigatória. Depois Santarém, as suas Igrejas e as Portas do Sol. No Vale de Santarém, a Estação Zootécnica da Fonte Boa, visita curiosa e educativa.

Este roteiro é um exemplo, escolhido ao acaso. A curiosidade do turista pode encontrar, nesta região, inúmeros pontos de real interesse.





Lisboa — Auto-Estrada do Norte — Vila Franca de Xira — Ponte Marechal Carmona — Porto Alto — Samora Correia — Benavente — Salvaterra de Magos — Glória (Marinhais) — Muge — Benfica — Almeirim — Alpiarça — Santarém — Vale de Santarém — Cartaxo — Azambuja — Carregado — Castanheira — Vila Franca de Xira — Lisboa.

HÁ SEMPRE
UM PORTUGAL
DESCONHECIDO
...QUE ESPERA POR SI

sonarte TUR Lt

MESA REDONDA

Pela direcção da Cooperativa Húmus, de Peniche, foi-nos enviada a seguinte carta:

«Em reunião de direcção desta cooperativa foi focado o enorme interesse que a «Mesa-Redonda», discutida no suplemento do «Diário de Lisboa» de sexta-feira passada, representa para a vida desta cooperativa. Sua oportunidade, e importância.

Embora a um jornal como o «Diário de Lisboa», dada a sua preocupação natural em abordar todos os problemas sociais, especialmente os de dignificação e promoção social do povo português, pugnando pela sua urgente resolução, pouco se deva agradecer, a direcção desta cooperativas insiste em testemunhar a V. Ex.ª e a todos os colaboradores do «Diário de Lisboa» todo o seu apreço e a admiração, rejubilando pelas atenções desse importante jornal sobre a cooperativa que neste momento dirige.»

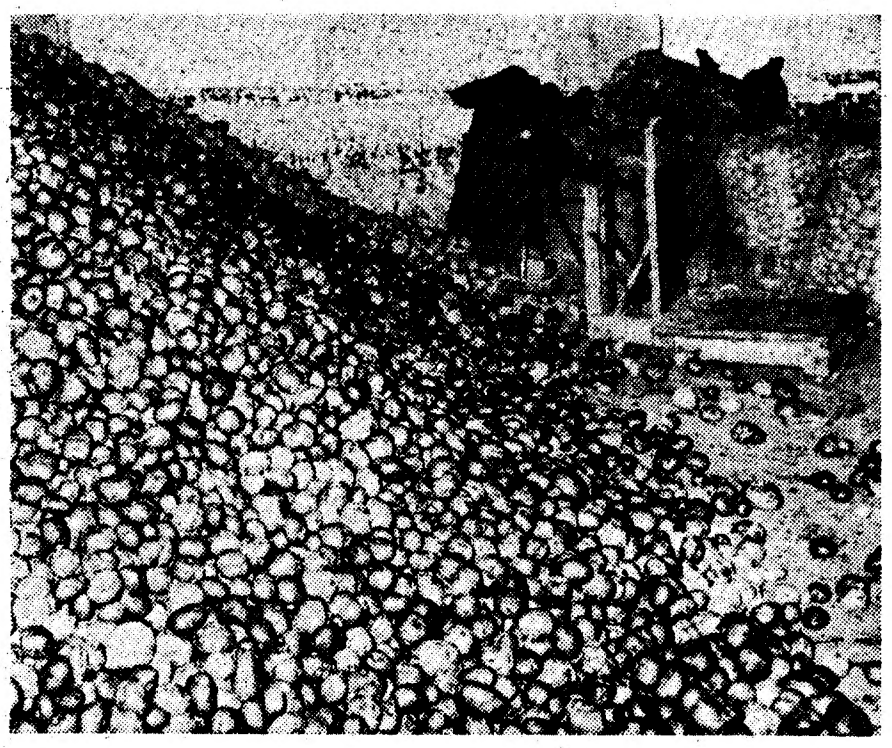
Alunos do I. E. S.

Além de correspondência diversa que temos em parte publicado, alguns alunos e diplomados do Instituto de Estudos Sociais têm-se dirigido a «Mesa-Redonda» apoiando e agradecendo o lugar que reservámos para o debate dos seus problemas.

«Estudantes diplomados reunidos assembleia geral dia 25 agradecem interesse demonstrado problemática Instituto Estudos Sociais»—diz um dos telegramas. Também os srs. Carlos Silva e Raul Mascarenhas nos telegrafaram, com os mesmos propósitos.

Transcrição

O jornal «Notícias da Beira» (Moçambique) transcreveu, na íntegra, do nosso Suplemento, o debate que publicámos acerca de problemas da higiene mental infantil, no qual intervieram os drs. Cabral de Sá e João dos Santos e as dr.as Natália Caldas e Maria José Vidigal.



Batata

A propósito da comercialização da batata, tem-se desenrolado uma polémica no Jornal do Fundão, entre o comerciante A. Bernardo de Campos e a Junta Nacional das Frutas. Respondendo a este organismo, em 11 do corrente, aquele comerciante afirmava: «Afirma a Junta Nacional das Frutas que carece de fundamento que a comercialização da batata de consumo para Lisboa e Porto entregue à Corporação da Lavoura, isto é, exclusivamente por um canal obrigatório. Estranho esta afirmação por estar em contradição com a transcrição duma determinação de Sua Excelência o Secretário de Estado do Comércio, comunicada por circular do Grémio dos Importadores e Armazenistas de Batata do Sul, datada de 13 de Agosto passado, que por sua vez diz transcrever uma comunicação da Junta Nacional das Frutas. Como a referida circular por si só se explica, basta-me recomendar a sua leitura. Mas pergunto: em que ficamos?»

O mesmo jornal transcreve a determinação referida por A. Bernardo de Campos.

Valem a pena estes planos?

Cont. da pág. 1

novo director-geral do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho tenha posto a questão: «Valem a pena os planos?», nós perguntamos: valem a pena estes planos? A «formação documentada de uma opinião consciente sobre a nossa realidade económica e social» nas palavras do novo director-geral, têm peso, mas se essa opinião não é complementada pelas reais causas que determinam a realidade social, não os justifica totalmente

Mas então porque não têm sido eficientes os planos como também o reconheceu o subsecretário do Planeamento?

Em primeiro lugar porque tais planos estão inseridos num sistema que os reflectem e os projectam. São planos indicativos e os interesses dos grupos privados nem sempre se harmonizam com o interesse geral. Mas não só, pois a verdade é que mesmo em sectores onde ele é mais imperativo como por exemplo no sector transportes o seu cumprimento não tem sido modelar.

É que há falta de técnicos em diversos sectores e falta a adesão das massas que lhe dêem apoio. Por isso não é suficiente aperfeiçoar a orgânica de planeamento e melhorar as técnicas de programação, além de que, os centros de decisão — públicos e privados — nem sempre têm objectivos coincidentes, nem as plantats frutificam quando não há clima propício.

E tudo isto a propósito do colóquio da Cova da Beira. Mais um colóquio com conclusões, em que se falou de associativismo na procura de nova saída para a crise agrícola. E como serão concretizadas as conclusões deste e de outros colóquios que se têm realizado? E quem abordou o problema das formas do direito da propriedade, do absentismo do proprietário, da reforma agrária, dos problemas estruturais? Também na agricultura não serão as sementes seleccionadas, nem os pesticidas, nem os milhos híbridos, que por si sós irão resolver os problemas.

No entanto como medidas de desenvolvimento regional, iremos assistindo a colóquios, á construção de pequenas estradas, fontenários, pontões, á instalação de pequenas indústrias dispersas nas zonas rurais. Mas a procura da cidade é irreversível (a parte da humanidade que vive nas cidades de mais de 100 000 habitantes cresceu entre 1950 e 1960 a um ritmo duas vezes maior do que durante o século precedente).

A autonomia para as grandes regiões-plano, permitindo a participação activa das populações, a aceitação do fenómeno da rápida urbanização das populações, parece-nos que seriam condições para evitar desperdícios inúteis, substituindo as mezinhas por programas audaciosos de expansão de alguns centros urbanos industriais nas várias zonas do País.

Mas estas propostas não se realizam numa perspectiva estreita e restrita de aperfeiçoamento e modernização tecnocrática, pois há opções e transformações políticas e sociais prévias a fazer que as condicionam e as informam.

C. C.

A questão florestal

Cont. da pág. 1

viaturas, organizar serviços próprios de combate às chamas.

Na verdade, viveu-se, durante muitos anos, no espantoso esquecimento, no negligente esquecimento dos perigos que ameaçam tão importante sector da economia do País. Desviadas as atenções para outros lados, contando-se, aqui, com a imediata colaboração das populações, das forças armadas, das corporações de bombeiros, esqueceram-se as medidas básicas necessárias a uma cobertura eficaz das regiões florestais; esqueceu-se o aproveitamento adequado da rede hidráulica; perderam-se milhares e milhares de contos que, em princípio, deviam pertencem à comunidade. Teve de enfrentar-se o problema do repovoamento — medida que o Conselho de Ministros também aprovou.

Problemas

Já que estamos com a mão na massa, lembremos mais alguns aspectos do problema florestal. Todos sabemos que as populações rurais foram, por norma, refractárias à florestação. Por razões compreensíveis, nalguns casos, por desconhecimento e ignorância, na maior parte das vezes. Em muitas circunstâncias preferiu-se o uso da força ao trabalho mais humano e construtivo da informação necessária e útil. Ter-se-iam evitado muitos problemas, até a efusão de muito sangue.

Afinal, os próprios serviços, em contacto necessário, imperioso com as populações acabou por humanizar-se aos olhos das mesmas, ganhou outra cara, enfrentou e procurou solucionar, quando possível, os problemas das mesmas. Quantos caminhos transitáveis permitem hoje ignaros povoados uma certa vida, mercê do esforço e companheirismo de brigadas florestais.

Contudo, a nível burocrático, verificaram-se certos abusos que também não mereceram o imperioso esclarecimento público. A lei que criou os Serviços Florestais estabeleceu que estes contratariam com as Juntas de Freguesia, não através de uma compra ou distorção ditatorial mas mediante um acordo mútuo que fazia das duas partes —os serviços oficiais e os representantes administrativos da população — parceiros numa operação económica: os terrenos continuavam a pertencer por direito à autarquia, a exploração dos mesmos pertencia aos serviços florestais. Quando essa exploração começasse a dar lucros, estes seriam divididos pelos Serviços e pelas Juntas na proporção do valor das respectivas «entradas». Na verdade, que aconteceu? Em muitas regiões, a exploração florestal já dá lucros. Já se verificam vendas vultuosíssimas. Há Juntas de Freguesia, aquelas que estão dentro do problema, que reclamam a prestação de contas. Mas estas não só não são prestadas, como foi descoberta outra anomalia à lei fundamental, aliás justificada numa circular posterior, segundo nos informam: os terrenos ocupados pelos Serviços Florestais foram transferidos matricialmente para a posse dos mesmos Serviços, sem o conhecimento, pelo menos em muitos casos, da outra parte interessada — as Juntas de Freguesia.

É natural que muitos outros problemas se levantem, ao longo dos trinta anos de imposição unilateral dos florestamentos, mas julgamos pertinente levantar, para já, os que atrás apontamos.

Não pretendemos, é evidente, negar o valor e o alto interesse da florestação. Só lamentamos, até, que não esteja mais adiantado e que, em muitos casos de interesse imperioso — já citámos o caso do povoamento florestal das serras algarvias, de enorme interesse económico e turístico — tenha até sido retardado. Mas é tempo de corrigir arestas, de impor o espírito de justiça na execução das leis, ao mesmo tempo que é lícito defender eficazmente o património — importante — já adquirido através de um trabalho de valia nacional.

A. P. da S.

KONI

JOMA

a chave da segurança

De um molho de chaves vulgares, destaca-se a mais importante. KONI é realmente importante para si. A sua segurança encontrou a chave certa.

Representante:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-ABC · Lisboa
Telef. 560156

Bolívia: a pólvora e a mecha

«A América Latina, um barril de pólvora» é um cliché que nós jornalistas usamos assiduamente. A obra, saída há pouco, de E. Ruiz Garcia, *América Latina la explosion de los poderes tradicionales*» pode dizer-se que constitui uma quantificação desse cliché.

R. Garcia cita a taxa de crescimento demográfico de 3 por cento, para o total de região É a mais alta do Mundo.

Presentemente a América Latina conta 284 milhões de habitantes. Segundo *projecções* calculadas pelos norte-americanos, terá em 1980 — 378 milhões e no ano 2000 — 639 milhões. A taxa de crescimento da produção agrícola é inferior à taxa do crescimento demográfico.

O despertar do Terceiro Mundo

A juventude caracteriza a população latino-americana. Números de 62: idade média no Brasil 18 anos, no Paraguai e na Nicarágua 18,2 e na Costa Rica 18,4. Onde a idade média atingia nível mais alto era na Argentina: 25 anos. A idade da população de um país não é um factor negligenciável do ponto de vista da sua estabilidade.

Com este acréscimo populacional e esta pirâmide de idades, não admira que a América Latina tenha problemas de monta no campo da educação. A despeito de nos últimos anos os orçamentos da educação terem aumentado sensivelmente, a verdade é que «em 1967, 12 milhões de crianças mais do que em 1960 assistiam às aulas primárias, ou estavam inscritas, mas o número dos que não tinham lugar aumentava também de 2,5 milhões. Paradoxalmente, ao mesmo tempo que a proporção de crianças sem escola descia de 52 para 44 por cento, durante os citados sete anos o número dos que não recebiam ou não podiam receber instrução aumentava.» (De um documento da Aliança para o Progresso).

Desemprego. À roda de 40 por cento da mão-de-obra activa da América Latina encontra-se actualmente em condições de subemprego. E estas condições, que vão da desocupação parcial ao desemprego total, afectam cerca de 100 milhões de latino-americanos. Neste numero incluem-se os trabalhadores e as suas famílias (Documento da CPAL, de 30 de Novembro de 1968)

Habitação. A União Pan-Americana estima em 19 milhões o «deficit» de habitações e os investimentos necessários para resolver o problema numa cifra anual de 1400 milhões de dólares, «o que está completamente fora das possibilidades da região», escreve Ruiz Garcia. Entretanto, a região gasta com os seus problemas de defesa à volta de 2 mil milhões por ano.

A despeito de a América Latina atravessar uma fase de urbanização, 50 por cento dos seus habitantes fazem ainda parte dos sectores primários. (Só a Argentina, o Chile e a Venezuela têm menos de 50 por cento de população agrária). Ora 1,5 por cento dos proprietários controlava em 1960 52 por cento da terra cultivada.

Na rubrica da participação latino-americana nas exportações mundiais os números são também *negros:* em 1948 era de 11,4, em 1958 de 7,7, em 1962 de 6,5 e «a descida continua» (R. G.).

Com uma poupança insuficiente, a América Latina é obrigada a recorrer aos investimentos estrangeiros. E assim «os conglomerados dos Estados Unidos controlam entre 50 e 75 por cento das indústrias *dinâmicas* da América Latina» (Celso Furtado). E naturalmente esses conglomerados têm uma estratégia de desenvolvimento própria que não se identifica com os interesses específicos dos povos latino-americanos em cujos países actuam.

Quanto ao consumo individual, atente-se nestes números apresentados por Raul Prebisch: 5 por cento da população absorve 30 por cento desse consumo

«América Latina, la explosion de los poderes tradicionales», de E. Ruiz Garcia, é a quantificação dessa frase hoje tantas vezes repetida «América Latina, barril de pólvora».

O GOLPE DO GENERAL TORRES

O contragolpe do general Torres, há dias na Bolívia, acendeu a mecha?

É cedo para o dizer. Mas pode fazer-se o ponto dos acontecimentos do último ano na Bolívia.

Em Setembro de 69, ao subir ao poder, o general Ovando Candia, que não pode deixar de ter tido responsabilidades na morte de Che Guevara, declarava que este o havia feito «pensar muito», e proclamava-se «nacionalista de esquerda». Pouco depois o Governo boliviano nacionalizava a Gulf Oil Company.

Não tinham passado muitos meses, em Maio de 1970, demitia-se Quiroga Santa Cruz, o principal obreiro da nacionalização da Gulf e uma das cauções de esquerda no Governo do general Ovando. Nos princípios de Julho, chegava a vez ao general Juan José Torres, que se demitiu de chefe do estado-maior do exército, acusado pelas forças direitistas de entendimentos com os sindicatos. Estava desfeito o periclitante equilíbrio demagógico de Ovando.

Perdidas as ilusões, a esquerda mais radical passou a uma atitude de aberta e activa oposição ao Governo. Surgiram dois focos guerrilheiros, predominando os católicos no mais importante. Um padre metodista e quatro padres católicos foram expulsos do país. Parte do episcopado tomou o partido deles. E sobreveio a esta efervescência política a vitória de Allende. Os Estados Unidos precisam de uma Bolívia «segura»

O Chile tem fronteiras com a Bolívia. Também as tem com a Argentina e há mesmo um velho contencioso respeitante às fronteiras dos dois países. Se Allende chegar ao poder, os militares argentinos não deixarão de reactivar esse contencioso.

É neste contexto que se pode compreender o golpe do general Miranda (extrema-direita, Pentágono) no dia 4. Na manhã do dia 6, Ovando demite-se. À tarde o general Juan José Torres dava o contra-golpe. Parece que Torres domina a situação.

Será um retorno a Setembro de 1969, ao «nacionalismo de esquerda» apoiado pela fracção nacionalista do exército, os intelectuais de esquerda e os sindicatos?

Os estudantes e os sindicatos dos mineiros puseram já a Torres algumas condições para colaborarem com o novo Governo. E já Torres respondeu ser inaceitável uma delas. A do não pagamento da indemnização à Gulf. «O Exército deu a sua palavra. Impossível voltar atrás».

Mas que objectivos se pode propor na Bolívia um governo «nacionalista de esquerda»? Objectivos semelhantes aos da Junta Peruana? Deixamos à reflexão dos leitores este parágrafo de um artigo datado da Bolívia (Outubro de 1969).

«Um programa de revolução democrático-burguesa não tem vigência na Bolívia porque semelhante intento já teve lugar, e fracassou precisamente por não poder superar os seus limites iniciais: foi a Revolução de 52, e a sua consequente deterioração. Mas apesar do seu fracasso final, a revolução de 52 tinha logrado as conquistas fundamentais correspondentes a esta etapa: reforma agrária de tipo pequeno-burguês, direito de voto e incorporação (formal) dos camponeses na vida nacional, nacionalização das minas. Daí que uma comparação com o Peru resulte formal e falsa. O que dá a sua seriedade histórica e um conteúdo real à Revolução Militar Peruana, é que no Peru, precisamente não teve lugar. Daí que o carácter democrato-burguês deste revolução não impeça de cumprir um papel progressista. Ela vem preencher um vazio, uma lacuna histórica no Peru, bastião tradicional da oligarquia feudal, a mais colonial das nações independentes da América.»

A polémica do socialismo

Na nota «O Socialismo evolui para o Capitalismo?», publicada em 4 de Setembro neste suplemento, prometemos dar notícia da tréplica de Gilles Martinet à resposta de Rossana Rossanda. Aqui estamos a resumir os argumentos de Martinet.

Afirma ele que Rossana Rossanda (e Bettelheim) não aplicam à China o mesmo método crítico que utilizam na análise das outras sociedades socialistas, passando em silêncio o facto de também o trabalhador chinês se encontrar numa «situação salarial», posto que troca a sua força de trabalho e «aliena» uma parte, «pelo menos», da fracção não remunerada do seu trabalho, o que significa uma «exploração».

Quanto à duplicidade de Rossana Rossanda e Bettelheim, se nos escasseiam os elementos para uma verificação no caso de Rossana Rossanda, no de Bettelheim podemos talvez remeter o leitor para a sua obra, em colaboração com J. Charrière e H. Marchisio, *La construction du socialisme en Chine*. É certo que a última edição desta obra data de 1968, e Bettelheim não tinha nesta altura a distância suficiente para julgar a Revolução Cultural, acontecimento decisivo na mutação dos seus pontos de vista Mas Bettelheim anuncia um próximo livro, que dado o tema, da «burguesia de Estado», muito provàvelmente analisará a actual sociedade chinesa, para efectuar a comparação entre as várias sociedades socialistas.

Alguns discutirão a expressão «situação salarial» Saltando sobre esta questão de terminologia e atentando no conceito — situação salarial porque o trabalhador troca a sua força de trabalho — cremos ser oportuno lembrar que a generalidade dos economistas sustenta que o salário entendido como forma monetária da parte do trabalhador no produto social é uma necessidade que decorre da existência do mercado. E Bettelheim considera que é impossível eliminar o mercado na fase em que se encontram os países socialistas, qualquer deles.

No ponto da alienação duma parte de tracção não remunerada do trabalho, imagina-se o que Rossana Rossanda e Bettelheim poderiam ripostar ao seu contraditor, pois o economista francês escreveu numa das suas cartas a Sweezy: «é necessário que o plano seja elaborado e posto em prática com base na iniciativa das massas, portanto que concentre e coordene as experiências e os projectos destas A coordenação, para ser real, deve, evidentemente, assegurar a tomada em consideração das exigências técnicas e económicas gerais e das possibilidades objectivas do conjunto. É esse um dos papéis do *centralismo*, mas esta tomada em consideração será tanto mais efectiva quanto o plano repousar antes de tudo na iniciativa das massas, quanto a sua elaboração e a sua aplicação forem controladas por elas Desta maneira o plano torna-se um *concentrado* da vontade e das aspirações das massas, das suas ideias justas». Nestes termos, a tal fracção não remunerada do trabalho é distribuída através do plano de acordo com a conclusão das vontades dos trabalhadores, não havendo pois lugar para se falar de tal alienação

Quanto a haver exploração dos trabalhadores na China, supomos que Bettelheim, Rossana Rossanda, toda a gente, estará de acordo com isso. Lembramos a glosa à crítica do programa de Gotha, que diz assim: «Começar por destruir únicamente a injustiça que é a apropriação dos meios de produção pelos indivíduos, mas incapaz de destruir imediatamente a outra injustiça: a repartição dos objectos de consumo segundo o trabalho e não segundo as necessidades». Uma certa injustiça, uma certa exploração, é pois característica da fase socialista, e não admira portanto, que exista na China. (O leitor interessado poderá ver a resposta de Martinet a Rossana Rossanda no número 300 do *Nouvel Observateur* e a citação que fizemos de Bettelheim em *Lettres sur quelques problèmes actuels du socialisme*. de Paul M. Sweezy e Charles Bettelheim).

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 16 DE OUTUBRO DE 1970 — N.º 66